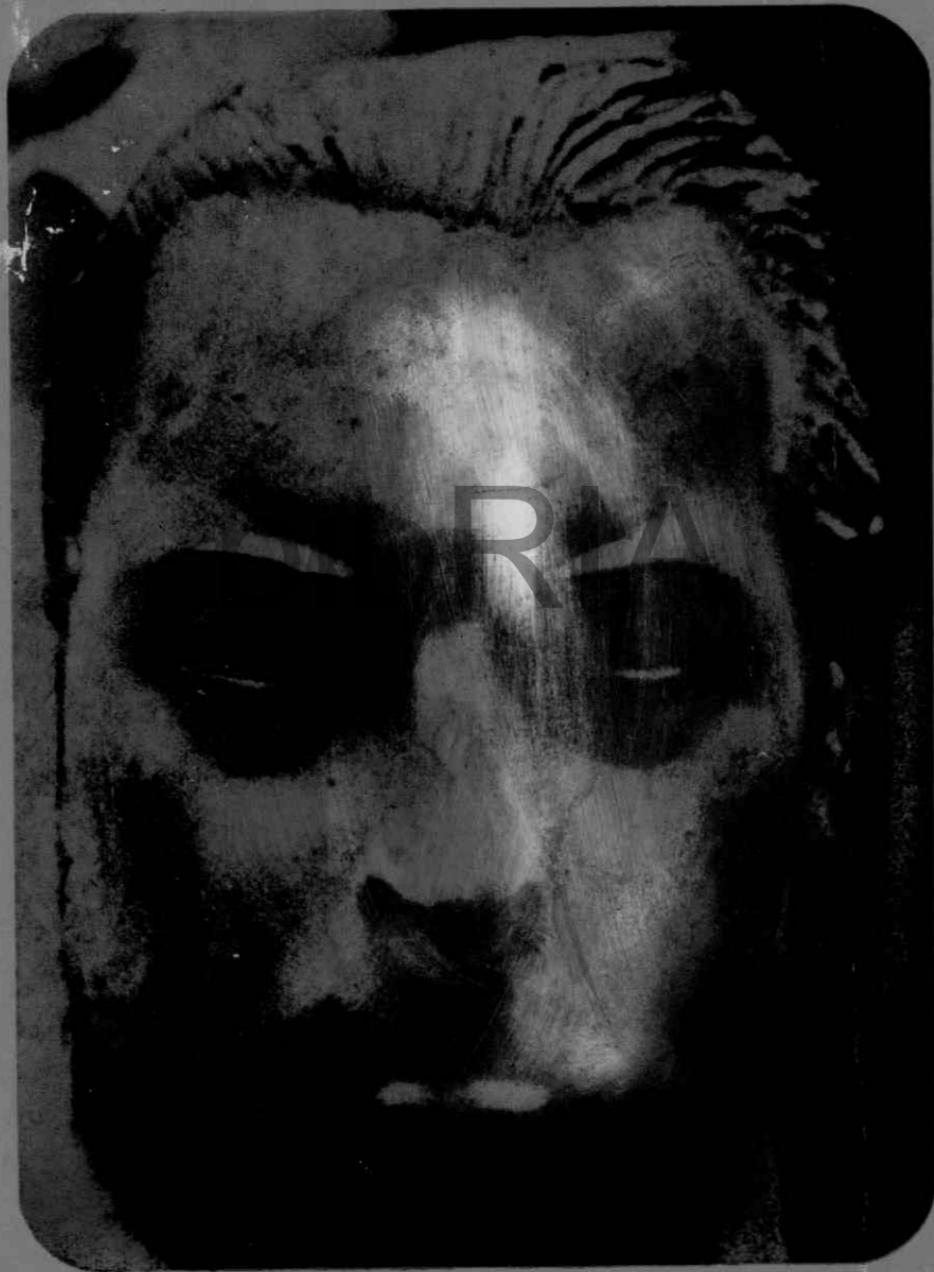


ANTÓNIO DE CÉRTIMA

NÃO QUERO SER HERÓI



PARCERIA A. M. PEREIRA, LDA.

ANTONIO DE CERTIMA

Para o Grande Público

Não Quero

bibRIA

NÃO QUERO SER HERÓI

bibRIA

Capa: barro do escultor MARTINS CORREIA.

ANTÓNIO DE CÉRTIMA

Para o Grande Crepúsculo

I

Não Quero
Ser Herói

romance

Editores



Harceria A. M. Pereira, Lda

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA



S. Pedro
de Palhaça

Concelho de Oliveira do Bairro
Distrito de Aveiro
3770-355 Palhaça
Portugal

DO MESMO AUTOR

COMBATE

- EPOPEIA MALDITA — *libelo de uma derrocada militar, esg.*
LEGENDA DOLOROSA DO SOLDADO DESCONHECIDO DE ÁFRICA, *esg.*
O DITADOR, *esg.*

AS IDEIAS

- DISCURSO À GERAÇÃO LUSITANA, *esg.*
COLÓQUIO COM A MORTE — *ensaio sobre um cantar andaluz*
NOTÍCIAS DE ANTO E DE PURINHA — *vida e paixão de António Nobre*
O PRIMEIRO DIA DO HOMEM FORA DO PARAÍSO — *estudo e visão*
O CARISMA DE FÁTIMA E A TEOLOGIA ISLÂMICA — *sentido e fim das duas religiões monoteístas*

O ESPLENDOR DA TERRA

- I — SORTILÉGIO SENEGALES
II — SEVILHA, NOIVA DE PORTUGAL — *2000 anos de história e de emoção*
III — DOCE FRANÇA
IV — SOBRE AS PEDRAS DE BIZÂNCIO, *a publicar*

VÁRIA

- VOLÚPIA DO MAR — *novela curta, esg.*
ALMA ENCANTADORA DO CHIADO — *crônicas, esg.*
VIDA VOLUPTUOSA — *contos, esg.*
ESCANDALOSAMENTE PURA — *romance, 2.ª ed.*
NONO, NÃO DESEJAR A MULHER DO PRÓXIMO — *seis temas dramáticos*

POESIA

BODAS HELÉNICAS, 2.^o ed.

JARDIM DAS CARÍCIAS, *esg.*

CAMINHO DE SIEGFRIED, *esg.*

TU E O TEU CORPO, *esg.*

TRÓPICO DE CÂNCER — *poemas africanos*

TRAJECTÓRIA SEM FIM — *antologia*

SOLDADO VOLTA! — *uma apóstrofe de combate,*
1.^o Milhar

POESIA MUSICADA

CANÇÃO DAS ESTRADAS NO ESTIO — *música da*
Condessa de Proença-a-Velha

EPÍGRAFE DE LOS OJOS DE ORO — *música de Luis*
Lerate

CANCIÓN DEL ALMA TRISTE DE SUSONA — *mú-*
sica de Ernesto Bacharach

ETERNELLE PRÉSENCE — *música de Monique Urdar-*
rianu

PETITE CHANSON DU DÉPART — *música de Moni-*
que Urdarianu

EM LÍNGUA ESPANHOLA

ITINERÁRIO DE LOS PORTUGUESES EN SEVI-
LLA — *crónica emotiva, esg.*

BALADAS DE SEVILLA EN PRIMAVERA — *poe-*
mas, esg.

A SEGUIR

Para o Grande Crepúsculo (*trilogia*):

II — QUE IMPORTA A VITÓRIA?

III — O NADA E O AMANHÃ

*... And — which is more — you'll be a Man,
my son!*

R. KIPLING

bibRIA

...had - which is more - you'll be a Man,
my son!

R. KIPING

bibRIA

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO 1

bibRIA

Ele se tornou o primeiro Chefe de família, e assim, com uma fébril ansiedade destas de tempos em tempos, encorajando as expectativas da sociedade que buscavam um futuro de prosperidade e bem-estar.

O Herói se tornou a honra de seu povo. Ele, como todos os povos bem formados, nasceu em circunstâncias com a participação das instituições tradicionais, não podia escapar o facto de sua sobrevivência dos privilégios inerentes a um privilégio nacional, embora (diga-se em sua honra) não foi nenhum sublime herói, não bastante desafiando das expectativas abstratas de uma guerra recente. Por isso, a este mesmo povo era indispensável um herói.

PRIMERA PARTE

bibRIA

CAPÍTULO I

Eis que o grande dia tinha chegado. Chegara finalmente com ruído, com azáfama, num febricitante desatar de todos os júbilos, encerrando as expectativas de ansiedade que brocavam os ânimos da comunidade citadina.

O Herói ia receber a homenagem do seu povo. Este, como todos os povos bem formados, mesmo em discordância com a implicação das influências tradicionais, não podia separar o facto da sua sobrevivência dos privilégios inerentes a um protótipo nacional, embora (diga-se em tom menor) um tal monstro sublime tenha saído bastante desfeito das experiências alucinantes de uma guerra recente. Por isso, a este mesmo povo era indispensável um herói

NÃO QUERO SER HERÓI

nacional — e ele ia tê-lo, ia criá-lo. Era coisa para meditar.

Os notáveis da Comunidade, os representantes dos órgãos das actividades docentes, económicas, políticas e funcionais, tinham-se empenhado até à exaustação física na confecção do programa, relevo e derivação do mesmo e sincronização histórica correspondente. Na vida deste povo mourejador e complacente, a sua grande efeméride ia enfim surgir, inscrever-se para os tempos vindouros no calendário das gestas memoráveis.

Ardia-se de impaciência. Os cuidados na preparação de uma esperada grandeza futura, justificavam de sobra o imenso esforço despendido. Muitos meses antes se tinha discutido a localização e a estrutura do edifício em que, nas proporções merecidas, devia celebrar-se a magnífica consagração. Fixado o lugar, longas e sapientíssimas discussões antecederam a escolha da forma architectónica, o estilo das colunatas, o sólio, as bancadas e outros pormenores decoracionais. Depois de algumas opiniões bastante truculentas acerca da escolha dos modelos clássicos (algumas vozes citaram os propileus gregos, a geometria do coliseu romano e até um templo inca do Cuzco), a maioria inclinou-se para o estilo sintético das modernas construções

NÃO QUERO SER HEROI

solares, entre os envidraçamentos à Le Corbusier e os últimos hotéis-capitalistas. E tudo ficou arrumado.

Agora, tendo-se chegado ao termo da esgotante labuta, tudo estava a postos. Abrira-se o que iria ser, sem distorções semânticas, o panteão das glórias vivas. A vasta sala, sob uma abóbada imponente de cristais coloridos, aparecia esquartejada em octógono, com o objecto de simbolizar os oito departamentos administrativos do país. Quanto a este território, trata-se de uma pequena prenda histórica a irritar o poderio das grandes potências, aberta e estrangulada como uma incisão geográfica entre as garras de um vizinho inimigo e a coragem milenária de populações oriundas de um velho império atlântico.

Irradiando do estrado onde o varão insigne iria ser devidamente aclamado pelos seus concidadãos, diversas ordens de bancadas integravam o conhecido hemicírculo das salas solenes. Sobre cada face das altas paredes caía um painel, aguarelado à última hora, ostentando cenas culminantes da épica nacional. Além do povo, desterrado para junto do tecto, e da igreja, isolada na sua reserva, as jerarquias rebentavam dentro do seu próprio espectáculo rebrilhante de casacas, cordões e grã-cruzes, a esforçarem-se por

NÃO QUERO SER HERÓI

assumir aquele ar de dignidade e circumspecção em que insistem os manuais de Etiqueta. Do sector dos académicos — alguns envergando vistosos uniformes pulverulentos — vinha por vezes um pigarreo a fazer jus aos arcaísmos da sua venerável sapiência.

De repente, na augusta Assembleia, onde apenas se dialogava em voz baixa e era visível o propósito de, na compostura pessoal, se manter a linha erecta, alguns comentários insólitos ecoaram, logo seguidos de advertências com tendência para o exaspero e quebra da rectilindade até ali observada:

— É quase a hora!

—

— A hora já chegou!

—

— A hora já está a passar!

CAPÍTULO II

Agarrado à terra pelas raízes dos antepassados mas amando nela o que ela aparenta de mais abstracto — ocasos ascéticos, uma cantilena de ave, a morbidez de uma flor ao luar, a voz de uma fonte nos escuros da noite —, tinha formado os sentidos num primitivismo telúrico, tirando efeitos de prazer e sapiência de todos os elementos naturais. Estes elementos, por uma predisposição do seu espírito, iam-se sobreacumulando em imagens representativas que, se pecavam por desbordamento, tinham a virtude de irem exercendo na assimilação das ideias um trabalho de depuração e de força conceptual. Este estado de representação poética das coisas circundantes, elevava a um nível superior a

NÃO QUERO SER HERÓI

consciência das realidades peculiares às mesmas coisas. Não se deixava, porém, enganar pelos raciocínios desmedidos. Lutava pela nitidez e pelo equilíbrio. Místico à sua maneira no panteísmo em que refervia, as ciências deltheyanas da natureza tomavam corpo nas suas meditações através dos fenômenos empíricos do que poderia chamar-se «o seu sensorialismo de contemplativo.» Era um isolado e um voluntarioso, a que correspondia uma sequência imediata: a de gritar mil entusiasmos para logo amolecer em embevecimentos.

O fim da adolescência e os anos escolares abriram-lhe uma fonte nova de energias subconscientes. Começou a intuir em si ser ele uma parte viva do universo, inseparável de tudo o que acontecia e iria acontecer. Como ação imediata, circunscrevia-se ao meridiano nacional, e logo encontrou no novelismo histórico do seu pequeno país um motivo explosivo a incandescer-lhe a imaginação e a prepará-lo para os altos acontecimentos que ambicionava implantar na linha ignota do seu destino. Ao sentir-lhe as pulsações, deslumbrava-se com a sua própria existência e delirava com a felicidade incomparável de «ser homem». A sua capacidade de sentir e compreender a terra, o céu, a luz, as vastidões aquáticas e estelares, tudo isso por onde

NÃO QUERO SER HEROI

a sua emoção corria como ciclopes dementes, enchia-o de júbilo, de confiança, de excitação. Muitas vezes, no seu deambular de solitário, encontrava-se de repente, sem bem saber como, abraçado às árvores, de ouvido colado aos troncos rugosos, a escutar a ressonância potente das ramarias, e soliloquiando para si: — «Quero entender isto, quero desvelar a alma que dorme aqui dentro!» E deixava-se cair, adormecido, a sonhar com o paraíso terrenal. E sonhava com um paraíso que ele julgava pertencer-lhe e de que se sentia excluído. Culpa de quem?

De súbito, a mudança fora total. Espectacular. Dir-se-ia que o grosso pecúlio de forças geratrizes, absorvido nos alqueives da terra prenhada dos erógenos das sementes, tinha sofrido um impacto sísmico. O sentido da tarefa humana em que se tinha embrenhado, afigurara-se-lhe de repente como demasiado simplório, vazio daquela expansibilidade crítica e protaica sob a qual ele ambicionava levantar agora as suas tendas de caudilho. À pressa, querendo ganhar tempo, «vivia em horas extraordinárias» — comentava —, ocupado a tudo refundir, a buscar gestos e palavras que melhor traduzissem o vendaval a que se acolhera. O mundo e a história dos factos começavam a cruzar-se no seu cérebro, numa aliança de comprometidos.

NÃO QUERO SER HERÓI

As ideias gerais tinham deixado de ser para ele aquelas que desde a infância lhe foram impostas e cultivadas pelas relações domésticas. Começou, pois, por proclamar junto dos mais próximos do seu convívio mental:

— A essas, tenho que torcer-lhes o pescoço!

Naturalmente, os pais, que lhe estavam dando o saber com sacrifício dos seus meios, cobrindo muitas vezes de lágrimas a alegria de o ver triunfar, começaram a rabujar, senão mesmo a protestar, alanceados. Foi um golpe imprevisto, um contratempo sem espera. Pois como poderia ele conciliar, no fundo dos seus sentimentos de filho amante, a satisfação dos seus projectos de homem com as imprecações e até mesmo o ódio daqueles a quem tanto adorava que só para eles queria tornar-se «maior»? Luta longa, silenciosa, a derreter as entranhas. E vieram as ameaças como último argumento válido por parte dos progenitores — algozes tornados naufragos pela impiedade do filho:

— Se não arrepias caminho, expulsar-te-emos.

Não podia crer. Quase que endoicecera. E foi então que começou a saber do peso de uma ideia quando essa ideia tem um fundamento natural.

Sentia que tinha razão. Mas opô-la ao homem a quem devia a vida — este acontecimento pró-

NÃO QUERO SER HERÓI

prio que não se cansava de celebrar —, seria uma indignidade rude que o feria e lhe doeria para sempre. Para os seus pais — pensava —, ele era o fundamento natural da ideia em que eles o tinham criado — e até mais: gerado. Poderia, por conseguinte, sem erro grave, afastar a inteligência desta ordem de raciocínios? Que partido tomar? E moia-se de elucubrações cujo único objecto era, pois, o de sopesar os argumentos que apoiavam no seu espírito as duas posições irreconciliáveis. No fundo, nenhuma revisão da sua attitude lhe parecia possível.

Depois disto, ele considerava-se preparado para os grandes acontecimentos de si-próprio. E foi assim que, numa certa manhã, ao fim de uma noite desesperada, com algumas lágrimas molhando o travesseiro, tomou a resolução de romper com a autoridade paterna e lançar-se para a frente, sem peias, para os caminhos em que sonhava. Não o fez sem pagar um pesado imposto à dor. No peito do réprobo não se tinham secado os canais da ternura, visto que ao longo dos seus noventa mil quilómetros de vasos sanguíneos, o que ali corria era ainda o amor dos que lhe haviam dado nascença. Apesar de todos os esforços em contrário, não pôde dominar-se e, enterrando as unhas no tórax, gritou:

— Estoira, coração!

NÃO QUERO SER HERÓI

*

* *

A guerra dos homens tinha chegado. Dos homens? Mas este empenho trágico em que são postas à prova as capacidades humanas mais ferozes e destruidoras, poderá porventura ser considerado como uma empresa de seres ou entes lógicos com o manancial de vida em que eles surgiram à superfície do universo? Temos, no entanto, que nos cingir ao uso incorrecto da expressão convencional para não utilizar a definição mais coerente chamando-lhe «a guerra dos monstros» ou dos *anti-homens*.

Enfim, sem muito querer circundar, a hecatombe estava lá, a ensopar a terra de sangue e a encurtar a magra existência humana. Adiantando-se à chamada que mais tarde o esperaria, ele não hesitou, deixou-se embrulhar numa nova aventura cerebral e começou a mexer todos os cordelinhos que o levassem ao lugar dos combates. Seria uma experiência estrondosa — pensava. Mas um outro impulso lhe ordenava ainda os riscos da aventura. Doía-lhe na lembrança a

NÃO QUERO SER HERÓI

ferida aberta pela sua rebeldia no coração dos pais. Que não secava. Que cada dia, cada semana, cada mês tornavam mais hiante, mais insuportável. E um ano passara já sobre a consumação crudelíssima. Como recolocar-se no amor daqueles a quem tanto tinha magoado? Só o acréscimo de um acontecimento grande, a oferta de um acto que igualasse em sacrificio o valor da ofensa. E na sua alma de criança (em ternura e em sonho) nasceu uma ideia de herói. Decidiu que lhes dedicaria o cume do esforço ou o cume da vida; uma apoteose ou um holocausto. E as contas ficariam saldadas. Pelo menos à maneira brava, primordial, como a sua natureza lhe indicava de saldar os assuntos graves. A pequena nação, que, nos momentos de perigo, sabia comunicar aos que a serviam o seu instinto histórico de marcialidade, encontrava a calhar no estado moral do dissidente um terreno mil vezes propício às explosões da épica de cor local. E quase sem se dar conta desta obra subterrânea de aliciamento, o inquieto rapaz era já uma vítima do conceito dos «altos destinos» para que se sentia nado. Como reagiria ante a frieza da realidade dramática que se aproximava?

bibRIA

CAPÍTULO III

No conspícuo Areópago, como atrás se referiu, uma exclamação enorme tinha-se elevado. Os ânimos continuaram a enrubescer-se e terminaram por assumir colorações de brasa. Para mais, um elemento defectista introduzira na sala um augúrio pernicioso:

— Ele não virá!

Uma flecha de Zeus, adaptada aos tempos actuais, não produziria maior efeito. Como de um monstro de mil cabeças, escaldado por descarga atómica, um clamor tronitroante irrompeu, animado de um entusiasmo furibundo onde, num absurdo do júbilo que se celebrava, o sarcasmo parecia intrometer-se, radiante:

— Ele não virá!

NÃO QUERO SER HERÓI

— Não virá!

— Não virá!!

Contra a enormidade que começava a tomar pé entre o auditório, uma voz, subindo mais alto que todas as outras, vergastante, estentórica, proclamou com segura:

— Virá!

Inexplicavelmente, um silêncio caiu, total, acatador.

Lisonjeada com a reviravolta que suscitara, a mesma voz retomou a «deixa», colérica:

— Quem gritou aqui, «Não virá»?

A sala foi percorrida por um estremecimento respeitoso. Podia ouvir-se: as moscas adejando e os pulmões bombeando oxigénio.

Isto não agradou ao intrometente. Insistiu:

— Em nome da ordem, repito: Quem soltou aqui aquelas vozes?

Surgiram apoios, a colaborar:

— Deve ser um dissidente!

— Um sabotador!

— Não é dos nossos!

— Talvez do grémio dos bem-pensantes!

— Talvez da parte do diabo!

— Que seja expulso!

— Isso, que seja expulso!

Então uma berraria uníssona ecoou:

— À rua! à rua! à rua!

NÃO QUERO SER HERÓI

A voz do intrometente «tomou corpo» e, na primeira fila das bancadas, ergueu-se um cavalheiro adiposo, ajoujado ao peso das comendas e do sobrecenho, com uma nave estilizada em flor verde-mar bordada sobre a casaca, o qual retomou a palavra para verberar o desaire que estava a prefaciá-la sessão — que a título algum poderia merecer o deslustre e confusão para os quais alguns díscolos encapotados pretendiam arrastá-la. Ameaçou mesmo de delatar aos serviços respectivos os fabricantes do pandemónio. Proferiu até uma indicação...

O público ripostou com um ululo colérico. Não suportava aquilo. E sobreveio uma desordem na calma, com medida, bom senso, mas um extraordinário vigor. Consequência irremissível: dois homens rigorosamente fardados à usança antiga de mordomos ou camaristas, aproximaram-se do cavalheiro adiposo e convidaram-no a dirigir-se à sua terra natal.

Executada a sanção, um impaciente, sentado junto do tecto, perguntou cá para baixo, a ple-nos pulmões:

— Ainda valerá a pena esperar!...?

ADMINISTRATIVE DOCUMENTS

The following documents are available for review and copying at the National Archives and Records Administration. For more information, contact the National Archives and Records Administration, 8600 Rockledge Drive, Bethesda, MD 20814-4302, or call 1-800-347-7000.

1. [Illegible Title]

2. [Illegible Title]

3. [Illegible Title]

4. [Illegible Title]

5. [Illegible Title]

6. [Illegible Title]

7. [Illegible Title]

8. [Illegible Title]

9. [Illegible Title]

10. [Illegible Title]

bibRIA

The following documents are available for review and copying at the National Archives and Records Administration. For more information, contact the National Archives and Records Administration, 8600 Rockledge Drive, Bethesda, MD 20814-4302, or call 1-800-347-7000.

11. [Illegible Title]

12. [Illegible Title]

13. [Illegible Title]

14. [Illegible Title]

15. [Illegible Title]

16. [Illegible Title]

17. [Illegible Title]

18. [Illegible Title]

19. [Illegible Title]

20. [Illegible Title]

CAPÍTULO IV

Retomemos o fio da história do nosso biografado. A sua reacção perante os pontos de choque onde se dizimava a vida, não tinha desiludido ninguém. Ao contrário, os ímpetos de uma vitalidade sadia, orientada por uma espécie de pragmatismo moral da experiência, levam-no a procurar no pior dos riscos o seu índice pessoal de resistência à morte. Escolar de leis, lamentara algumas vezes não haver seguido os caminhos da medicina para, de braços abertos, num sacerdócio total, lutar afincadamente a favor da vida, contra o sofrimento e contra o fim daquela. Em si-próprio tentava agora medir o seu *tonus* resistencial. Isto valera-lhe já muitos dias de hospitalização, algumas citações na

NÃO QUERO SER HERÓI

Ordem do Dia e despeitos nas fileiras das armas. Amava os homens na sua força e na sua pureza de criadores de formas e de sonhos quase divinos. Queria ver em todos um Prometeu por realizar. E também um *poverello* buscando incessantemente o seu irmão Sol, a sua irmã Água, a sua irmã Flor. Mas o cadinho humano da guerra tinha-lhe revelado misérias e anomalias jamais concebidas. No entanto, no seu ânimo incorruptível, tudo se minimizava e depressa se obliterava. Acreditava em si e esforçava-se por viver dessa confiança. De todos os lances menos cimeiros, de todos os episódios mais desastrosos, mesmo das decepções mais desarmantes, pretendia tirar sempre uma lição de energia. A «vil matéria» era também para ele a «sublime matéria», — barro inegalável onde se modelavam todos os seus júbilos e prevaleciam, formais, todas as suas esperanças. E, voluptuosamente, dedicava-lhe os fluidos necessários à sua sustentação: bravura, pundonor e uma delicada respeitabilidade.

Agora mesmo, na rude enfermaria improvisada num esconderijo da floresta, mascarado de compressas e ligaduras, a coxa direita dilacerada até à rótula, o seu estado de «grande ferido» dava a extensão da sua valentia, que ele executava sem alardes nem fumaças de teatra-

NÃO QUERO SER HEROI

lidade, impetuoso e calado, ultrapassando sempre a linha dos seus homens ou arriscando-se em iniciativas pessoais onde por vezes já tinha deixado alguns quartilhos de sangue.

Desta vez a coisa fora grande. De tal modo que o «42» da 3.^a de fuzileiros (estirado ali, na cama vizinha), a quem tinham amputado um braço e guarnecido a laringe de plástico, não pôde resistir a gorgolejar, ao vê-lo entrar, amparado por duas faxinas negras:

— Eh, pá! pareces mesmo um açougue...

Aquilo era assim mesmo. Não se vai para a guerra para fiar na roca. E aquela era demasiado tenebrosa, demasiado falaz. A *guerrilha* — táctica dos fracos — não dava tempo à lealdade, ao frente-a-frente judicioso, decerto mais destruidor mas também de mais nobre empuxo humano. Não há técnica nem arrojo. Cai-se «às escuras», estúpidamente, tocado por uma bala ou por uma seta de que se ignora a trajectória.

Ao espanto do «42» obtemperou molemente:

— Faz-nos bem ver o sangue... conhecer-lhe a cor...

O soldado, chocarreando:

— E a «medana»...

Ele:

— E também isso... — E caiu sobre a cama, sem sentidos.

NÃO QUERO SER HERÓI

Quando voltou a si, tinha já sido levado à pequena mesa das operações e devidamente recomposto dos descalabros físicos de que tinha sido vítima. Tresandava a éter. Dois dias depois já dispunha de fôlego para restabelecer conversa com o vizinho do lado.

O «42» dos fuzileiros era um rapagão musculoso, ruivo, que, duramente ligado ao catre, tinha um ar das múmias colossais, imobilizadas com beleza no fundo dos sarcófagos faraónicos. Rude mas bom, e cultivado. Nortenho, era seco nas palavras e nas ideias, que o curso de matemática tinha dissecado até às últimas distorções negativas.

— Sabes, aquela tua ideia do «medo», quando eu entrei na enfermaria, gostaria de esclarecê-la contigo. Tu, por exemplo, tens medo?

— Eu? — E num tom sarcástico de dúvida: Não sei...

— Pois eu sei que sim, que tenho. E é por essa razão que estou aqui.

— Não entendo o que dizes. Só se é «escavado» como tu estás, quando nos atiramos para a frente de guelras em brasa. E isso não é medo.

— Pode tê-lo sido.

— Agora, sim, que não compreendo nada. Estás com febre...

NÃO QUERO SER HEROI

Havia já algum tempo que através do caniçado das paredes se escutava o ruído de passos velozes, entrecortado de vozes ininteligíveis que se perdiam entre o arvoredo espesso. De súbito, um grasnar seco de metralhadora começou a ouvir-se ao longe, seguido de explosões de morteiro.

O soldado, fazendo um movimento com o ouvido:

— Parece que temos zaragata.

O outro:

— É possível. — E sem dar grande importância ao caso: — Vamos antes à nossa conversa. Não, eu não estou com febre. Faz por perceber bem o que te vou dizer. Há uma audácia inconsciente e uma audácia consciente. A primeira, engendra o herói transitório; a segunda, suscita o herói definitivo. A audácia consciente mede de antemão a extensão do perigo a que se expõe, a fim de preservar o valor oposto a esse perigo. Ora, o momento dessa avaliação é exactamente o do medo. Sucede somente o seguinte: que, em imediato e comprometida no acto, a audácia consciente vence o medo e dá corpo à aventura; enquanto que, a outra, é vencida por ele, ficando para sempre desfigurada, inerte, no ricto da sua caveira miserável. — E movendo a cabeça para

NÃO QUERO SER HERÓI

o lado do soldado: — Inteiraste-te agora do que é o medo?

— Inteiarei. E por isto: porque também o temo.

— Perfeito. Minha mãe resumia tudo o que te expus numa expressão simples. Era esta: que quando tinha medo, pensava em Deus.

— Não me formei na Crença. Por isso nego o valor de uma tal expressão. Mas, sabes? quando estou perto da morte, penso sempre Nele.

— Decerto. No entanto, não debes esperar que se esgotem as esperanças para tentares uma aproximação. O teu coração é bom.

— És um amor, pá! Tu também tens um coração bom. Dá-me a tua mão... — A voz estava a tornar-se difícil, pastosa. Tinha perdido muito sangue. Às vezes era agitado por espasmos de asfixia. Estendeu o braço para o espaço existente entre as duas camas.

Ele, por sua vez, estendendo o braço:

— Toma! — E as duas mãos apertaram-se num supremo enlace de affecto.

— Diz-me como devo crer em Deus...!

Ele, soerguendo-se a custo, empolgado:

— Diz: «creio...»

— «Creio...» — E não foi mais adiante. Uma convulsão, e os olhos cerraram-se para sempre.

NÃO QUERO SER HEROI

Ao mesmo tempo, um grupo de enfermeiros e um oficial médico, acompanhados de soldados dos Serviços de Transportes, entraram a correr, gritando com energia:

— Depressa, depressa! Os bandos estão aí. Temos que transferirmo-nos para o Sul. Saiam todos os doentes.

As rajadas dos nossos faziam uma barragem de aço a retardar o avanço dos assaltantes.

bibRIA

bibRIA

CAPÍTULO V

Podemos ainda recordar o *brouhaha* que perturbou a insigne Assembleia no momento em que esperava a chegada do Herói. A responder à voz que se levantou logo após ter sido executada a primeira sanção, um outro notável tomou a palavra para invectivar o impaciente das últimas bancadas:

— É uma impertinência o que acabamos de escutar! Não estamos aqui para mudar o rumo às nossas intenções mas sim para cumprir uma das nossas grandes obrigações civis.

A mesma voz, intervindo de novo:

— Nós a saberemos cumprir sem que alguém nos guie para tal fim!

NÃO QUERO SER HERÓI

O mesmo notável:

— Protesto! Isso é uma insinuaçã_o de desconfiança aos que nos convocaram para que aqui os representássemos.

Outro impertinente:

— Mas em nome de quem e de que princípios?

— Dos nossos.

— Não está certo. Queremos os de todos!

Muitas vezes, à porfia:

— Os de todos! Os de todos!

Vozes das primeiras tribunas:

— Dos que estão na Lei para proveito de todos.

Grande algazarra nas bancadas junto do tecto. Vociferações.

— Para proveito de alguns! Só de alguns... Isso é o que é!

O notável anterior, que era um homem magro, de bigodinho grisalho, erguendo o braço onde faltava a toga de linho branco:

— Parafraseando os antigos, poderemos dizer: «Inimigos do Senado». Prendam-nos!

Sucedeu o incomensurável entre aquela gente de bom-tom e de todos os tons. Choveram impropérios, voaram os papéis onde, em letra certa e miudinha, bem arrumada, estavam redigidos os discursos que se pronunciariam na sessão de

NÃO QUERO SER HEROI

honra, e só não se lançaram laranjas porque estes frutos já tinham caído todos da árvore. (Afinal, os homens, faltando-lhes a disciplina ou a educação, são todos os mesmos!).

O público reagiu de novo com um repúdio irado.

Outra vez os dois mordomos desceram ao hemiciclo. Aproximaram-se do homem magro, de bigodinho grisalho, e convidaram-no a sair e a dirigir-se à sua terra natal. A maioria tinha levado a melhor.

bibRIA

bibRIA

CAPÍTULO VI

O ataque ao posto onde se instalara a enfermaria de emergência, tinha provocado medidas desconcertantes. Sem ambulâncias nem o restante material capaz de assegurar um transporte adequado, a retirada fora um milagre de improvisações. Felizmente, úteis. Partiu desta causa a necessidade de que o nosso ferido viajasse até ao dia seguinte rolando no fundo de um camião com o cadáver do amigo morto ao lado. O choque moral que resultou da singularidade de uma tal situação — dizia-o mais tarde —, abriu-lhe o caminho a meditações que o colocaram na recon-sideração da caridade e da humildade.

Perante a vida extinta do seu companheiro de armas, morto em pleno palpitar da sua ener-

NÃO QUERO SER HERÓI

gia exuberante, ele descobria o sentido oculto do destino de cada ser. Paul Bourget, conversando um dia com o filósofo americano William James, tirou dele a asserção de que não pode haver no «consequente» o que virtualmente não existia no «antecedente». Esta morte, sem um antecedente natural, controlado, na vida plena do seu amigo, criava por si só, e a partir dela, um consequente de uma importância indeterminada. Esta importância, de natureza psíquica, ele sentia-a tomar forma no seu espírito, ali, naquela noite com aquele cadáver, através de um conceito experimental. E os bens do mundo, utilizados na sua forma mais generosa, como ele o estava praticando, levavam-no aos sentimentos paralelos da caridade e da humildade, vendo neles a comunhão com as deficiências e agonias do homem.

Para o homem em ebulição das suas forças, o contacto com a morte acelera a vida, mas o contacto com um morto entorpece-a. Estava decorrendo o Outono africano, estação curta e profundamente dolente. A luz escorria tintas de velhos Veronesos e, no ar, um sabor doce e

NÃO QUERO SER HEROI

enjoativo a frutos tropicais. Em convalescença numa estância de saúde, no sopé de uma serra-nia que um rio amarelado refrescava, além das leituras e dos exercícios obrigatórios, o prazer da meditação sobrepujava qualquer outra distracção gratuita. Acontecia-lhe, porém, que, juntamente com as recordações excitantes, vinham também as obscuras, as pungentes, e entre estas as que, ligadas à casa paterna, lhe enchiam o coração de lágrimas.

Já alguém soube descrever capazmente o amor dos pais? Nenhuma pena, nenhum engenho humano jamais o saberá fazer. É um amor todo vivido por dentro, não se alimentando de nenhuma paixão externa, perecedora, e, portanto, sem possibilidades de poder exteriorizar-se em palavras. Ele, mais que ninguém, compreendia os efeitos desta verdade inalterável, visto que nas relações de profunda ternura que o ligavam aos seres amados que lhe tinham dado vida, era parco, recolhido, na maneira de exprimir os seus affectos, recorrendo sempre às formas de acção para dar o verdadeiro significado àquilo que desejava comunicar. A sua incorporação voluntária nas fileiras armadas era a prova espantosa deste gosto inveterado em antepor a realidade dos factos à virtualidade das

NÃO QUERO SER HERÓI

promessas. Acerca, precisamente, deste último exemplo, uma equação se apresentava agora ao seu espírito, que o mergulhava num acervo de inquietações: a atitude assumida para com os pais, impondo-lhes sofrimentos inenarráveis, teria já sido compensada pelos seus sacrifícios e «ousadias» do presente? Em que medida estariam uns para os outros?

«Condecorado com a medalha de cobre de Valor Militar, com Palma, porque, como comandante de uma esquadra de lançamento de lança-granadas foguete, sempre demonstrou uma eficiência invulgar em todas as operações em que tem tomado parte; militar consciente dos seus deveres, tem incutido uma invulgar disciplina de fogo na sua esquadra, que domina com um perfeito e excepcional à-vontade; deixou bem patente o seu valor quando, preparando o seu grupo para um ataque, foi surpreendido por uma emboscada e, não tendo sido ferido, acorreu sem hesitação, apesar do risco em que se encontrava, ao local onde as granadas-de-mão inimigas tinham rebentado, e arrastou os feridos ali estendidos para locais seguros; armado depois de uma bazuca, foi à procura do inimigo, sendo nessa ocasião gravemente ferido». Tendo-se arrastado de muletas até à sombra do manguei-

NÃO QUERO SER HERÓI

ral que bordava o rio, sentou-se sobre a proeminência de velhas raízes encavalitadas e lia com um sorriso de desvanecimento e de mágoa as referências que acabamos de transcrever e lhe diziam respeito. Tinham sido publicadas na Ordem do Dia da unidade, algumas semanas atrás, e que agora mesmo acabavam de lhe chegar às mãos. Com esta leitura, o seu problema voltava à superfície. Mas seria grato aos seus pais o que ele estava fazendo?

Mergulhou a vista na corrida langorosa das águas onde o vento sussurrante dos palmares levantava soturnidades, e abismou-se a pensar: — que a sua vida íntima se encontrava, afinal, encerrada num círculo de enfiamentos dramáticos.

Um assomo de raiva fremiu-lhe nos nervos. A vista toldou-se-lhe. E veio-lhe a ideia de lançar-se ao rio, onde iria satisfazer a gula dalgum sáurio que o espreitasse.

Mas não era isso o que lhe palpitava no ânimo enérgico, renovador. Reconstruir os acessórios da vida, refazer os homens podando-os dos seus poderios cruéis e das suas falsas abnegações, seria um emprego útil a que ele desejaria oferecer juventude e apostolização. (Respondendo uma vez a um inquérito sobre o que gos-

NÃO QUERO SER HERÓI

taria de ser, redarguiu: «o vencedor de Austerlitz ou o coração-de-ouro de Assis»).

Por exemplo, isto, esta guerra dura que estava ali, para a qual ele havia corrido, entusiasmado, no gáudio viril de vir a ser uma pequena mola no movimento da épica engrenagem, e na qual ele detectava agora as forças obscuras que levavam o homem a dizimar o homem pela única razão de se querer impor, de um certo lado, a supremacia do Económico. Voltámos às origens — monologava —, isto é, só para ver o colosso das cavernas devorar as aves do céu!

As ideias básicas da sua formação social oscilavam. Outras se sobrepunham, cimentadas pelo raciocínio prático.

Próximo dele tinha pousado uma dessas aves imundas, carniceiras, de pescoço pelado e pernas altas de espique, que frequentam, em África, as lânguas palustres. Os pensamentos em que se debatia, tomavam forma numa expressão que quase chegou a sair-lhe dos lábios:

— Eu devo matar?

Bruscamente, num gesto precipitado, amarrotou na mão a folha da Ordem do Dia que tinha lido havia pouco e ia arremeçá-la ao rio quando uma ideia súbita lhe fez suspender o gesto. Com calma, alisou de novo o papel e guardou-o na algibeira do blusão do uniforme.

NÃO QUERO SER HERÓI

Abandonou o lugar e, à noite, à luz de uma vela enfumada, sentar-se-ia à mesa e escreveria a seguinte carta:

Queridos pais: Penso vê-los em breve; quero ir vê-los em breve! Este pensamento é já um alvoroço que me cura de muito desengano. Preciso retomar a minha «humanidade» e recuperar sentimentos quase extintos. A folha de serviço que aqui vos mando servirá para depararem nela com algumas confirmações de certas qualidades que me transmitiram, e também para vos pedir desculpa de não ter sabido morrer para me fazer perdoar o mal que lhes tenho feito. Do vosso filho, muito do coração: X.

Retrocedamos um pouco. Quando abandonou a margem do rio, era já o fim da tarde e a noite tropical caía sem avisos. Resolveu deixar a estrada carroçável e tomar o caminho mais curto de uma picada onde o ímpeto vegetal, produzido pela tumefacção vigorosa das seivas, quase obstruía a passagem. Sem o ter pensado, em breve se encontrou ladeando algumas filas

NÃO QUERO SER HERÓI

de cruzes humildes, confeccionadas em troncos rústicos, que assinalavam o lugar onde, no último inverno, uma emboscada traiçoeira tinha feito tombar alguns dos seus camaradas mais queridos.

Contraíram-se-lhe os músculos e uma névoa de tristeza desceu-lhe ao coração. Sob aquelas tumbas de exílio, já invadidas pelo furor das lianas bravas, arrasadas, ficariam perdidos para sempre, até à consumação dos séculos, os germes de tantos sonhos e obras grandiosas representados nesses seus intrépidos companheiros que tão generosamente tinham vindo trazer ao negrume da selva o fulgor da alma dos grandes continentes. Lembrava-os a todos e queria destacar alguns com quem mais de perto tinha convivido sob as tendas ou no inferno exaustivo das marchas, e que, como ele, tinham amado esta tenebrosa aventura com os arroubos do garoto que, na febre da adolescência, folheia um album de cromos fascinantes. Coxeando, entrou na clareira e começou a espalmar a mão sobre a terra fria dos montículos. Era uma maneira de levar a sua solidariedade de vivo àqueles que nunca mais veriam levantar-se o sol sobre os lares felizes onde o vinho e o pão lhes tinham sido dados para que vivessem e formassem outras gerações generosas e humanas. Sobre estes que ali dor-

NÃO QUERO SER HERÓI

miam, sobre todos os outros da mesma abalada heróica, ele escreveria mais tarde (num memorial que suscitou uma torrente de interesse e discussões), unindo-os a todos na evocação fraterna de Irmão-Soldado: «...É por isso que, neste momento, eu sinto necessidade de evocar a tua figura já legendária. Vestido de luar, o teu espectro levanta-se e caminha por todas as encruzilhadas do N.. O meu coração acompanha-te e, como um irmão embrulhado nos farrapos da mesma dor, segue os gritos, os prantos e as ousadias desse teu coração a estalar de intrepidez e de mil angústias!» Falaria assim a sua compleição de homem enérgico e de poeta fora das horas «oficiais». Deteve-se mais tempo junto de uma cruz que ele por suas próprias mãos tinha trabalhado com carinho especial. Jazia ali o corpo do «serrano» a quem ele chamava o Bébé pela candidez de olhar e das elocções, embora forte no ânimo e em cultura latina. (Por desastre nos amores, tinha a pecha de monologar alto a ode de Horácio a Barine, que começa: *Ulla si iuris tibi peierati / poena, Barine, nocuisset unquam;*). Ficou a recordar o lance terrível, vendo-o ainda com os olhos azuis muito abertos, o crânio estoirado por uma *dun-dun*, estirado no fundo da trincheira que tinham cavado à pressa, já sob o fogo rasante

NÃO QUERO SER HERÓI

do inimigo. Poucos minutos antes de ser atingido, ele tinha-lhe pedido: «Se tu voltares, diz lá em casa que não os envergonhei, e que os levo comigo». Baixou-se com dificuldade (a perna do ferimento sofria ainda de anquilose), osculou a terra do montículo sepulcral e andou buscando grossos pedregulhos com que protegeu este das garras da bicharia nocturna.

Recomeçou a caminhada. Começava a odiar a guerra. Mas amava os que a faziam, como aqueles que ali dormiam — cinzas de uma juventude que nunca mais se recuperaria, e que eram o preço do desastre. Outros, porém, dos que ficavam, iriam retomar a batalha para fazer dela uma prova de energia ou procurar mesmo nela uma ocasião para ver surgir à superfície, às vezes numa surpresa alucinante, certas qualidades que dormem no fundo do quotidiano, certo «grande acontecimento» que, trágicamente, só se revela no momento em que a vida vai desaparecer. Outros, também, retomariam a batalha mas na direcção objectiva das ideias, maduros de experiência humana e, como tais, aptos a orientarem a Comunidade num programa de autoridade comum e de felicidade comum.

— Sem dúvida, ele estava aprendendo a ser homem!

NÃO QUERO SER HEROI

Este modo de expressão-símbolo, de frase-guia absolutória de todos os desastres em que o seu heroísmo tinha tropeçado, havia tomado uma projecção vigorosa no seu espírito. Provi-nha daqui a razão pela qual, sem o desejar, ele se escutava a bater alto as palavras (aplicadas, certamente, à conjugação da primeira pessoa), ao mesmo tempo que o corpo, marchando sincronizado com o chapinhar das muletas, se ia engolfando na penumbra morna do lusco-fusco.

Num recovo da pista onde a selva se fazia mais espessa, o seu ouvido começou a ser impressionado pelo ecoar de monossílabos gentílicos formando, por um lado, uma voz que se afirmava violenta, imperiosa, e, por outro lado, outra voz que se recusava, exaurida, plangente. Intrigado, internou-se no mato seguindo na direcção marcada pela ressonância da disputa dramática e foi impressionante a cena que se lhe deparou. E não era para menos. Amarrado, de pé, a um morro esburacado de térmitas, sobressaía o corpo nu de um indígena espadaúdo, esforçando-se, frenético, por se desprender, a remover os olhos esbugalhados de terror. A cor da pele, de um avermelhado de cobre, fàcilmente o identificava: homem dos *macondes* — tribo dura de braço e carácter. Em frente dele, um

NÃO QUERO SER HERÓI

soldado *landim* preparava-se para o amanhã afiando uma faca de mato. Então apressou-se quanto podia, quase sem ser apercebido pelo grupo trágico que, de boca a boca, trocava insultos e desculpas, num roldão de pragas e termos dialectais cujo eco amedrontava. Gritou ao *landim*:

— Quietos já. Você que fazer?!

— Matar *maconde*.

— Matar? Porquê?

— *Maconde* matar meu irmão...

O indígena amarrado, movia com desespero a cabeça, a dizer que não.

— E irmão de você onde está?

— Foi naquela guerra... — E apontou na direcção da floresta onde se encontravam as tumbas há pouco visitadas.

— Mas então você não viu, não sabe que foi este homem...

— Sim, foi gente *maconde*. Este homem ser *maconde*.

— Você estar louco. Dê-me a faca... — E ergueu o braço da muleta para o desarmar.

O *landim*, numa fúria, empunhando a lâmina para dar o golpe:

— Senhor deixa a mim, que eu vai ficar maluco. Tem que matar mesmo!

NÃO QUERO SER HEROI

Um pulso forte impediu-lhe o gesto. Constrangida pela dor, a mão abriu-se e o ferro caiu no chão.

O movimento fora brusco. Deslocando-se para a frente, o corpo desequilibrou-se e ele tombou desamparadamente sobre a perna ainda não curada. O soldado, ao ver o branco caído, e demais a mais tratando-se de um militar graduado, sentiu-se comprometido e desapareceu.

Surgiu um exercício difícil. Magoado com a queda, não lhe foi possível levantar-se com a rapidez que desejava. Começou, por gestos repetidos, a tentar apoderar-se da faca caída a distância. Depois, soerguendo-se quanto podia, iniciou libertar o preso cortando um a um os ligamentos de cânhamo que o fixavam à árvore. Terminou exausto, deixando-se de novo cair sobre o solo.

Outra cena inesperada o espantou. E não menos insólita. Assim que se viu desligado, o misérrimo indígena correu a ajoelhar-se junto do seu libertador e ali ficou por momentos a beijar-lhe devotadamente os pés. Em seguida tomou-lhe o corpo e começou a ajudá-lo a levantar-se. Feito isto, deu-lhe as muletas e ofereceu-lhe depois o seu ombro para facilitar-lhe as primeiras passadas. O auxílio não foi recusado e a caminhada do regresso iniciou-se lenta,

NÃO QUERO SER HERÓI

bizarra, tendo como segundo personagem este estranho Simão Cireneu, grupo a que a poalha do luar (estava-se no plenilúnio), crivada pelas ramarias, emprestava uma unção de sobrenaturalidade. As hienas começavam a ouvir-se, na chicotada do seu grito de vagido agressivo.

Nessa noite, debruçado da tarimba, depois das emoções e episódios desse dia assinalável, ainda encontrou disposição para, uma vez escrita e fechada a carta para os pais, anotar no seu canhenho o incrível episódio que testemunhara. E tendo-se examinado a ele próprio e ao impulso que ordenou a atitude do tribal a quem deu e de quem recebeu apoio, terminou assim:

Na miséria e no inferno do Continente Negro, este exemplo deveria ser meditado pelos falsos redentores dos povos a quem sorvem o sangue e o ouro sem nada lhes darem de fibras do coração. Vou dormir. Mas, na noite que chega, este exemplo perfurará a noite para se desdobrar, do lado de lá, no dia claro e converter-se num novo apelo aos nossos esforços, à nossa perseverança e ao nosso gosto de amar o que defendemos. Que, em última análise, é bem por isto que aqui nos deixamos trucidar.

CAPÍTULO VII

Afinal, a agitação que se tinha produzido na reunião dos notáveis, convocada exclusivamente para pronunciar o panegírico de um valente cidadão da Comunidade, ameaçava converter este propósito num outro menos adequado ao local e ao momento.

A algazarra continuava. Elevou-se uma voz calma, compassada, a querer apresentar um raciocínio lúcido, contemporizador (talvez a de um poeta ou candidato a um Alto Emprego Público):

— Meus senhores: não estamos aqui para apreciar a falibilidade do homem! Por conseguinte...

NÃO QUERO SER HERÓI

Não o deixaram concluir. Uns aplausos sem vontade estalaram, frouxos, logo absorvidos por uma tempestade de recriminações.

— Por conseguinte, schiu! — entrecortaram à uma duas vozes possantes dos representantes das escolas primárias da filosofia laica. E proseguiram:

— Pois é exactamente o conceito dessa falibilidade do homem que nos deve pôr vigilante perante a ruína do social.

Emergiram ombros, bustos, alguns encabeçados pelo oval lustrino de certas fronte abandonadas no crepúsculo das morgues.

— Do social? Quem fala aqui do social?

Uma espessa berraria:

— Todos nós!

— Todos nós...! Quem, por exemplo?

Com um sadismo regozijante e furioso, os diversos escalões das hierarquias comunitárias vozeavam a respectiva identificação. E não foi sem um hebetamento de estupor que, entre o enunciar das diversas actividades, ressaltassem as seguintes, unidas no mesmo voto das suas procuradorias:

— Ramo dos Bancos e Instituições de Crédito!

— Ramo dos Estivadores Portuários!

NÃO QUERO SER HEROI

Do mesmo grupo que fazia ressaír fortes espáduas e bustos, uma voz adocicada:

— O que estou ouvindo é uma vergonha e uma injustiça. Há que medir circunstâncias e pôr os homens no seu lugar e dentro das suas ideias. O esforço no esforço e a razão na razão. De resto, para além das palavras e pela razão experimental, sabe alguém definir com fundamentos concretos o que é o social?

— Eu sei.

Todos olharam com curiosidade o interlocutor. Era outra vez o poeta (ou candidato a um Alto Emprego Público). Ante o súbito silêncio da Assembleia, as palavras foram caindo, produzindo o mesmo efeito de pesadas bolas de bilhar arremeçadas, num circo, sobre a cabeça pintalgada de um palhaço (cómico e pungente):

— ... É a aspirina actualmente recomendada para a cura das dores de cabeça das sociedades humanas e equivocadamente super-desenvolvidas.

A voz adocicada:

— Protesto. Parece-me de muito mau gosto que nesta Assembleia, a todos os títulos digníssima, alguém se aproveite para tornar-se interessante. Os interesses do povo não se adaptam ao humorismo.

NÃO QUERO SER HERÓI

Vozes da galeria:

— Disse muito bem: Os interesses do povo!
Do lado direito:

— Do povo?

Do lado esquerdo, com todos os pulmões:

— Do po-o-o-vo!...

Neste momento, algo de insólito sucedeu. Como desatando-se por um impulso instintivo, a voz do poeta (ou candidato a Um Alto Emprego Público), secundada pela de um grupo de acólitos, interveio com um coral *fortíssimo*, seguindo a palavra «povo» de um esquecido predicativo eufórico:

*... Ele é a fera / há dez mil anos a rugir / na
noite da gleba — essa prisão!*

Muitos apartes...

— Bravo!

— É bonito!

— É poético!

E voltando-se todos para o lado donde tinha saído o inesperadíssimo coral:

— Saudemos o poeta! Viva o poeta!

Foi neste momento que uma figura redonda, pálida e vermicular, querendo dar a sua nota pessoal de mexericar na literatura, tomou a palavra:

— Se não se maçam, é só para esclarecer

NÃO QUERO SER HERÓI

que o fragmento de estrofe que acabam de escutar não é da autoria de nenhum pequeno poeta vivo, mas sim de um grande poeta morto!

Avermelhado pelo exaspero, o cidadão da voz dulçorosa cortou qualquer nova resposta para pontualizar:

— Irra! É impudente e censurável esta intorção da seriedade para que alguns pretendam arrastar o espírito da nossa reunião — tenho que frisar pela segunda vez. Retomo o meu pensamento: Quanto ao povo, esforçamo-nos por todos os ventos em dar-lhe justiça e em dar-lhe pão. Entendido?

Muitas vozes junto do tecto:

— Não entendido. Não queremos que no-lo dêem, queremos ganhá-lo! O senhor ouviu bem?

— Não ouvi nem quero ouvir. Nós queremos dar, não queremos que no-lo exijam.

— Escolas, meu caro senhor. Escolas *primárias*... E o nosso tempo já não pertence às escolas, aos grupos, aos clãs. O tempo é nosso, o tempo é de todos.

Todo o grupo das altas espáduas:

— De todos? — E desataram em altas gargalhadas: — Ah! ah! ah! — E logo, com grande convicção: — É de todos mas na maneira e com o sinal como deverá ser distribuído!

NÃO QUERO SER HERÓI

As galerias:

— Sofismas, abuso de atribuições!

— Isto é demais. Não suportaremos tal linguagem. Fora! Fora!

Estas invectivas tomaram um incremento inesperado. Tudo se embrulhou, gritou, explodiu. Deram-se ordens extremas.

Os dois mordomos de serviço, muito hirtos nas fardas lampejantes, com um ar de os lisonjear a tarefa que executavam, voltaram a acompanhar até à porta, desta vez todo o grupo de largas espáduas, convidando-o a regressar, segundo a origem de cada um, à sua terra natal.

Eclodiu então um grande acontecimento. Como se obedecesse a um plano pré-estabelecido, alguém, vindo sub-repticiamente do exterior, com cúmplices entre os mais graduados e sisudos da assistência, fez correr rapidamente cortinas e reposteiros, accionou o comando automático das altas janelas e portas e seccionou todos os fios. Nem luz, nem som. Um acto que participava do disparate e da tragédia. Por conseguinte, arrepiando ou fazendo rir. E o caos começou. No escuro ressoava o estridor cavo dos murros e bofetadas, acompanhado de impropérios violentos e delacções escandalosas. Todos os sectores das grandes empresas e operações mercantis se acusavam reciprocamente pondo a

NÃO QUERO SER HERÓI

descoberto a corrupção e a venalidade daqueles que eram os mais integrados no teor constitucionalista do País. Enfim, o tiroteio verbal não era de menor impacto que o das armas mortíferas.

bibRIA

bibRIA

CAPÍTULO VIII

Ele teimava em ser valente.

Apontado para o regresso e quase a terminar o período da convalescença, um fundo sentimento de tenacidade vinha-lhe de dentro e arrastava-lhe os nervos a pedir luta, febricidade, acção. É a condição dos homens que viram o sangue brotar-lhe do corpo como consequência de luta voluntária. Por um fenómeno ainda não explicado do subconsciente biológico, este deramamento exterior da riqueza vital rompe os diques do medo e cria um deslumbramento ante a realidade da energia que se possui.

Dada a precaridade numérica das fileiras e avultando também a eficiência do seu caso pessoal, não lhe foi difícil obter uma reentrada

NÃO QUERO SER HERÓI

por um período embora curto no serviço activo da unidade a que pertencia. E rejubilou.

— Eh, pá, és um compincha de grande estilo!

E toda a malta dos *lanzudos*, laivada de cicatrizes e de citações descomunais, veio nessa tarde, depois de, na parada improvisada, um oficial superior ter lido o disposto na Ordem do Dia, enchê-lo de abraços e dalguns socos afectuosos.

Não ficaram ali as efusões dos camaradas. Na reunião dessa noite na bojuda palhota que uma bordadura de pesados frutos do coqueiro enfeitava, num arremedo pomposo de sanefas, e sobre cuja entrada, em letras pintadas numa asa queimada de avioneta, se lia — *RITZ-CLUB*, as libações e a turbulência multiplicaram-se entre a magra falange dos que não tinham sido escalados para a vigilância na selva.

Uma escapatória do perigo é a exacerbação dos instintos. Bebe-se, ama-se, abre-se a válvula do humorismo ou do drama num exagero que, até ao transe, ninguém poderia suspeitar. Com o pretexto de referendar a atitude do camarada e excitados, por conseguinte, pelas condições naturais da função bélica em que estavam engrenados, todos se consideravam bem dispostos e mesmo um tudo-nada felizes.

— Afinal, isto por aqui não é tão mau como

NÃO QUERO SER HERÓI

o fazem crer no País... — emitiu o *tigre negro*, do sector operacional de Caçadores. E sentou-se no chão com uma garrafa de aguardente de caju ao lado.

— Claro que não... claro que não... Isto está mesmo às portas do paraíso! — ripostou uma voz, vinda do fundo do bar, irónica.

Outra voz:

— Bem... É uma questão de uma pessoa se adaptar.

Terceira voz:

— É isso: de se adaptar, de criar o seu mundo...

Quarta voz (de um estudante patrocinado — e desiludido — pelas *Recherches Scientifiques* de Paris):

— Que não é a mesma coisa. Adapta-se o que não tem nada para dar e só recebe o que lhe dão. Quanto a saber criar um mundo, o «seu mundo», é preciso ter disposições, qualidades, para, esteja onde se estiver, fazer surgir uma vida que lhe pertença a ele só. Entendido? Mas não falemos nisso. Vamos beber! — E ergueram-se copos rasos de um *whisky* centenas de vezes misturado com outros ingredientes.

O *tigre negro*, de Caçadores:

— Volto à minha: organizem a vossa vida, façam dela um paraíso...

NÃO QUERO SER HERÓI

Vozes:

— Como tu, que a tens organizada à boa maneira «nativa»...

— Enganam-se, não é daqui. Os pais desceram muitos rios para chegarem a estas regiões. E aposto que ainda nenhum de vocês a viu, nem a nenhuma conheceu como ela.

— De que raça?

— De uma tribo do Norte, cujos antepassados foram quase extintos nas pelejas dos árabes de Omar contra os etíopes. Uma tribo de atletas e mulheres como gazelas.

Todas as vozes:

— Oh! oh! oh! — E vieram todos acocorar-se em volta dele: — E ela como é?

O *tigre negro*, estendendo-se no chão e rete-sando o corpo em linhas felinas:

— Assim, como uma pantera cor de fogo... e os olhos muito verdes, cor de salsa verde...!

O grupo, baixando a voz, em confidência:

— Conta, conta tudo! Queremos uma descriçãozinha... um «croquis» íntimo...

Depois de emborcar um copo de álcool com limão, de um frasco subtraído da Enfermaria da C. V.:

— Pode-se descrever uma «delícia»? — E tartamudeando: — Mas então, lá vai! (Deixou que todos se aproximassem para sorver as reve-

NÃO QUERO SER HEROI

lações indiscretas e, elevando rapidamente a voz, começou a gozar do efeito que, por decepção, as suas palavras produziriam): — Membros finos; movimentos elásticos; dimensões mínimas nas medidas convencionais; olhos verdes, como já disse; pigmentação arruivada, epiderme de oiro fosco. — E mudando de tom: — Contentes?

Todos protestaram. Que aquilo não era uma conferência de imprensa ou um esquema económico... Que ele era um «gajão», um mistificador! E o despeito acelerou os copos e uma berberia infernal envolveu o protagonista da aventura. — Queremos detalhes, menino, detalhes...

Um sorna, da secção de Sapadores:

— Não o «encabrestem» mais. Já disse o bastante para sabermos que se trata de uma espécie de Miss Tropical, de um explosivo fruto do país... — E dirigindo-se ao da narrativa: Não é isso, pá?

O outro, embezerrado:

— É isso, quanto ao fruto... mas verde para os pacóvios. — E levantou-se, rápido como um raio.

Fez-se nova algazarra, com troca de epítetos por vezes muito pouco cordiais. Todos se levantaram. A seguir, quando os ânimos se aquietaram, uma voz informou:

— Pois eu tenho melhor...!

NÃO QUERO SER HERÓI

— Melhor? — exclamaram todas as vozes, e os ouvidos ficaram atentos.

Falava o ex-estudante, mestre de precalços recebidos e provocados. Dirigindo-se a um do grupo:

— Lembras-te daquela morena da faculdade de letras, que alterava o estudo de Spinoza com a leitura dos dez volumes da sexologia de Havelock Ellis? — E dirigindo-se a todos: — Pois meus caros, não há no cinema qualquer modelo físico a que a possa comparar, nem requintes amorais que lhe façam sombra (e poderemos pensar no virtuosismo que vai da escola sáfica da grega Bilitis às iniciativas do parlamento sueco...).

— Tu disseste, melhor. Mas melhor em quê?

— Bom, é preciso entendermo-nos. O «melhor» em amor tem hoje um sentido lato e misterioso. Cada país tem até cânones apropriados para o definir e a que submete as regras do jogo. Falo deste meu caso porque o considero típico dentro da modernidade e da transcendência em que pode ser revelado o sortilégio de um corpo de mulher.

De súbito, todos se calaram. Uma emoção fez estremecer o ar. Palavras erradias:

— Um corpo de mulher!...

— Nada tão doce!

— Nada tão grande!

NÃO QUERO SER HEROI

— Nada tão desejado!

— E também nada tão capaz de ser menos nosso...!

Passado este hiato adorativo, a vozearia voltou, e um, e outro, e outro e todos confidenciaram a sua história.

As histórias do homem que vive em solidão são sempre recordações ou invocações de um corpo de mulher — que foi ou há-de vir.

Por isso naquela noite, no interior do folclórico barracão, muitas histórias galantes embalaram o coração dos homens. — O coração dos homens! Perante o simples enunciado desta frase, emergem à superfície do nosso espírito as meditações mais inextricáveis, indizíveis e profundas. Tanto lhe devemos e nada lhe perdoamos! Foi Maeterlinck quem arrancou ao escuro universo da palavra esta síntese de sonho e de mágoa, que vale só por si o renome de um escritor:

*Si j'étais Dieu, j'aurais pitié du coeur
des hommes...*

A porta abriu-se e uma figura, que bem poderia ser a de um marciano ou fugida de um quadro de Jerónimo Bosch, irrompeu na «sala»

NÃO QUERO SER HERÓI

do clube e dirigiu-se aos bancos do bar, onde caiu exausta. Era uma figura terrosa, amolecida de fadiga, camuflada numa indumentária de guerra que a tornava monstruosa. No conjunto físico duas evidências: as pupilas reflectindo uma vida distante e o expressionismo das mãos — inquietas, delicadas, preênceis. Um pára-que-dista.

A malta cercou-o imediatamente como um enxame:

— Eh! homem, que te aconteceu?

— Há que tempos que nada sabemos de ti!

— De que sítio vens?

Uma pausa. Depois, vagarosamente, as palavras tinindo como pontas metálicas:

— Das portas do inferno...!

— Conta, conta lá isso!

— Caídos numa armadilha. Uma falha do helicóptero fê-lo retirar precipitadamente, sem ocasião para nos recuperar. Ficámos quatro dias no capinzal com «eles» na nossa peugada. Comemos raízes e humedecíamos a boca com a cacimba que, de madrugada, escorria nos caules. Por fim arreventámos com o bando, mas por um preço caro: um dos nossos foi desventrado e outro carbonizado sobre uma pira de maçarocas de algodão. Assisti à cena por detrás de um poilão oco

NÃO QUERO SER HERÓI

da salalé. Um horror. Consegui chegar ao posto de M'lamba, donde alertei a avioneta que acaba de me trazer aqui.

— És um valentão! — E foi uma montanha de abraços.

— Fazemos todos o mesmo. Isto é de arrebentar ou viver. Dêem-me um trago...

E um líquido amornado, com a etiqueta falsa de *Blended Scots*, encheu outra vez todos os copos.

Que grandes guerreiros, estes do corpo de «élite» de pára-quedistas! Cérebro vivo, coração forte e nervos de aço. Uma prenda de rapazes, vivendo quase sempre muito acima das realidades do quotidiano; ainda homens e já não homens, numa vocação de anjos apocalípticos que se satisfazem destruindo. Preparando o amanhã? Esta verdade pressentida será já para muitos o guia e o pão da sua audácia varonilizante. Quando penso neles, penso sempre na resposta, vinda dos lábios de Mermoz — outro Soldado do Céu —, quando um dia lhe perguntei o que pensava ele da terra ao encontrar-se voando na liberdade ilimitada das alturas. Foi concisamente esta: *Ne plus descendre!* Nesse instante, senti o meu e o coração de todos os homens ascenderem para as imensidades sem controle.

NÃO QUERO SER HERÓI

*
* *

Com o grupo, encarregado das tarefas do bar, movia-se uma criatura anafada, de alguns pés de altura, simpática mas grotesca, com uns olhos salientes rolando nas órbitas como bolotas negras, zebrados às vezes de fugas de júbilo para logo se anoitecerem num poceirão de melancolias.

Filho dos amores espúrios de um fazendeiro branco, numa hora de canícula modorrenta, com mulatinha muçulmana, era uma besta mecânica que a deformação física exauria sob o látigo das chufas. Não parava nunca. Tinha que mover-se, rodopiar, estar sempre «a fazer qualquer coisa», a fim de evitar que sobre ele caíssem as vergastadas dos impiedosos. Designavam-no por um apodo: o *Sagúim*.

Era tarde. Já se tornavam nítidas no céu do Índico as duas nebulosas de Magalhães, marcando o Sul. Fechada a porta do «clube», todos empreenderam o regresso aos dormitórios. O homenageado, ou melhor, o que tinha dado mo-

NÃO QUERO SER HEROI

tivo à azougada reunião, era o que parecia ter-se divertido menos. O pendor para a introversão empurrava-o durante horas para abismos de silêncio. Depois de se despedir dos camaradas, viram-no tomar a mão de *Sagúim* e seguir com este palestrando. Sentia necessidade de dirigir a alguém algumas palavras não comuns. Disse-lhe que queria oferecer-lhe uma bebida e tomou com ele o caminho da palhota onde se acomodava, construída ao fundo da parada, junto das defesas de arame farpado.

A singular disparidade destes acompanhantes tinha, no fundo, uma explicação. Tão opostos nos modos e nos desígnios como opostos no tablado do mundo, a vida projectava-se para os dois, naquela noite, sob o mesmo esgar trágico, modelando a mesma máscara de arrepios. Não era para refrescar as goelas do anão que ele o tinha trazido consigo. Condoera-o as humilhações com que o vira tratado e, por momentos, quis entrar nas funduras daquela alma onde os fulgores de todas as quimeras morreriam nos trapos da sua desgraça física.

Deixou-se cair sobre a cama. Por sua vez, olhando para dentro de si, sentia que, no peito, o coração se lhe torcia como esponja sem líquido, causando-lhe sensações como as do gelo a baixas temperaturas. O que tinha ouvido contar aos

NÃO QUERO SER HERÓI

seus companheiros repercutira nele, nas fomes do seu sangue, num sobressalto angustioso. Fora um ricochetear de chamadas sem resposta. Tinha já visto a morte, iria amanhã caminhar outra vez para a morte, e que sabia ele do amor? Empenhado em disciplinar os sentidos no esforçado idealismo do martelo do ferreiro, tinha querido guardar-se do amor para mais tarde melhor saber corresponder-lhe. Teria valido a pena? A resposta estava ali: os outros iriam amanhã para o desaparecimento, mas engorgitados da vida que tinham vivido; e ele marcharia para o mesmo fim, — triste, fracassado, sem ter nenhuma história de amor para contar.

Sagúim também quis desenrolar o estendal das suas amarguras de falso-palhaço.

Procuraram dois copos. Beberam, num torvo sabor, muito calados. E os dois, observando-se, tinham lágrimas nos olhos.

CAPÍTULO IX

Parece aceite como verdade indiscutível de ser difícil aos homens governar as almas. Estas escapam-se sempre por uma das duas portas mais ao seu alcance: a que leva ao Purgatório ou ao rio Letes. Quanto à porta que conduz ao Infinito Celestial, esta permanece reservada às almas sobre as quais nenhuma lei dos homens tem domínio.

Tal frustração do poder leva-os, por despeito, a transferir a empresa para os precários domínios da identidade física e civil, assentando ali, numa reciprocidade sem aviso prévio, a sua guerra total. Olvidam, porém, que este acto contra a espécie se retorna contra eles próprios, entrando assim num sistema de auto-destruição.

NÃO QUERO SER HERÓI

Era o que estava agora acontecendo no micro-mundo social congregado no bizarro edifício em que a urbe tinha feito repousar as suas ambições mais grandiosas, tanto ao classificá-lo de construção-tipo do ultramodernismo arquitetural, como também ao considerá-lo abrigo de cidadãos do mais dilatado exemplo moral, — modelos biológicos de uma pequena Comunidade racial ante os colossos sem classe dos agredidos internacionais. Na verdade, o que ali dentro se tinha consumado bem poderia definir-se, em linguagem dos tempos *ominosos*, pelo que então estava convencionado chamar-se «revolução de palácio», isto é, sem um tiro na rua, um assassinato à porta fechada ou uma ignomínia de direito público que enchesse de gozo a hostil ansiedade das escrupulosas agências telegráficas de informação. Os efeitos do acontecimento atingiam o significado de um cataclismo político, e no entanto os cidadãos do pequeno Estado, em perfeita coesão com os seus tribunos, davam uma estrondosa lição de disciplina e bom-senso nacional. A irritação das grandes potências, desejosas de intervir, acendia lumes para lá das fronteiras. É para isso (sabêmo-lo bem...) que as Chancelarias se afanam a redigir, cautelosas, os enternecidos tratados de Amizade Não-Agressiva. Pois não é...?

NÃO QUERO SER HEROI

Era sòmente um combate de palavras o que neste momento fazia o rescaldo daquela passageira alteração da ordem vigente. A luz, o som, o «dia» tinham voltado e com estes um novo dia se tinha implantado nos destinos políticos da referida Comunidade euro-mediterrânica. A propósito das dimensões desta, um dos novos tribunus que se encontrava no hemiciclo — os antigos «representantes» tinham sido todos substituídos —, respondia à preocupação nacionalista de um jovem no patriciado das escalas governamentais:

— Que o seu orgulho não se aflija pelo circunscrito perímetro do nosso território. Não nos esqueçamos que a sua extensão histórica e cultural ultrapassa a extensão de todos os novos Estados que acabam de se constituir sem ascendência natural para isso.

As vozes da nova assistência:

— Decerto! Aprovado este novo raciocínio.

Repetindo-se:

— Muito bem. Aprovado!

— Aprovado.

Um manifesto assinado por uma egrégia figura das armas, pendia de quase todas as mãos.

Uma voz jovem, repassada de uma viril vibração:

NÃO QUERO SER HERÓI

— Meus senhores, devemos fazer nosso, de todos nós, isto a que podemos chamar o Ultimátum da Energia Nacional. — E lendo: «Que os homens de valor, de coragem e de dignidade me acompanhem para vencer ou morrer».

Um veterano das ideias redentoras, erguendo o papel à altura dos olhos, lia:

— «Às armas pela Liberdade e pela Honra da Nação!»

Um professor de história:

— Queremos identificar-nos «na unidade de uma pátria que não quer morrer»! É assim mesmo.

O ambiente era de brasa. Os espíritos escaldavam. Parecia viver-se essa hora em que o homem se liberta de todo o seu peso humano para ascender, sem mancha e sem pecado, à pureza de um ideal que o guie.

— Às armas! Às armas!

Nisto irrompeu o hino nacional.

Mas torna-se indispensável falar das consequências que a imprevista mutação nos quadros das gerências teria produzido no espírito do

NÃO QUERO SER HEROI

leader (que não o queria ser) da Comunidade Nacional. Como acontece em todos os casos dos que pensam com eficiência e actuam com estrondosos resultados práticos, os conceitos sobre a recolhida personalidade do Grande Condutor eram os mais falazes. Por exemplo, acusavam-no de responsável em certas delapidações administrativas e era honesto até à pobreza; de ser duro, e tinha um coração de criança; de amar o poder e distribuía-o «à outrance» pelos seus colaboradores; de ser hermético à convivência, e era comunicativo até à chalaça e à ironia aliciante; de ser um espírito positivo, e embevecia-se ante as magias de um poente; de ser confuso, e era de uma lucidez fulminante; de ser cruel, e era amável e piedoso; de procurar o espectáculo, e não punha sobre o peito o menor «apontamento» honorífico.

Por conseguinte, este homem preciso, convicto, amante do seu povo, fazendo da sua existência um acto de serviço público sem remuneração possível, como teria ele reagido quando lhe foram levar a notícia da brusca substituição dos seus colaboradores mais próximos?

Numa fria e sorridente impassibilidade:
— Já o esperava!...

NÃO QUERO SER HERÓI

E pondo em movimento os músculos da sua fisionomia espalmada, que um grande pintor clássico tinha previsto:

— Vamos trabalhar!

bibRIA

S E G U N D A P A R T E

bibRIA

bibRIA

CAPÍTULO I

Enquanto aguardavam a chegada do Herói, os novos grupos de notáveis, já embriagados na vanglória do mando, divagaram em afirmações comovedoras acerca da alta moral cívica em que pretendiam basear as suas funções. No entanto, e para já, reconheciam que, embora renovados os homens, os problemas fundamentais eram os mesmos. Nesta sequela, entendiam como primeiro esforço de vulto a necessidade de expurgar o regime das concessões individuais com que os antecessores tinham querido remover para as suas fileiras o aplauso dos adversários, conseguindo assim pela remuneração pessoal o que a sua oratória não tinha logrado.

Um dos convocados que, nessa mesma manhã,

NÃO QUERO SER HERÓI

ao entrar num alfarrabista, tinha adquirido uma tradução dos *Pensamentos* de Marco Aurélio, interveio, apoplético de sugestões:

— De acordo com os novos rumos que aqui tenho ouvido defender, quero dizer-lhes, meus senhores, que é tempo de acabar com os novos Robespierres e as novas categorias mandatárias da hegemonia pública, engendradas pela inflação de uma burguesia enriquecida na comercialização e industrialização dos valores económicos do território. Estas categorias, assim artificialmente formadas, levam ao desastre das estruturas do Estado pelos vícios administrativos que as informam.

Aplausos quase sinceros:

— Muito bem! muito bem!

O orador prossegue:

— Agindo à sombra da Constituição e quase sempre contra a Constituição, é sob o seu poder descricionário que assistimos à asfixia de uma torrente de actividades menores, representadas pelo artífice, o escolar, o chefe da lavoura, o rural das profissões liberais, os ingénuos sonhadores das pequenas empresas, dos pequenos negócios, das humildes transacções, — e até os poetas e os moços de cozinha.

Aplausos mais convincentes:

— Bravo! Bravíssimo!

NÃO QUERO SER HEROI

O orador, muito sereno:

— Ainda não acabei. Mas não é sobre o cimo fumarento das barricadas que devemos fazer adoptar o programa da chamada Felicidade Pública. Somos do nosso tempo. Trabalharemos com o material filosófico e político que esta hora — violenta como nenhuma outra para a vida social do universo — nos proporcionar, coado através das deliberações que marcam o tipo da nossa Comunidade entre a felonía dos povos que nos ameaçam. Não evocaremos fantasmas Salvadores, mas recorreremos à vontade firme de progredir pelo bem de todos e de estender a mão a quantos lealmente nos entendam. — E concluindo, com mais força: — Concidadãos! temos dois caminhos: o do sacrifício e o das algemas. Por qual desejais seguir?

A assistência, num unísono estrepitoso:

— Pelo sacrifício, pelo da nossa honra!

Feito o silêncio, após as palmas que sobrevieram, junto da mesa que fechava o hemiciclo levantou-se um jovem aprendiz de filosofia (autor de notas exaustivas acerca das espécies da horta de Aristóteles), o qual, nas suas funções de Secretário da reunião, iniciou a leitura de copiosos telegramas de felicitações pelo «novo estado de coisas», enviados *muito cordialmente*

NÃO QUERO SER HERÓI

pelos chefes de potências soberanas, entre as quais o locutor ia destacando:

- Cosmolândia...
- Federação Maliquesa dos Malgates...
- Estados Livres Incolores...
- Reino dos Ventos Sem História...
- Repúblicas Polarianas...
- Imperiais Ilhéus dos Gaviões...

Aqui, muitas vozes de protesto interromperam a leitura aos gritos de:

— Basta! basta! Felicitam-nos hoje com palavras de mel para amanhã nos anavaharem... Rasguem isso. Tudo para o cesto dos papéis. Tudo para o lixo!

Aquela Assembleia aceitava o princípio da Dignidade.

A temperatura da sala — que ainda não tinha podido instalar o sistema novíssimo da refrigeração —, aliada à natural facúndia que se apoderara dos oradores, havia criado nestes a necessidade de que os líquidos corressem a fluxo. E corriam. Mas das bebidas próprias para o con-

NÃO QUERO SER HEROI

sumo de tais ocasiões estavam banidos os sumos, as cervejas, a coca-cola, assim como qualquer outro sedante susceptível de vírus, tendo estes sido substituídos pelos saborosos vinhos tintos, brancos e rosados dos arneiros do país. Uma tal medida, além de ir produzir imediatamente frutíferas consequências económicas, havia já suscitado um aplauso geral, visto implicar, igualmente, um regresso à replantação da cepa nacional (mesmo com o risco dos hemípteros), contra a praga dos enxertos *americanos*.

E convém filiar talvez nesta mudança o que em seguida vai narrar-se. Porque ou fosse dos vinhos — e esta é a filiação que se quis destacar — ou da veemência convulsiva com que cada um dos oradores se apostou em afirmar a sua fidelidade à Nova Ordem, pela qual «sempre tinham combatido» — sublinhavam sonoramente —, o que é certo é que, pouco a pouco, quase todos os cidadãos foram abandonando os lugares, dirigindo-se em seguida ao recinto que, num dos corredores privados, chamava a atenção dos olhares na saliência de duas grandes iniciais luminosas.

Foi então que teve lugar uma constatação singularíssima, capaz de produzir efeitos retumbantes nos domínios da fisiognomonía. O empregado que, muito hirto no seu vestuário aga-

NÃO QUERO SER HERÓI

loado, ali desempenhava as suas funções correlativas, descobriu, embasbacado até à demência, que cada um dos utentes, ao entrar na ante-sala, depunha sobre os cabides uma fina máscara de plástico que, com particulares cuidados, se ocupava a descolar da pele. Surgia então um rosto no qual ele reconhecia não o cidadão que acabava de entrar, mas um outro que tinha assento na Assembleia anterior — isto é, arauto de outras opiniões e de outros interesses colectivos.

bibRIA

CAPÍTULO II

No intervalo das acções em que tomava parte — e ele não se furtava a nenhuma —, o tempo era agora aproveitado para meditações mais profundas onde o significado dos seus actos e o fim que pretendia impor ao seu destino de homem entravam em constante discussão. No fundo, o tirocínio do perigo a que tinha adjudicado o seu esforço era uma maneira de se encontrar a si-próprio. No obscuro dos seus sentimentos começava a saber destrinçar os imperativos elementares que separam um homem de honra de um patife, um valente de um poltraz. Media-se pela bitola dos actos praticados e daqueles que secretamente moldava na fornalha dos sonhos. E uma alegria forte, saudável,

NÃO QUERO SER HERÓI

acabava por aquecer até ao rubro o metal dos seus entusiasmos.

Ainda nessa manhã, na chefia do «comando» que devia atravessar um rio com o fim de desalojar os atiradores que, da outra margem, estavam flagelando um grupo de sanzalas, ele se tinha deixado empolgar pelo aceso da refrega, terminada à arma branca entre a chamarada dos morteiros e obuses. Voltara todo barrento, a sangrar de feridas leves, mas a estuar de uma juvenilidade arrebatadora. Sentia-se estoi-rar de vida e por isso queria viver — viver! Esta actividade funcional, biológica, umas vezes ridí-cula, outras vezes pomposa, mas quase sempre patética, era nele um acto de missão sacrali-zante e, como tal, exposta ao compromisso de todas as provas, de todos os riscos. Usava um estribilho: «Lutar pela vida e não pela morte». Que risco novo o chamava? Para que risco novo se orientaria neste momento? Tratava-se de uma prova sem riscos exteriores mas nem por isso menos dura: a da solidão sentimental, — conse-quência de uma fina sensibilidade do espírito num corpo que ele considerava apto e fremente. A lembrança daquela noite com os camaradas já realizados no fogo da aventura amorosa, espi-çava-lhe os sentidos, punha-o em cheio dentro do problema.

NÃO QUERO SER HEROÍ

Nasceu daqui a ideia de fazer vir a prometida. Um consórcio civil por procuração e ela estaria imediatamente junto dele. Sim, porque ele, afinal, também tinha uma noiva. Era loira, tinha os olhos de um cinzento outonal e a pele muito branca, de uma palidez dramática como a de certas heroínas de Antonioni. O coração era leve, frágil, e o espírito carregado de lirismo e de bom senso. Com a ingénua louçania das donas das cortes medievais, havia bordado para ele um grande lírio roxo sobre seda nipónica, a servir de brochura ao poema dramático que ele escrevera para ela, com o seu nome de autor incipiente. Era quase da família. As suas relações com os pais sofreram o eclipse da atitude destes para com o filho. Mas no coração dela a roca fiava o mesmo fio do *vrai amour*. Talvez não fosse exactamente aquela que ele desejava trazer para as dimensões invulneráveis do tálamo. O puro romantismo sentimental (como a vacuidade pretensiosa) era para ele uma espécie de sopa em água insípida. As qualidades com que definia em resumo o tipo da mulher preferida, referiam-se a uma elegância com inteligência e muita meiguice. Mas a hora das exigências tinha passado e, nas circunstâncias actuais, o seu problema era só este: receber o affecto comunicado por um corpo de amor.

NÃO QUERO SER HERÓI

Ordenou tudo a correr. O cérebro a estalar-lhe, o coração a bater-lhe como um sino. Escreveu para o Continente uma carta apressada, bastante confusa, acompanhada de documentos, de um instrumento de mandato matrimonial e uma cominação premente: Que o cumprimento das fórmulas civis não retardasse o acto em que estava empenhado (ele escreveu — *empenhadíssimo!*).

Quando despachou este correio, entrou na cantina e pediu uma ração de bebidas alcoólicas para uma noite de serviço no mato. E saiu logo a correr, os ouvidos a zumbirem-lhe de frene-sim.

Com o apoio dos fuzileiros navais e uma secção de engenharia, o grupo que ele comandava tinha subido a margem do Rio Grande, numa missão de limpeza que levou dias. Percurso longo, esgotante, que deixou alguns mortos no caminho. Ele exaltava-se. Às zonas de espessuras espinhosas, afogadas na noite silvestre das altas ramarias que a fragrância acre das corolas descomunais trespassava de olores fortes, sucediam-se as savanas povoadas de antílopes e vales

NÃO QUERO SER HEROI

verdejantes onde as toalhas de água reuniam a mais exótica colecção de pernaltas, desde as garças brancas e jaburus à graça dos ibis e flamingos. «Paisagem de museu ornitológico—anotou ele —, em filigranas de espécies vivas que desafiam o capricho dos lápis mais destros na estilização das linhas». Encontrava uma expressão primitiva de força nas coisas que irrompiam ante os seus olhos. Nas coisas e na terra. Sobretudo nesta terra potente que, pelo seu mistério e vitalidade, se lhe afigurava como as portas de um universo novo, próximo de eclodir. Entendia-a, abria-se carnalmente para ela com o espírito de amor e de sacrifício dos seus antepassados. (E quando ele evocava os «antepassados», não o fazia por considerar-se herdeiro de certos convencionalismos históricos, ligados às gerações anteriores, mas sim querendo interpretar posições individuais de alguém que, antes dele, tinha pensado e agido como ele pensava e agia por ele próprio).

Um golpe de mão imprevisto por parte das «guerrilhas» levou-os a um internamento mais profundo na floresta, acampando durante a noite junto de uma nova via fluvial a que os autóctones atribuíam uma origem enredada de lendas, com a nascente enigmática sob as sombras do Kilimanjaro. País remoto, onde as águas

NÃO QUERO SER HERÓI

límpidas deste rio claro, sem bicharia, fazia pensar a uma veia do paraíso. Veio a manhã e a neblina, muito fina, coava-se através de um leque majestoso de luz que enchia o vale de barras de azul-açafrão ao violeta e oiro coruscante. O vale terminava a montante do rio, entre os cones de duas montanhas cobertas de matagais que se dobravam sobre a água, parecendo sorvê-la. O negro dizia: «terra bebeu o rio!» E nenhuma tribo se aventurava em deslocar-se para aqueles lados.

A vedeta dos fuzileiros circulara durante todo o dia a bater as zonas marginais. Reuniram-se à noite à porta das tendas, branqueadas de luar, e, chupando cigarros de ervas secas, contavam histórias. Foi o furriel de engenharia, da guarnição da lancha, que se apressou a abrir as narrativas com a descrição de um sucesso que impressionou os homens da infantaria, que tinham ficado em terra. E contou o que segue.

Quando nessa manhã manobravam a montante do acampamento, diversas vezes se cruzaram com uma piroga, conduzida por um indígena que parecia evitar a fiscalização afastando-se par junto da margem oposta sempre que se cruzava com eles. Terminada a missão, ao descerem o rio, de novo avistaram a piroga, que outra vez começou distanciando-se da rota da

NÃO QUERO SER HEROI

vedeta. Foi então decidido que se vistoriasse a pequena embarcação, e coube ao furriel de engenharia encarregar-se deste serviço. Deu-se início à operação. E logo que o furriel se encontrou dentro da piroga, esta afastou-se rapidamente da lancha dos militares, enquanto o indígena, bracejando, palavrava, medroso: — «M'zungo, não fazer mal, não fazer mal! Vai explicar.»

Empunhando a pistola num gesto de defesa, o furriel examinava, intrigado, o que se passava no fundo da piroga: ali, sob uma velha pele de animal do mato, emergiam duas cabeças, uma oposta à outra, nas extremidades do barco, tendo os olhos abertos, voltados para o espaço, numa fixidez de doçura e de melancolia que tanto poderia ser de vivos como de mortos — de mortos em obediência a qualquer rito selvagem. Temeroso diante do militar, o ancião que timonava retirou com constrangimento a cobertura e um espectáculo de estupefacção se deparou, insólito, inexplicável. De um lado, uma mulher moça, deitada de costas, as pernas um pouco afastadas, um pano curto a cobrir-lhe os rins; do outro lado e na mesma posição, um rapazote também indígena tinha uma das pernas estendidas de maneira que o dedo grande do pé desaparecia nos órgãos da mulher.

NÃO QUERO SER HERÓI

Concluindo, o furriel contou que, sufocado, ouvira do velho esta explicação: — Que o rapaz, que era seu filho, fora mordido no dedo do pé por um réptil peçonhento, sendo necessário levá-lo imediatamente ao curandeiro da tribo, e que este tinha residência (e consultório...) numa sanzala perto da confluência com o Grande Rio. Que o tempo do percurso era grande e o desenvolvimento da peçonha poderia matar o ferido. Por isso se recorria àquele processo milenário, na certeza de que as segregações hiper-ácidas dos órgãos referidos criavam um campo asséptico de efeitos muito mais poderosos que toda a farmacopeia do homem branco.

E o furriel, terminando, levantou-se no meio do grupo e, de pernas afastadas e mãos fincadas na cinta, interrogou, num desafio ao efeito:

— E quê?...

Todos se calaram, reconsiderando o espectáculo.

Alguns momentos passados, uma gargalhada histérica rebentou entre todos: Ah! ah! ah! ah!... ah! ah! ah! ah!... ah! ah! ah! ah!...

Em seguida, levados pelo estado alucinatorio desta sorte de enervamento, um dos homens levantou-se e começou a disparar para o ar a carga da pistola, e imediatamente todos o imitaram, e um inferno de fogo de fuzis-metra-

NÃO QUERO SER HERÓI

lhadoras, morteiros, bazucas e até granadas de mão, encheu os ermos daquela noite tranquila (espasmódica de luar) de clarões vermelhos e estampidos de Apocalipse.

São as formas do instinto aquelas que mais desejam realizar-se.

bibRIA

bibRIA

CAPÍTULO III

Pela terceira vez o luzente pelotão da Guarda Cívica a cavalo tinha vindo postar-se em duas alas junto do pórtico de entrada do edifício, a fim de, no momento preciso, prestar as honras do estilo.

A grave Assembleia começava a estarrecer-se perante o desastre que parecia anunciar-se. Tinha já retomado os respectivos lugares o grupo de enérgicos causídicos que minutos antes se tinham levantado e saído. E agora mais firmes e convictos de que nunca, estavam dispostos a não deixar passar sem correctivo qualquer acto de menosprezo pelos sagrados bríos da colectividade. Tudo tinha mudado — ou, pelo menos, iria mudar. Eles, os varões impolutos, de

NÃO QUERO SER HERÓI

um só rosto e de uma só fé, ali estavam presentes como afirmação viva dessa mudança.

Vozes:

— No limiar da Nova Ordem, julgamos indispensável fazer com que os horários se cumpram com rigorosa exactidão!

Outras vozes:

— Certíssimo, certíssimo! Mas tanto nos actos privados como no funcionamento dos serviços oficiais.

Uma voz, esclarecendo:

— Tal obrigatoriedade está já inscrita no Regulamento.

Neste momento o alto-falante repetiu a voz do empregado em funções junto do portão da entrada:

— O Comandante do destacamento da guarda-de-honra pede para informar a Assembleia de que, esgotado o período horário do serviço que lhe fora consignado, vai neste momento regressar ao Quartel.

Protestos. Gritaria. Vários interventores:

— Mas isto é insuportável! Outra vez passou a hora marcada.

— Um novo ultrage!

— Uma zombaria aos nossos propósitos de homenageá-lo!

— Uma afronta nacional!

NÃO QUERO SER HERÓI

— Que se expida uma ordem para que seja detido for onde for.

— De acordo: detido!

Uma voz:

— Meus senhores, nada de precipitações! Suplicamos ao digno correligionário que está secretariando esta reunião para que nos esclareça acerca das medidas empreendidas a fim de acautelar este desacato.

O Secretário:

— Tenho a honra de informar a digna Assembleia que, ontem à noite, eu próprio telefonei à autoridade do Ultramar para que esta facilitasse a saída do homenageado. Recebi garantias formais neste sentido. Por isso mesmo despachei esta manhã dois emissários para o Aeroporto, donde há momentos...

— Há momentos o quê?

O Secretário, embaraçado:

— Enfim...

A mesma voz:

— Deixe-se de hieróglifos. Concretize!

— Tenho receio de indispor a digna Assembleia...

— De indispor? Fale!

— ...há momentos os dois emissários telefonaram-me do Aeroporto a informar que, para hoje, não estava assinaladada a chegada de

NÃO QUERO SER HERÓI

nenhum avião daquela região africana; mas que tinha chegado ali uma telecomunicação, com destino à Assembleia, cujo teor...

— Despache-se! Cujo teor...

O Secretário continuando, quase a desmaiar:

— ... se resume nisto: «Que não viria»!

Todas as vozes, ao mesmo tempo:

— Que não virá?... Com mil trovões!

Os grados varões, espapaçando-se nas cadeiras:

— Com mil trovões!

bibRIA

CAPÍTULO IV

Os jornais do país começavam a falar dele com certo calor, citavam-lhe os louvores de campanha, tentavam biografar os múltiplos avatares da sua ainda curta existência. Perante a altura moral dos seus actos, formava-se mesmo em volta do seu nome uma atmosfera de interesse político, com vista à liderança do poderoso agrupamento que inevitavelmente se formaria com o regresso dos homens da experiência guerreira.

Não pelo pecado da falsa modéstia mas por imperativos de um carácter avesso a qualquer especulação publicitária, detido por um pudor inerente ao grau da sua valentia, o conhecimento de tais notícias encontrava nele uma

NÃO QUERO SER HERÓI

repulsa que a todos scandalizava. Depois, a consciência do esforço que ele e todos os seus camaradas estavam realizando sobre a terra dura de África, afastava-o de qualquer ideia de ligação com aqueles que lá longe, fossem eles quem fossem, na retaguarda pacífica dos «bem vividos», especulavam com o sacrifício das noites sem cama, com o sangue dado aos borbotões e a entrega da vida jovem a gritos de uma loucura épica que nada pedia em troca. Com acuidade crítica, escrevia: «Para aqueles que combatem, não há, não pode haver leis políticas, não existem mesmo instituições — mas simplesmente homens!»

Sempre agarrado ao pensamento como alguns se agarram ao gosto das batatas fritas, mentalmente ia discorrendo dentro deste segundo espaço das suas actividades individuais e em que algumas «opiniões» do seu país começavam a reparar para, bem entendido, se servirem delas em seu proveito, ao mesmo tempo que ia devorando quilómetros sobre a almofada desconfortável de um velho «jeep» já bastante maltratado pelo uso e pelas balas do inimigo. Encontrava-se a subir o espinhaço da cadeia montanhosa que se dirige ao Grande Lago, no país dos *askaris*. Ao lado, agarrado ao volante da viatura, acompanhava-o um outro valentão das emboscadas,

NÃO QUERO SER HERÓI

ex-seminarista que, numa dialéctica precisa, sincronizava os estrépitos da metralhadora com graves tiradas de Santo Agostinho. Os dois adoravam-se, facilitando assim o convívio morno dos trajectos na solidão das florestas. Tinham dois pontos preciosos de contacto: a ironia cordial e a introversão sem aviso.

Ele:

— Não te maças em escutar-me?

O companheiro:

— Impossível: por vezes creio escutar-me a mim-próprio.

Ele, dando-lhe uma palmada nas costas:

— Camaradão! Assim, isto vai mais depressa...

O companheiro:

— Mas mais depressa para onde, afinal?

Ele explicou-lhe aquela fuga às necessidades da frente onde se combatia, o espírito liberto de todas as preocupações trágicas, viajando desde manhãzinha num clima de doçura onde até as aves pareciam cantar os incentivos vitais das horas de paz. A unidade a que pertencia tinha sido mandada retirar para o acampamento secreto da retaguarda, onde estacionava com um bónus de descanso de quarenta e oito horas. Aproveitara esta circunstância para satisfazer o convite do régulo do Songui, que há muito vinha

NÃO QUERO SER HERÓI

insistindo para que o visitasse. Este régulo era o pai do indígena a quem, meses antes, o soldado *landim* tinha querido dar a morte. O convite de agora tinha, pois, por fim prestar homenagem ao homem branco que tinha salvo o seu filho.

O dia estava a meio. O sol escaldava. Resolveram fazer um alto para molhar a garganta nuns púcaros de cerveja, de que se tinham munido. Paisagem grandiosa e selvagem. Ele entre-tinha-se a observar as espécies vegetais. Sem ser botânico, amava tudo o que a natureza criava. Chamou-lhe a atenção uma *styrax benjoin*, de folhagem aromatizante, de que, entre outros produtos, se extrai o ácido benzoico. À esquerda, subindo de um desfiladeiro verdejante, uma encosta de morros avermelhados e alguns imbondeiros esfarrapados no espaço, levava a um fortim em ruínas, onde gerações anteriores se tinham batido num esforço de leões agonizantes. Ouvira algumas vezes o relato do que ali se tinha passado: como a história de todos os cercos, desde as muralhas de Jericó até às últimas experiências guerreiras — ou seja sãnhosa, dramática, hedionda. Hedionda na repartição dos sacrifícios e, até algumas vezes na injustiça dos princípios. Perturbou-se de comoção ao evocar alguns dos que ali tinham ficado,

NÃO QUERO SER HERÓI

abrasados de coragem e de saudades da terra natal. E subiram de novo para o «jeep».

O companheiro, levado para outra observação, seguindo com a vista o espectáculo do panorama imponente:

— Aos que, na nossa época, proclamam o valor absoluto da tecnicidade, eu oponho a realidade estável do mundo físico, o qual só aqui, no isolamento desta realidade a que só nós dois assistimos, se poderá bem medir e determinar nos princípios a que obedece.

Ele, quebrando o mundo de evocações em que se tinha abismado:

— Tu preparavas-te a entender e a servir a razão superior do mundo, não é verdade?

— Sim.

— Por que desististe?

— Não por não crer em Deus, mas por não me sentir apto a servi-lo.

— Demasiado humano?

— Não. Talvez por noções do demasiado divino.

— És um desesperado?

— Sou um convicto e como tal desejo acautelar as minhas convicções.

— Mas, paralela às tuas convicções ou contra elas, a tua consciência como ficou?

— Está à vista. Por isso vim para a África.

NÃO QUERO SER HERÓI

— Tu também?

— Eu também...

Pelo terminar da tarde entravam em terras da tribo do Songui, onde os homens eram duros e as raparigas de membros finos e pele lisa, com reflexos de chapa de cobre.

Manadas de impalas atravessavam a pista e refugiavam-se nos palmeirais.

Depois da surpresa que o tinha embasbacado, outro espanto ainda maior o iria deixar atónito.

Era certo que havia acedido à solicitação do Soba mais por espírito de diversão exótica do que para ser festejado. E em muito menos estava a ideia de que pudesse ser recebido em triunfo ou quejandas manifestações de destaque pessoal. Nesse caso, não compareceria. Mas aconteceu que o programa do recebimento incluía uma variedade de preocupações congratulatórias a corresponder em cortesia e apoteose a qualquer dos similares na diplomática do Ocidente. Um canudo!

Logo à entrada do aldeamento indígena, a sua chegada era aguardada por duas filas de homens colossais, nimamente vedados de panos

NÃO QUERO SER HEROI

vermelhos, armados de azagaia e escudo em pele de jaguar, e cobertos por um elmo de plumas de gavião. Sentado num cadeirão, à frente do corpo central do edifício da Residência, formado por três casas de grande pé alto e paredes em matepe, pintadas a branco e laranja, o Soberano levantou-se e veio beijá-lo na face. Seguiu-se uma dança gentílica, executada por um grupo de jovens adolescentes, rigorosamente seleccionadas entre as de maior perfeição plástica, sobretudo uma delas, para a qual o Soba quis chamar a atenção do seu convidado.

O repasto foi servido ao declinar do sol, no terreiro da Residência. Sobre as esteiras de entrançados de folhas de palmeira, dispostas-se preciosas iguarias, desde os assados de capão do mato e perna de corça, acompanhados de um cubo de arroz branco com miolo de coco, aos doces de batata e mandioca, seguidos dos frutos, entre os quais ressaltavam a polpa açafroada da manga, a pera-goiaba e o poliedro acidulado do caju. Das bebidas: líquidos fermentados, um elixir francês e uma água-pé europeia (chegada ali não se sabe como!) a que ele e o companheiro imediatamente se agarraram.

Seguiu-se o batuque. Um batuque de festa grande — descomunal, orgiaco. Desde que a leitosa cabeleira de Leo se tornou perceptível no

NÃO QUERO SER HERÓI

firmamento, os grupos começaram a organizar-se ao som da cadência excitante do tambor. Figuras de vigor físico, embora jovens, o ventre e o rosto florescidos pelo ferro em brasa da cabalística da tribo, em breve a ronda erótica começou a trepidar, a agitar-se em movimentos de bronzes escaldantes que a terra, sentindo-os, quisesse projectar no espaço. Liberdade de sexos total. Nus. Na atmosfera adocicada da noite tornavam-se sensíveis, numa insinuação violenta, odorizações apimentadas a suor e coito selvagem. Alguns pares saíam, procurando o escuro. Por seu lado, o tambor não parava: continuava a ritmar vertigens.

Dormiram ali, naquela noite. O agasalho estava já disposto para os dois brancos. Fizeram-se as despedidas. O Senhor da casa fez gala em honrar o hóspede desejando que no adeus estivessem presentes todas as suas concubinas. Mandou-o depois acompanhar pelo filho — o que ele tinha salvo da degolação — ao compartimento que lhe estava destinado.

— *Ser aqui* — disse o corpulento *maconde*, e retirou-se. — *Bô* noite!

— Boa noite!

Era uma pequena dependência, abrindo para o pátio enramado de bananeiras e hibiscos. E foi então que surgiu o outro espanto. Empurrou

NÃO QUERO SER HEROI

a porta e, vendo-se no escuro, fez lume com o isqueiro e acendeu uma mecha de sebo que encontrou espetada numa papaia, cortada na extremidade e posta ao alto sobre um banco. E olhou.

O chão estava coberto de peles de chacal. Acompanhando a parede lateral, destacava-se uma quinanda em pau-ferro com embutidos de freixo aromático, coberta por um pano branco, à maneira de lençol, terminando, no topo, por duas almofadas em pêlo de gato bravo, também brancas. Ao lado da quinanda, sentada no chão, o queixo apoiado sobre os joelhos, uma túnica leve a cobrir-lhe a nudez, os olhos brilhando amedrontados, encontrava-se a adolescente para a qual o Régulo lhe havia chamado a atenção durante a dança executada no momento da sua chegada ao terreiro. Teve um temor. A casa em que tinha entrado, o indígena de quem era hóspede, faziam-lhe admitir o manejo de qualquer estratagemas ou «fantasia» para qualquer acto imprevisto. De uma maneira ou de outra, com um epílogo não muito de desejar. Deteve-se, pois, hesitante mas também fascinado, embrenhando-se a procurar uma solução que se apresentasse capaz e, sobretudo, não desperdiçável... Decorridos que foram alguns momentos (que voaram rápidos), ela, intrigada com as hesitações incompreensíveis do visitante, despiu vaga-

NÃO QUERO SER HERÓI

rosamente a túnica e, aproximando-se dele, começou a retirar-lhe, também vagarosamente, todo o vestuário que ele trazia da rua.

Foi então que ele tomou verdadeiramente consciência do que se passava. Já tinha ouvido contar histórias semelhantes. Mas aquilo agora não era uma história. Ele era o actor, o protagonista em carne e osso, ou também a vítima em carne e osso, do que iria acontecer. Em atenção à ordem prática, ele sabia que, no fundo das coisas, a explicação estava ali: a gratidão do pai, senhor da velha tribo Songui, manifestava-se buscando para o salvador do seu filho a mais tenra, a mais núbil e a mais bela das filhas do seu povo. Ela ali estava, e tudo era isso, sem rodeios, sem reticências e... com impunidade!

Mas ele estava a sentir-se sem tempo para raciocinar. As mãos dela tomavam iniciativas que o surpreendiam ainda mais. Reagia, parecendo-lhe que, através do cérebro, a noite se enchia de ruídos e exclamações espantosas. Vieram-lhe, por outro lado, pensamentos reaccionários e inoportunos, motivados por certos princípios de honra masculina, pela ideia da noiva e ainda, na obscura memória, o cacarejar dos ditames morais do seu velho professor de latim. Havia ainda uma fuga. Renunciar? Entretanto,

NÃO QUERO SER HEROI

ela ia-o colocando sobre o caminho escorregadio das doçuras...

Devidamente amestrada pelas matronas de Eros da tribo, a pequena serva, preparada para pequena jóia de prazer, estava na posse de segredos que, na finura, a punham na escala das baideiras hindus e, na ciência, no plano das animadoras de Messalina nos prostíbulos de Suburra. E tudo o que sabia, era sem experiência; tinha audácia e era pura, conhecia já todos os vícios e nenhum tinha ainda amolecido a sua carne de fruto verde.

Ele quis ainda acender um cigarro mas compreendeu que os gestos seriam inadequados. A adolescente, despojada de todo o artifício, estava agora estendida sobre a cama, imobilizada, os membros retesos, as pupilas dispersas num apelo incessante e voluntarioso. Ao contemplá-la, ele, que era homem e que era forte, sentiu-se por momentos ridículo diante de um ser tão pequeno e que lhe infundia tanto respeito.

Inerte sobre o pano branco da quinanda, ela dir-se-ia a plastização de um ídolo morrente. O corpo estava suavemente untado de megalino, que fazia espelhar a pele cor de cobre. Acompanhando a descida triangular do ventre, uma singularidade hipnótica se ostentava: tatuado sobre a pele, um círculo de pequenas placas

NÃO QUERO SER HERÓI

brancas e redondas formavam naquele lugar uma estranha constelação de luas — fetiche de augúrio feliz. Os lábios secavam-se-lhe. Às pupilas verdes começavam a assomar lampejos de crueldade — crueldade primitiva, reivindicadora, que nasceu com a fêmea para a imposição do acto de amor.

Vistas bem as circunstâncias, dir-se-ia que a vítima esperava o sacrifício como se a ideia deste a envolvesse num prazer previamente estabelecido e desejado. E a verdade é que do sacrifício involuntário a que ia sujeitar-se, ela só esperava retirar o gosto voluptuoso que o seu conhecimento técnico do amor lhe pudesse fornecer. A oferta que ela, obedecendo a uma tirania, iria, pois, fazer ao desconhecido que não a amava (que não poderia amá-la), teria afinal uma igualdade sensual à da outra em que, desejando-a, a dádiva fosse espontânea e a sensação prevenida?

No frágil violino do corpo da adolescente, esta pergunta vibrava com a pressa de uma corda que iria partir-se, — como em qualquer outro corpo de rapariga ainda não violada.

Pelo lado dele, esta facilidade inesperada levava-o à crítica dos actos em que tinha empregado o tempo quando o tempo era como este que estava decorrendo entre ele e o corpo da

NÃO QUERO SER HEROI

menina *maconde*. Nada encontrava de assinalável. Apenas uma única aventura quase lírica e que ele considerava funesta por ter saído dela com uma desilusão atroz.

Tomou-a com força e sem carícias, fundindo num vulcão de chamas o sangue das duas raças.

Tinha combinado com o companheiro saírem aos primeiros alvares da manhã, a fim de chegarem ainda de dia ao acampamento.

O companheiro:

— Que tal passaste a noite?

Ele:

— Bem... E tu?

O companheiro:

— Bem.

E saltaram os dois para o «jeep».

bibRIA

CAPÍTULO V

Na reunião dos Maiores, o despeito oprimia os espíritos ou, com mais precisão, as vaidades (e estas, se as aceitamos, adquiridas não se sabia onde nem por que razão!).

— Não se deve perder a oportunidade! — clamavam algumas vozes.

Decerto que não devia perder-se a oportunidade. O abaixamento de certos níveis responsáveis da colectividade não permitia, com efeito, que surgissem muitas ocasiões para, diante do mundo, valorizar a espécie com algum exemplar raro, produzido intra-muros do acantonamento nacional. Uma tal preocupação deveria estar presente nas obrigações quotidianas do cidadão, a fim de que, em conformidade com os

NÃO QUERO SER HERÓI

princípios novos da familiarização das pátrias, uma vez ou outra um nome fosse lançado no Livro dos Beneméritos da Espécie — Livro universal, sem privilégios de glória ou méritos locais, fosse com relação à linguagem, ao oiro dos bancos do Estado ou à altura dos homens.

Um dos presentes quis resumir estas considerações num pequeno discurso cheio de bom senso e oportunidade:

— Não somos tão ricos em valores individuais para desprezar uma ocasião como esta que se nos oferece, a fim de fazermos saber às outras comunidades que também existimos, também pensamos e até também somos valentes. Não há nações privilegiadas nem homens privilegiados. Há, de um lado, homens que podem ser tudo e, do outro lado, homens que não podem ser nada. Nós, não querendo medir o que somos pelos palmos do nosso território, queremos, sim, medir aquilo que somos capazes de ser.

Uma voz interrompendo:

— E aquilo que fomos!

O orador, dirigindo o olhar para o lado donde saiu a segunda voz:

— Meu caro senhor, não é com o que foi que faremos o que deve ser!

Retomando o discurso:

NÃO QUERO SER HERÓI

— Disse: aquilo que somos capazes de ser; mas emendo para dizer: aquilo que estamos a ser.

Muitas vozes:

— Exacto. Muito bem! Muito bem! A nossa homenagem! A homenagem do país!

O mesmo orador:

— É por isso que, há momentos, nesta sala, escutei com indignação algumas vozes gritar: «Prendam-no! Prendam-no!» E agora pergunto: mas prender quem?

A Assembleia recolheu-se num mutismo comprehendedor.

O orador, veementíssimo:

— Poder-se-á porventura prender-se a honra nacional?

Grande movimento de chuchoteio em toda a sala. Uns aplaudiam o singular emprego da expressão, outros consideravam-na inadequada e de mau gosto. — «Mesmo soprada pelo ímpeto de renovação que tinha entrado em todos os sectores da vida pública, a linguística não devia sofrer o atropelo do abuso dos tropos», aconselhava um veterano das ideias feitas.

Em seguida, tudo se calou. A excepção de um pequeno grupo que a si-próprio, e na clandestinidade, se outorgava o nome pomposo e im-

NÃO QUERO SER HERÓI

pertinente de Partido dos Imoralistas. Atacavam-se a discutir entre eles, a meia voz, o valor já caducado e portanto já sem utilização no presente, da palavra *honra*. Depois de muitas escarpelizações etimológicas e definições sectaristas, um deles terminou por demandar o grupo com a pergunta:

— Mas afinal o que é a *honra*?

Respondeu-lhe alguém que naquele momento passava ao lado do grupo e não quis dizer quem era:

— A honra, meninos, é um conjunto de elementos biológicos sem os quais o homem muda de actos e da cor do rosto...

Neste momento preciso, a voz do mordomo de serviço anunciou:

— Acaba de chegar o pelotão da Guarda Cívica montada. O seu Comandante pede uma informação: se deve manter-se em formatura ou, não valendo a pena, se deve retirar-se?

O digno Secretário, explodindo num desespero atroador:

— Que vá para o diabo! E que me apareça aqui com os seus homens dentro de quatro dias precisos.

Limpou o suor e, depois de guardar o lenço (um lindo lenço tradicionalista, de uma região

NÃO QUERO SER HEROI

folclórica, junto do mar), simulou uma certa serenidade para anunciar à Assembleia:

— Meus senhores, esta sessão está encerrada. Voltaremos a reunir-nos, como já têm conhecimento, dentro de noventa e seis horas.

bibRIA

bibRIA

CAPÍTULO VI

O regresso do Songui tinha culminado com um episódio imprevisto.

Quando os dois, ao fim da tarde, no fatigante baloiçar do «jeep», chegaram a M'samba, próximo da ribeira de M'linde, na encosta para a região dos vales, a povoação tinha desaparecido. Da meia centena de casas de matope e colmo que formavam o lindo aldeamento, só restavam alguns caniços e brasidos fumegantes, serpeando entre utensílios domésticos incombustíveis e cadáveres carbonizados. O costume. Num golpe de mão audacioso, em pleno dia, as *guerrilhas* tinham passado por ali, espalhando o terror e a ruína. Objectivo: rapto de indígenas e colheita de reses para alimentação das hordas famélicas.

NÃO QUERO SER HERÓI

Entre os destroços queimados, uma criança de dois a três anos sem os olhos e um corpo de rapariga com indícios de violação e o peito flagelado. Os dois corpos ainda respiravam.

Ele não hesitou. Num gesto rápido começou a despír o uniforme e, recorrendo ao vestuário interior, rasgou todas as peças em tiras, que começou a aplicar em compressas e ligaduras nos sítios onde era preciso estancar o sangue. Entretanto, gritava para o companheiro, que o contemplava, embasbacado, no que ele fazia:

— Não percas tempo, vai pelo gado. Reconduz as manadas que pudeses. — E baixou-se sobre os corpos a praticar, apressado, o boca-a-boca.

A aldeia descia suavemente para uma planície rica de pecuária, onde o gado agora se disseminava, arrastado pelos destruidores. Os limites do mato eram assinalados por uma comoreira de buganvílias vermelhas que se prolongava em volta da povoação, encerrando-a numa inesperada linha de beleza. O assalto tinha sido recente. Ardiam ainda os últimos trapos e estavam nas escudelas os grãos de milho aquecidos. Só as buganvílias permaneciam incólumes, comunicando uma certa expressão de altivez, como a provar a permanência da graça ante a ferocidade inútil dos homens. Inútil porque tudo

NÃO QUERO SER HERÓI

se renovará na permanência, apesar das fúrias niveladoras do momentâneo.

Estava ainda a cuidar dos feridos quando lá em baixo, do bosque que subia da fímbria de uma lâgoa, alguns disparos estalaram. Compreendeu. Era a caça ao branco que estava a dificultar a saída do gado, por parte de alguma patrulha que tinha ficado na retaguarda para proteger a condução dos animais. Sem precipitações, desceu da viatura a metralhadora ligeira do equipamento e correu a proteger a retirada do seu camarada, já ameaçado de perto pelos emboscados. Arrastando a arma através dos caniçais lodosos do pântano, a luta que se travou foi frenética, duríssima. Ao primeiro tiro sucederam outros e muitos outros, fazendo crer que todo o bando arrepiara caminho e voltava atrás guiado pela ideia de dizimar os que pretendiam disputar-lhe o resultado de uma vitória inesperada. Julgando estarem enfrentando filas cerradas de atiradores, não lhes passou pela cabeça que, vergonhosamente, todos estavam atirando sobre um só homem, ao fogo do qual, a pouco e pouco, eles foram tombando.

NÃO QUERO SER HERÓI

Estavam agora sentados sobre a calça enegrecida do que restava de uma parede devorada pelo incêndio. Sujos, enlameados, irreconhecíveis.

Pelo posto emissor de rádio já tinham informado o acampamento e pedido o envio urgente de socorros médicos. E também reforços, para o caso de que outros bandos repetissem a visita.

É particularmente impressionante a sensação do silêncio que cai sobre qualquer campo de ruína ou de morte após o drama. Com a noitinha a condensar-se e aquele imenso silêncio a destacá-los entre os seres vivos, os dois camaradas, calados, meditando, distanciavam-se do mundo em que habitavam, parecendo desenhar figuras de um outro planeta.

O companheiro, rompendo o mutismo:

— Pagaste com dureza a noite de ontem...

Ele, com uma expressão de fadiga:

— Pagámos... — E não se abriu com nenhuma outra referência.

De novo entraram em mutismo, ocupados a reconsiderar os sucessos por que tinham passado nas últimas vinte e quatro horas. Após algum tempo, ele pôs-se de pé e começou a falar.

— Vou dizer-te uma coisa. Há pouco, junto dos mortos, tive um sonho.

— Um sonho? Mas isso é para rir. Julgas que

NÃO QUERO SER HEROI

para variar a nossa vida presente teremos que sonhar?

— Não faças o tonto. Não, não é para variá-la que precisamos sonhar, é para entendê-la.

— Ah! para entendê-la...!

— Sim. E deixa essas reticências de filósofo sabichão. (E baixando a voz: — Sabichão e *deçu...*). E agora continuo. Sim, para entendê-la. Ou talvez não. Será melhor chamar-lhe um pretexto, para ter um pretexto. Um pretexto, está claro, para a minha deambulação mental. Assim está melhor.

Começou a explicar-se. E esta foi a primeira explicação. E lembrava-se que estava de pé, que tinha sonhado. Que sonhara com uma zebra, de um lado, e com um grande felino do outro. Significado: ele, muito metido em parapsicologias oníricas, afirmava tratar-se da imagem absoluta dos homens de Estado actuais. Que hoje o universo político abrisse a batalha da selva, resultando dali dois únicos lugares na terra: os daqueles que devoram e os dos que são devorados.

Encurtando a oratória (ante a expressão boquiaberta do camarada), veio depois para a ideia do que ele apelidou de Contra-Acção, esclarecendo que «seria um movimento de oposição à carnagem resultante daquele sistema de antro-

NÃO QUERO SER HERÓI

pofofia — sistema enaltecido por todos os tradistas da causa com epítetos enternecidos de carinho comunitário».

E gesticulando, marchando, continuou nos espaços do mesmo sonho a fornecer precisões. Que nessa ideia de Contra-Acção, nutrida por uma vontade humaníssima de sobrevivência, se incluíam como seus servidores mais interessados os aglomerados mais ou menos densos dos que só podem julgar, aplaudir ou bater o pé, isto é — os Espectadores. Estes, tanto por excesso de aplausos como por excessos de crítica, também algumas vezes entram nos dissídios da gula e têm que lutar com armas ou argumentos para não serem engulidos pelo «mais forte». E concluía: que era esta última alternativa a que lhes estava cabendo a eles (pequena parte de um todo) sobre o território em que se encontravam. — Uma pausa. Depois:

— Segunda explicação. Porém o mais grave do meu sonho (aqui, sinais de inquietação) foi, conseqüentemente, a conexão que ele estabeleceu entre os meus actos e o símbolo da zebra e do grande felino. Sabes o que se passava? — E parou, a informar mais directamente o amigo: — Eu, tu, nós todos os que lutamos e matamos, estamos fazendo a parte da zebra! Só isto. Tudo isto. Gelei-me de decepção. Então protes-

NÃO QUERO SER HERÓI

tei, gritei, fiz uma revisão do meu entusiasmo, das minhas crenças, disso ao que por aí chamam «a nossa valentia», «o nosso heroísmo», e que não passa, afinal, da nossa resistência a sermos devorados. Sei que mantive com dignidade o meu direito a não perder as particularidades que me pertencem como homem, sei que não quis abdicar do meu absoluto. — Parando de novo diante do outro: — Sabes o que é o nosso absoluto? — O amigo dirigiu-lhe um olhar de quem punha em dúvida o seu bom comportamento mental. Ele, prosseguindo: — É aquilo sobre o que, em nós, nenhuma lei dos homens tem poder. — Depois, retomando a narrativa anterior: — Deste transe, em sonho, germinou a concepção do grande sonho. E agora atenção ao que vais ouvir.

Fez outra pausa e logo as palavras surgiram (um tanto lançadas como pedras ou como fogachos):

— Esta será, pois, a terceira explicação. Encontra-se ligada à ideia da sobrevivência, da luta contra a perecibilidade, a qual constituiu, talvez, a força motriz da principal razão porque sonhei. Estamos num tempo em que já não se pode viver *naturalmente*. E o trágico tem um desdobramento supremamente sardónico: tememos a morte como termo da vida e estamos a preparar

NÃO QUERO SER HERÓI

a morte, a criar a morte, a correr para a morte com os braços abertos da ciência, da cultura e do ódio político entre os Estados superdesenvolvidos. Saímos do racional para o irracional, do humano para o inumano. Tudo se apresenta confuso, informe, indefinível, prestes a mudar, a ruir, a procurar outras expressões. As nacionalidades já não vêm da história ou da linguística mas sim de certos caprichos e interesses diplomáticos muito parecidos com os dos *tricheurs* nas mesas cosmopolitas do *baccara*; não têm nomes geográficos ou étnicos, — têm cores. No princípio eram os hititas, os hicsos, os assírios, a Hélade, o Império Romano, os íberos; hoje são os Brancos, os Amarelos, os Vermelhos e os Negros. Ora o drapejar destas cores anuncia o crepúsculo de certas civilizações maiores. Queremos nós assistir ao reaparecimento do antropóide? Precisamente sobre este ponto, o meu sonho disse-me que «não». E deu-me a visão de certas grandes experiências tendo por objecto a pacificação dos continentes por cores raciais desses mesmos continentes, com vistas a uma plataforma comum: a da tranquilidade do homem. Estas experiências, consideradas na base de geografia humana, seriam, de certo modo, moldadas na organização social do cosmos proto-bíblico. Uma raça, uma alma, um mundo. Come-

NÃO QUERO SER HERÓI

çar-se-ia pelas multidões do continente em que nos encontramos, as quais reiniciariam o movimento migratório que as trouxe da Lemúria e, desta vez, para a sua fusão nas raças de outra cor.

O camarada, interrompendo-o:

— Mas isso é o que a nossa Comunidade promoveu há já muitos séculos, apenas em sentido inverso. É pá, tu sonhas como um génio! (Ele pensou em dizer-lhe: como um profeta, como Ezequiel!).

— Vejo que entendes o que estou a dizer.

— A dizer, não: a sonhar...

— Como queiras. O necessário é entender as coisas. Estás, pois, a ver a integração de todas as outras cores numa só cor e o aparecimento de uma só aspiração política, económica e social a dirigir o espírito dos homens?

O outro, em meditação:

— É colossal o que acabas de encontrar! E a fórmula é bonita: Uma Raça, Uma Alma, Um Mundo...

— Pertenceria à Europa dirigir os trabalhos desta integração.

— Porquê a Europa?

— Porque foi nela que se revelou uma ansiosa voz de salvação: em La Salette, em Lourdes e em Fátima. Esta salvação é de ordem político-espiritual.

NÃO QUERO SER HERÓI

— E até lá, o que seria?

— Combateríamos enèrgicamente pelo prevalecimento da nossa cor.

O outro, com mais vivacidade:

— A propósito: às vezes tenho perguntado a mim-próprio porque é que Deus se tem voltado tanto para a Europa.

— Não vejo difícil a explicação. Creio que por ser o continente que mais o merecerá. Fora dele, o que há de significativo no humano? Populações que, ante o espiritual, têm um valor comum: de pagãos, financeiros e rosa-crucianos. Que te parece?

— Parece-me certo.

Neste momento, um ruído na pista de rotação acordou-os do longo devaneio.

— Aí temos os socorros! — E apuraram o ouvido.

Infelizmente não era assim.

Procuraram então um punhado de capim e ramos secos e acenderam uma fogueira sobre a qual puseram a cozer uma pitada de arroz, sem sal, encontrada no fundo de um bidão vazio.

E aguardaram os acontecimentos.

CAPÍTULO VII

Irritadíssima, mantendo-se nos espaços do seu despeito, a insigne e fortuita Assembleia dos Maiores continuava encerrada, aguardando o termo das noventa e seis horas como período cominatório para a apresentação do Herói.

NÃO QUERO SER HEDEI

— E até lá, o que seria?

— Combateríamos entusiasticamente pelo desenvolvimento da Pátria.

— A outra, com mais vivacidade?

— A propósito: as vezes tenho pensado a minha pátria porque é que Deus se não criou tanto para a Europa.

— Não vejo difícil a exploração de um que por ser o continente que mais o necessita. Para além o que há de significativo na exploração das áreas que, ante o capital, têm um valor comum: de países, financeiros e comerciais. Que lá para lá...

bibRIA

— E a outra, com mais vivacidade?

— A propósito: as vezes tenho pensado a minha pátria porque é que Deus se não criou tanto para a Europa.

— Não vejo difícil a exploração de um que por ser o continente que mais o necessita. Para além o que há de significativo na exploração das áreas que, ante o capital, têm um valor comum: de países, financeiros e comerciais. Que lá para lá...

— E a outra, com mais vivacidade?

— A propósito: as vezes tenho pensado a minha pátria porque é que Deus se não criou tanto para a Europa.

CAPÍTULO VIII

Encontraram-no na manhã do segundo dia, após uma busca afiltiva por todos os recessos da floresta. Quase cadáver. Tinha chovido grosso e o calor tropical desenvolvera já uma bicharia que começava a circular. Sobre o uniforme endurecido da água e empastado de terra seca progrediam colunas de formigas vorazes que ele, num gesto que vinha da mecânica do subconsciente, afastava do rosto com o braço. E já mal respirava, vendo-se-lhe um boqueirão de chaga aberto sobre o músculo da omoplata, onde o sangue tinha coagulado.

Caído no combate, muito perto do inimigo, este tinha-o arrastado para ali, num covacho de silvados gigantes, decerto com o propósito de o

NÃO QUERO SER HERÓI

levar consigo, em reféns. O movimento da luta levou os dois grupos de combate a afastarem-se do lugar e o ferido ali ficara, ignorado por todos e, por sorte, até da goela dos grandes bichos.

Desta vez o risco não provinha de um excesso de valentia mas do acontecimento mais patético da sua vida: a morte do pai. Fora no regresso de M'samba ao acampamento que um conterrâneo e amigo da família desafortunadamente aludira à notícia que tinha recebido de casa, — notícia que os seus, sepultados em luto, não tinham ainda tido ânimo para lhe comunicar.

Internara-se no mato e durante horas soltou as lágrimas, rasgando com as unhas a casca das árvores, enfurecido por aquela dor tão grande. Ali, na solidão dos troncos seculares, nenhuma voz humana podia vir alterar a batalha patética dos sentimentos secretos que agora se travava nele perante o brutal desaparecimento do homem-amado. Sentiu-se tão só como se, de repente, o mundo tivesse ficado desabitado. E chorou amargamente. Viu-se um trapo, um nada, um miserável, igual ao mais infeliz dos espúrios.

Desejava morrer. A força que até então alimentara os seus actos de rumo vinha do homem que lhe tinha dado a vida. E assim como tinha sido o princípio, ele era também o fim da sua existencialidade. Nesta carreira das armas para

NÃO QUERO SER HEROI

que tinha vindo — carreira transitória, na qual ele quisera apenas pôr à prova as suas faculdades de ultrapassar-se, de atingir novas medidas humanas —, o seu fito de maior possessão consistia em prolongar nele as faculdades e hombridade do pai. Era uma herança que ele queria ver aumentada para honra e brio dos dois. Fizera-o sofrer para o vangloriar. Tinha-lhe desobedecido por muito o amar. E se entre os dois devia haver «morte», queria que fosse a dele para engrandecimento daquele que lhe dera a vida. E agora tudo ruiu. Por conseguinte, a sua vida já não tinha sentido. Viver era amar, e ele sentira até então que o verdadeiro amor tinha um nome masculino — como honra da espécie em homenagem à espécie!

Decerto, queria morrer. Ofereceu-se como voluntário para participar na primeira operação de perigo. A ocasião chegou breve. Uma incursão de elementos ofensivos tinha sido assinalada em marcha na direcção do acampamento, munidas de armas pesadas e material explosivo. Tratar-se-ia de uma emboscada para, actuando pela surpresa, tentarem um golpe de mão sobre os depósitos de munições e abastecimentos, que eram ali abundantes. Tomou-se imediatamente um dispositivo de ataque por contra-emboscada antes que o bando progredisse no avanço. Os

NÃO QUERO SER HERÓI

riscos eram grandes. Defraudada pelo envio de um destacamento à região do Grande Lago, a guarnição do posto encontrava-se reduzida a nove homens válidos, esperando reforços que não chegavam. Por deliberação dos mais graduados, foi resolvido que saíssem nessa mesma noite para o mato. Como eram poucos, fez-se um «plano de emergência», dentro de um dispositivo do máximo aproveitamento da técnica militar. Embora defraudando o pequeno efectivo para o caso de uma defesa em linha cerrada, foi considerado indispensável o lançamento para a frente de uma patrulha de reconhecimento, a fim de investigar a posição do inimigo e permitir a abertura do fogo às primeiras luzes do dia. Foi então que ele tomou a palavra:

— Conheço muito bem o terreno da região em que eles se encontram. Eu irei sózinho.

— Não estás em condições de ir. Nós pensávamos que ficasses... — responderam algumas vozes.

— Obrigado. Mas nunca como hoje senti tanta vontade de ir! (Ele pensou secretamente: «necessidade» de ir).

Algumas vozes:

— Precisamente hoje essa «vontade» pertence-nos mais a nós do que a ti!

Ele, com uma exaltação melancólica:

NÃO QUERO SER HEROI

— A vocês? Mas de maneira nenhuma. Não extremem situações. Pois que estamos nós aqui a fazer sobre estas terras senão preparados sempre para «ir», para «ir»! Não é verdade? Mesmo aqueles que não regressam, continuam a mesma marcha de «ir», a mesma vocação, embora numa direcção diferente. — E mudando de tom: — Abraçamo-nos?

E todos se abraçaram, preparando-se para o que poderia resultar.

Partiram algumas horas depois. E já sabemos alguma coisa do que aconteceu.

bibRIA

Na enfermaria do acampamento o tenente-coronel que comandava a unidade a que ele pertencia, punha-lhe sobre o peito mais uma medalha militar de alta relevância honorífica, antecedendo o acto com a leitura da citação correspondente, na qual se destacava o galardão individual — «em missão voluntária».

Tinha sido o quarto dos quatro que regressaram, e todos com ferimentos mais ou menos graves. Além do boqueirão da omoplata, produzido pelo rebentar de uma granada de bazuca,

NÃO QUERO SER HERÓI

o pulso esquerdo rasgado e duas balas no tórax com trajectória de gravidade.

Um novo transe, com mais sangue, mais rasgões, mais audácia. Mas a morte não veio, — a morte para a qual ele tinha corrido naquela noite com uma ânsia só dele conhecida.

bibRIA

CAPÍTULO IX

Ao mesmo tempo que os actos mais determinantes da sua personalidade se iam sucedendo nos isolados silêncios da terra negra, onde ele como «homem interior» pouco se definia, avesso ao falatório publicitário, no país a pequena e grande imprensa parecia empenhada em dar relevo e difusão ao que ele realizava e pensava. Algumas das suas reflexões, meditadas entre o fragor das lutas e comunicadas em longas mensagens aos amigos mais íntimos, sob um nome de empréstimo, como lhe pedia a disciplina das armas, agitavam a opinião pública. Para aqueles que o conheciam, causava surpresa que seus modos de rapaz cordialíssimo, servido por um humorismo vivo, embora complacente, dissimulas-

NÃO QUERO SER HERÓI

sem um espírito grave à procura de uma doutrina honesta mas impiedosa, que não aderisse a nada, que não utilizasse nenhum princípio pré-estabelecido. Ao longo das suas exposições, por vezes fremindo de revolta, o arrojo e a independência outorgavam um carácter típico, individual, ao seu pensamento. Pretendendo ignorar-se, fugir à retórica das ideias, criava, afinal, uma dialéctica, uma teoria própria.

O grupo dos seus amigos, desdobrado no grupo de simpatizantes com certos pontos da sua doutrina, compendiou num manifesto, que espalhou por redacções, regimentos e escolas, os assertos ideológicos de maior precisão contidos nas suas mensagens privadas. O cabeçalho do panfleto — porque o era pela violência de algumas preposições — abria bruscamente com esta chamada à reconsideração:

«Analisando os períodos das sociedades humanas, Nietzsche classifica de Período da Catástrofe aquele advento de uma doutrina em que os homens são passados à fieira e que, como tal, faz tremer os fracos, levando-os a decisões imediatas. Encontramo-nos nesse período, sob ele encarcerados nele como numa grande prisão de ideias abstractas a que todos pretendem obe-

NÃO QUERO SER HERÓI

decer sem tomarem consciência das direcções que lhes são impostas. Ficamos aqui ou rompemos contra elas?»

Depois de levantar algumas questões escaldantes, abria outros pontos à discussão:

«Os homens de agora têm que efectuar a restauração do homem, não só no sentido estritamente político como também no sentido ontológico e ético. Para isso será indispensável recorrer a energias, forças e valores vivos e incorruptos, de maneira que a nova consciência da colectividade assente numa biologia viril, proveniente não dos laboratórios de dissecações doutrinárias mas sim deste campo de alta tensão física onde nós, homens do tirocínio do perigo, damos um sinal próprio impondo à morte, em todas as posições, em todas as horas, as faculdades da nossa resistência puramente humana e pessoal, despojada de promessas ou de sectarismos.

«Esta restauração do homem implica, consequentemente, a restauração da massa do conjunto social. E aqui vale a pena fazer-se uma incursão nos terrenos ideológicos em causa. Fala-se muito da organização da sociedade «futura», e a sociedade capitalista, sèriamente

NÃO QUERO SER HERÓI

amedrontada, põe trancas à porta contra a hipotética chegada dos tardios arcabuzeiros da mitologia marxista. Ora, importa frisar que o sobresalto é injustificado e deve explicar-se pela ligação do significado de uma expressão com a aplicação coerciva de métodos extremistas que têm custado ao universo a perda de milhões de vidas. Seria, pois, melhor atribuir um valor mais acessível a tal designação, integrando esta num significado mais racional e menos inquietante. Organizar os grupos sociais do futuro será, aprioristicamente, organizar os grupos sociais do presente, fazendo-o dentro de um sistema lógico, actualizado e eficiente. Por conseguinte, aquilo que nós *quisermos* ser hoje (e esse *querer* deverá conter a sùmula das aspirações maiores da Comunidade) é aquilo que constituirá o nosso amanhã. Deste modo, a peculiaridade deste hoje destruirá, objectivamente, o pânico já convencional do mito apocalíptico do futuro. E acresce esta permissa: que o meio de se atingir um tal amanhã se encontra fora de qualquer acção compulsiva ou revolucionária, visto que pertencerá exclusivamente ao factor tempo — que está constantemente a transcorrer, a transportar a acção que nos colocará nesse Futuro. (Entendemo-nos neste ponto ou não?)».

NÃO QUERO SER HEROI

Uma outra chamada à reflexão: —

«Se no conceito das categorias sociais — limitado aqui a uma visão interna do nosso agregado nacional de *pater famílias* — há ainda lugar para se inventariar a existência de uma camada de velhos arcontes chamada *aristocracia*, façamos-lhe saber que o seu drama actual perante as novas categorias sociais que se lhe antepõem e a condenam à esterilização voluntária, depende somente dela, de quebrar um orgulho já antiquado e dar um passo até à rua onde as suas energias poderão ainda formar um caudal de saúde pública, de pensamento actuante. A rua tem necessidade de algumas transfusões de sangue. Para que negar-lho? Só por medo à agulha ou ao bisturi? O drama daquela classe é bem este. Vive na angústia de não poder alijar o peso dos seus títulos para integrar-se (ou desagregar-se) nas filas das classes que, sem responsabilidades no sistema de utilização do esforço profissional dos outros, estão elaborando alegremente as categorias do Homem-Feliz. A rua merece um gesto de cordialidade espontânea.»

E quase no fim:

«A revolução para a melhor distribuição das riquezas (problema de Marx) entrou em deca-

NÃO QUERO SER HERÓI

dência — ou, melhor, num compasso de interrogação, de espera, visto que o rápido progresso tecnológico ameaça, inesperadamente, resolver pelos seus meios a crise do proletariado. O aparecimento e singularidade desta evolução destróem a teoria do socialismo científico do autor de *O Capital*, concepção pela qual ele pensava atingir, sem evoluções intermédias, a integração do sistema. Logo, a Revolução está morta!».

A doutrina do manifesto tinha feito bossa em alguns sectores da representação pública. Desde os cafés aos grupos universitários e aos campos de mobilização, os comentários não arrefeciam. Até nas alfurjas onde as bigornas moldam toda a noite o ferro torcido das falsas teorias, o moscardo da curiosidade tinha aguçado o agulhão. Falava-se também que em certas secretarias do Estado o texto estava a ser minuciosamente analisado à luz dos padrões regulamentares, a fim de se apurar se haveria ou não motivos para aplicação punitiva.

Um êxito. Os amigos regozijavam.

CAPÍTULO X

As primeiras chamas do disco solar entravam horizontalmente pela janela triangular da enfermaria e enchiam-lhe a cabeça de reflexos, num banho áureo que ele parecia receber com gosto soerguendo a cabeça sobre a almofada do catre. Veio o antigo seminarista, companheiro da viagem ao Songui.

— Estás a beber a luz?

— Estou a beber a luz...

Pálido, chupado de carnes, a convalescença ia avançando lentamente. Trocaram algumas palavras de estímulo. A amizade que liga dois homens talhados no mesmo granito, tinha-os envolvido nos seus liames portentosos. Com fibras de aço e jeitos de flor.

NÃO QUERO SER HERÓI

— Bom, vou sorver o café do caldeirão. — E dando-lhe uma palmada, sobre a roupa: — Não te aborreças muito. Em poucos dias estarás de novo um Hércules, ainda que sem Ónfale...

Já não se apercebeu das últimas palavras do amigo. Estava, com efeito, a beber luz, mas era uma outra, que lhe vinha de dentro. A vida das duas últimas semanas tinha sido para ele — só *recordar*. Na memória, um moíno lento e fatigante moía, moía o grão duro ou tenro de todos os lances do passado, reduzindo-o a uma farinha leve de saudades e também de estupefacções. Tinha, finalmente, recebido carta de casa a confirmar o irremediável. Poucas palavras — inertes, assustadiças como fios de cera num ataúde. (Ninguém ali se conformava com o brusco desaparecimento do Homem!). Quase não a lera, bastando-lhe o substrato lúgubre do conteúdo. Agora, melhorando a pouco e pouco, regressando dos fins da vida onde mais uma vez se encontrara, um estado de espanto embaciava-lhe ainda a consciência, ensurdecida pelo jogo hipnótico em que a dor e a realidade a envolviam.

Esfregou os olhos, cegos da luz que gradualmente aumentava, e tudo em volta pareceu fundir-se numa névoa gelada. Só o coração dava acordo de si. Ouvia-o estalar em cadências ritmadas como passos de enterro, que o cérebro,

NÃO QUERO SER HEROI

esvaído de tensão, se esforçava por registrar. No dia inócuo e luminoso que começava, isolado no pequeno compartimento da enfermaria em que o tinham colocado, até as emanções dos medicamentos graves o incitavam à introversão crucial. E a cavalgada do recordar era infrene. Todas as imagens do passado queriam estar presentes. Definiam-se, atropelavam-se, lutando por se colocarem no primeiro plano, assomarem à primeira fila. Dir-se-ia que o espírito do pai — pensava ele consigo — colaborava no tumulto, desejoso de se explicar, de estabelecer rápido contacto com o filho a quem muito queria, a quem impusera e de quem recebera tantas mágoas inoportunas.

Porque o deixara? Rememorava. Chegara de noite, da unidade expedicionária em que se tinha incorporado, cheio de pressa. Alegre, com o espírito nos cumes da exaltação. No caminho, o céu de Julho, expedindo flechas diamantinas, reluzia com modos que lhe pareciam ovações. A velha casa, junto do rio do seu nome, enchera-se de júbilo, com a luz irrompendo de todas as janelas e portas, estas abertas de par em par, num aceno generoso e convidativo, como a clamar que, naquele lar, por momentos, ia entrar de novo a ventura. Abraçaram-se, todos o abraçaram como se abraçassem o seu mundo. Pri-

NÃO QUERO SER HERÓI

meiro a mãe, abalada no seu castelo sentimental de angústias e heroísmos, — doce, morena, sonhadora. Depois os irmãos, — rancho de almas trabalhadas na mesma canteira, ao sol e ao luar; os mais velhos: a Ana Rosa e a Mila; e o mais novo da quadriga: o Carlos José. O pai, ignorando a chegada do «ausente», não estava em casa. Tinha montado o cavalo e descera para os arrozais do paúl, de vigia às quadrelas que os pescadores furtivos secavam durante a noite para enchimento das valas, onde a colheita, à fiska, era gorda.

A mãe, contemplando o recém-chegado e revendo-se naquele espelho do seu coração:

— Quanto tempo vais estar connosco?

Ele, parecendo estupefacto com a pergunta:

— Quanto tempo? Mas se tenho que partir amanhã, de manhã...

— Nem me dás tempo de olhar para ti...!

Ele não lhes dissera que ia sair com o primeiro embarque. Apenas que viera vê-los valendo-se de uma licença apertada que ele, de resto, já tinha, em boa parte, gasto no caminho. E pôs-se a correr a casa à procura de si-próprio, dos seus gestos, das suas falas, das suas torções, que ali moravam intactos, na exactidão e pulcritude de que tudo o que era dele era guardado em religiosidade. Viu os seus livros, abriu

NÃO QUERO SER HERÓI

gavetas, tomou entre as mãos o violino em que ensaiava modular as suas primeiras sensações musicais. De súbito imobilizou-se diante de uma moldura que pendia da parede, onde o retrato do pai, em escala maior, exibia uma firmeza concentrada a fazer destacar o perfil nórdico, quase vitoriano, no arrumo do cabelo, na barba em ponta do queixo e o laço rectangular sobre o colarinho muito aberto. (Ele era loiro, tinha os olhos azuis e, no rosto, o avermelhado dos escoceses. A filha Ana Rosa recebera em cheio esta herança fisionómica). Diante da estampa lembrou-se que tinha sido ele, com o resto da família, o promotor incógnito da ampliação. Teve outra chamada e, de roldão, encaminhou-se para os degraus que davam para o pátio. Internou-se na escuridão e foi até ao fundo daquele, onde os troncos de duas árvores jovens tomavam vulto. Eram as suas árvores amadas. Tinha-as plantado com suas mãos, na presença do pai, que em tal consentira, embora com dano para as plantações adjacentes. Tratava-se de uma magnólia, no extremo oeste do terreno, e de um eucalipto no outro extremo. A primeira, comprazia pela embriaguez do aroma; a segunda, excitava o entusiasmo pela rapidez do crescimento. Por isso as escolhera, recebendo delas uma lisonja que era grata às suas preferências

NÃO QUERO SER HERÓI

de sensitivo: os perfumes fortes e a urgência das realizações vitais. Noutros tempos, quando escrevia para casa, sempre pedia notícias «das suas árvores». Sem panteísmos mas com paixão.

Quando regressou à sala onde toda a família se encontrava, o pai esperava-o — muito apurado, mas o coração batendo-lhe como um toiro. Os braços do pai pareciam esmagar o coração do filho.

— Estás mais homem!

— Faço tudo por isso, pai.

Tinha que partir cedo, tanto pelas razões da chegada como para fugir à inevitável correria dos antigos companheiros e famílias da vizinhança, alertados com o inesperado aparecimento do «filho pródigo». Esquecera-se, porém, de desajustar os horários da vida citadina ao horário da vida campestre, onde a função começa com o sol, e ainda mesmo antes do sol, na queda da estrela polar, com o torvelinho doméstico a agitar-se já, preparando as fainas do dia que rompe. Foi assim que, preparando-se para sair, depois de ter emborcado um canecão de café — preparado à maneira «brasileira» do pai —, deparou com a sala cheia de visitantes,

NÃO QUERO SER HEROI

ansiosos de um abraço rijo. Mas abafou o constrangimento ao encontrar entre o grupo dois conhecimentos que o alegraram. Estava ali o professor italiano da sua adolescência, rubicundo sacerdote que do exílio em Roma trouxera a vocação do ensino desta língua. Com affecto abria os braços para o antigo discípulo como se quisesse estabelecer uma ponte com aqueles tempos em que lhe fazia copiar Carducci e o D'Annunzio do *Laus Vitae*, na estância titânica que ele ainda então sabia de cor:

*E io dissi: «O mundo sei mio!
Ti coglierò come un pomo,
ti spremerò alla mia sete,
alla mia sete perenne.»*

Estava ali ainda uma outra pessoa que o tinha feito estremecer. Era ela, a «noiva», a menina dos seus quinze anos, e que teimava em considerar-se dentro desta posição. Algumas vezes esquecia-a, outras vezes lembrava-se dela, sobretudo pela estranha cor dos olhos cinzentos, liquescentes, à maneira dos olhos de certos anjos de Giotto. Ana Rosa, sua grande amizade, telefonara-lhe a chegada do irmão e ela correra, manhãzinha nada, da casa solarenga do vizinho concelho, onde viviam seus pais, reumatizados

NÃO QUERO SER HERÓI

de recordações e achaques senis. Ele, quando se sentia muito só, pensava nela. Só a amava, não a desejava — o que, em amor, é querer encher o fundo ao tonel das Danaides...

A hora adiantava-se e era necessário partir. O pai levou-o até ao quarto do casal para se despedir. Naquele momento, o filho quisera ser um deus para trocar com aquele outro deus palavras profundas e inacessíveis. Disse-lhe em pouco, afogado de emoção, a que ele desejava ouvir. O pai beijou-o demoradamente, apertando-o contra o peito. Deu-lhe uma palavra de guia, de conduta, na qual se vertia a lei moral que tinha orientado na honra e no brio as gerações dos seus antepassados. O filho olhou em silêncio a vigorosa figura do seu progenitor, que havia empaldecido um pouco pelo abalo que suportava. Educado por ele na economia das frases, nada mais lhe disse. Por detrás dos dois, estava a larga cama, ainda quente do seu corpo. A inverosimilhança da realidade é o ponto insolúvel da filosofia. Seria no mesmo aposento que, dezasseite meses mais tarde, esse mesmo corpo permaneceria morto. Como pensá-lo então? Ele estava ali e, sem o saber, era já um espectro.

Sairam para a sala.

— Não te falta nada? — murmurou o pai, com voz embargada.

NÃO QUERO SER HERÓI

— O que me falta, encontrá-lo-ei onde vou...

O pai, aproximando-se mais e metendo-lhe no bolso interior do casaco uma carteira com algumas notas de banco:

— És um bravo!

— Obrigado. — E timbrando bem a voz: — Quero sê-lo!

— Deus esteja contigo!

Ele, baixando a cabeça:

— Deixe-me beijar a sua mão...

Viu-se depois na estrada, afastando-se do reencontro com todos os do seu sangue, entregue à sensação de que todas as multidões do mundo corriam atrás dele lançando-lhe pedras, flagelando-o com palavras por aquela fuga talvez sem razão. E, na verdade, destroçando-lhe o seu sonho, do fundo das entranhas vinha-lhe uma interrogação: «Mas para onde vou eu, afinal?»

Ao mesmo tempo, o pai, desde que o vira fora da sua presença (soube-o mais tarde), voltou as costas e desceu para o pátio a chorar como uma criança!

Ofegava sob o chapão de luz que agora subia já pela parede. A imagem do pai tornara-se-lhe tão viva que, instintivamente, lançou os braços abertos para fora do leito, na ilusão de abra-

NÃO QUERO SER HERÓI

çá-lo. O movimento foi vivo e o corpo, escorregando do colchão, caiu desamparado sobre o solo de terra batida. Novo desastre. O enfermeiro negro acorreu. Os ferimentos ressentiram-se e a convalescença remeteu-o a um novo período de inanição.

bibRIA

CAPÍTULO XI

No país, as ideias do manifesto que os seus amigos tinham feito circular, a que se juntara já uma segunda folha, continuavam, aciduladamente, a morder na pele da preguiça indígena. (Levantando a cabeça, alguns interrogavam-se: «É assim ou não como devemos pensar? Devemos pronunciarmo-nos? Ah, mas cautela! antes de nos comprometermos com a nossa adesão teremos que tomar conhecimento das autênticas vantagens pessoais que ela nos proporcionará»). Esta, por idiossincrasia, é avessa a ordenar soluções. Prefere ouvir, esperar. E, no fim de contas, para que criar mais problemas? Não é o homem de hoje já um problema de si-próprio?

NÃO QUERO SER HERÓI

A nova folha circulante atacava-se agora às falsas noções da expressão *heroísmo*, que ele pretendia dismantelar com o seu exemplo pessoal. Para o destruir? Nada disso. Levando-o para os terrenos da cultura, da política e do social. Era ali que essa expressão retomaria a energia típica que tem marcado com dedadas memoráveis a existência de alguns homens na história do mundo. Um regresso à concepção grega. Quanto à classificação unilateral que convencionalmente se outorga aos actos com origem no belicismo das batalhas, os seus argumentos consideravam-na já inadequada e imprópria perante o verdadeiro sentido da moral humana. Num auto-exemplo, vincava o caso da sua presente acção de agente bélico, onde ele não se julgava a *fazer* heroísmo mas sim a praticar o seu dever cívico de cidadão com relação ao destino do outro homem contido na comunidade nacional a que pertencia. O seu papel limitava-se (num limite que poderia ir até à morte) a um jogo físico pela sobrevivência física. Quanto ao outro jogo, ao compromisso da outra acção, aquela para a qual ele reivindicava a validade da expressão *heroísmo*, esses consistiam na superação das forças empregadas pelo homem para se vencer a si-próprio, aos seus erros e às suas falsas ideias. Um caminho

NÃO QUERO SER HEROI

para a profundidade dos heróis morais de Carlyle.

Nesta base, o corpo de doutrina que ia irradiando das teses que formulava, apresentava aspectos estruturais que concitavam o interesse, ou, pelo menos, a curiosidade do chamado público-de-acção.

Por tudo isto, os notáveis da urbe entraram em azáfama, excitados pela cupidez individualista de chamarem a si o homem que, sobre uma nova tribuna, começava a ser disputado por outras plateias. Esta era, pois, mais uma razão para que, sem delongas, se apropriassem do seu prestígio pessoal, ligando o seu triunfo à carroça burocrática do solene Areópago. Depois de muitos telefonemas e demorados circunlóquios, determinou-se que este reunisse em sessão secreta (não alterando a atitude de dignidade ofendida em que permanecia), a fim de ser tomada imediatamente uma resolução «de emergência».

CAPÍTULO XII

Pousou sobre a beira da cama, num gesto de lassidão, a esferográfica e a folha de papel de serviço em cujo reverso tinha traçado esta anotação, que leu alto:

«Vale a pena notar no mecanismo das nossas sensações como, sempre que estas mudam de nome, muda também o curso dos nossos pensamentos...»

O amigo, que tinha vindo fazer-lhe uma visita, sentando-se num banco que puxou para junto dele:

— Decerto por indução fisiológica, não te parece?

— Vais muito até ao fundo da alusão. Mas já agora aproveito-a para entrar num terreno

NÃO QUERO SER HERÓI

mais pròpriamente clínico. Este contacto com a catástrofe dos corpos a que me tenho habituado, desde as macas nos lugares do desastre até aos barracões pré-mortuários, tem-me aberto o espírito a qualquer coisa de terrível. Seja qual seja a gravidade do acidente ou a confiança num resultado favorável, o homem tem medo, um medo obscuro, muitas vezes inexplicável, ante o que vai suceder-lhe. Nunca pensaste nisto?

— Bom... nunca tive ocasião para o sentir.

O doente, entre cáustico e afável:

— Claro, claro. Tens tido sorte... Sempre internado por dores de barriga...

— Pára por aí... Sabes que não é porque não me tenha exposto.

— Sei-o bem. É por isso mesmo que me permito o chocarreio. Tu és um valente. Tens sorte — e a sorte também se admira.

— Dá gosto ouvir falar assim, e principalmente ouvindo alguém que tem tanta autoridade como tu — que não tens sorte.

O doente — ou melhor, Ele:

— Lá isso... talvez não estejas no certo. Mas deixa-me continuar a discorrer sobre o anterior. — Pediu-lhe um cigarro, soergueu-se mais, e retomou o tema:

— Já cheguei à conclusão de que um enfermo não é só um enfermo pela doença que o prostra

NÃO QUERO SER HERÓI

mas também pela doença criada por ele, que ele próprio imagina, desenvolve, qualifica, diagnostica a seu modo, engendrando um clima de muito mais temor do que aquele que possa atribuir-se ao seu verdadeiro estado.

O amigo, intervindo:

— Todo o doente é um angustiado patológico.

— Penso isso. Vejo que estás a compreender-me.

— Creio que sim.

— Bem. Agora aplica esse estado de angústia àqueles que aguardam o acto operatório e terás um quadro lamentável de narradores de misérias ou de alucinações. Sou, como sabes, um hóspede forçado das barracas cirúrgicas. Ali, durante o dia, é um falatório tétrico de dúvidas, de queixas, de desolações, à maneira de um conto de Poe. De noite, o sono deixa que fale o mundo onírico do subconsciente e então os que articulam alto as suas obsessões, dão um espectáculo de dementes: tudo se confessa e se grita, tanto pela inquietação do acto a que se irá ser submetido, como pela necessidade de discutir, perante um fim próximo, as intimidades mais recatadas.

— Confrangedor...?

— Sim. E depressivo. Uma agonia de loucos. Cada um, amedrontado, refere o seu caso pes-

NÃO QUERO SER HERÓI

soal, debate-se no temor de ir perder a vida ou aquela parte que, no seu corpo, integra a harmonia física, a harmonia de ser. Emocionante e triste.

— Triste? Porquê?

— Nada há mais triste do que o espectáculo de um homem com medo à dor. E nesta espécie de homem há ainda a incluir dois tipos: o do tímido e o do fanfarrão. O primeiro não fala por vergonha de manifestar perante a dor a sua fraqueza; o segundo fala de mais, fala para se ludibriar a si-próprio do pânico que lhe destrói a hombridade. Em muitos casos, estes não morrem da operação mas do medo à operação. Por exemplo, naquela cama do canto, agora vazia, esteve ali, há apenas dois dias, um rapaz da bateria de artilharia que opera no Chitoge, internado para uma laparotomia. Nada de grave. Ele, de um humorismo escaldante, excedia-se em gabarolices que todos os ouvintes tomavam como forçadas. Viu-se que era um modo de dissimular o seu mal secreto: o terror da operação. Quando chegou o momento da anestesia, o coração baqueou. Diagnóstico do médico: morto por distúrbio cardíaco. — E retomando o papel em que escrevia:

— É sempre assim. O medo mata mais que a coragem, e menos do que o medo de não ter coragem...

NÃO QUERO SER HEROI

— Sabes uma coisa? És um encanto de rapaz e um medo de rapaz! Por isso uns te estimam e outros te receiam. Com alvoroço e com despeito. E com este último sentimento porque é o único que lhes é válido...

Preparando-se para escrever:

— Meu caro, apesar de tudo, eu creio nos homens. É preciso crer nos homens!

O amigo, levantando-se:

— Bem, tenho que ir-me. Como vão os «ossos»?

Ele:

— Como vês, melhorando. E enfebreçando-me. Com mil ganas de me lançar ao mato. A propósito: tem havido muita tarefa?

— Um encontro duro nos palmares do Cungo. Perdemos dois homens. Não houve feridos de importância. Adeus.

E saiu. Poucos instantes depois voltou a entrar, trazendo nos lábios um sorriso entre o alegre e sardónico. Interrogou:

— Tens aqui uns visitantes. Podem entrar?

Ele, surpreendido:

— Está bem. Mas quem são?

O amigo:

— Já verás. — E desaparecendo: — Não te excites muito...

NÃO QUERO SER HERÓI

A porta abriu-se de novo e, ante os olhos assombrados do doente, surgiu o filho do chefe do Songui, que, seguido da menina *maconde*, vinha, numa embaixada do pai, saber das melhoras do ferido e brindá-lo com alguns presentes.

Após algumas palavras díspares trocadas em saudações amistosas entre o gentílico e o castiço, o hercúleo visitante anunciou:

— Menina trazer coisa linda p'ra Senhor.
— E ordenou a esta: — Vá cumprimentar!

Então a adolescente, num relâmpago de júbilo, depôs no chão o cabaz florido onde trazia as ofertas do Régulo e, leve, radiosa, parecendo caminhar sobre plumas, foi direita ao catre, ajoelhou-se no chão, tomou as mãos do homem branco e ficou a beijá-las docemente, sôfregamente, passando-as com meiguice pelas faces, onde algumas lágrimas começaram a correr...

E ficou assim durante muito tempo. E o silêncio minou o polme das palavras...

No fim desse dia, ele anotou no diário:

«Duas raças se abriram as entranhas até às origens para melhor se interrogarem à beira da mesma fonte de sentimentos e de ansiedades humanas».

CAPÍTULO XIII

Convalescia. Mas pode-se lá convalescer (ao ritmo dos prognósticos clínicos) quando se tem o coração, e com ele o pensamento — o que é ainda mais grave — ulcerados de catástrofes?

Tinha lido autores de dura assimilação. Entre os térmitas da biblioteca de um eclesiástico da família, encharcou-se dos clássicos ao longo das noites frias do inverno. Descobriu Suetónio numa tradução das biografias dos Imperadores Romanos, executada em Paris por *monsieur* Du Teil, no ano de 1658. Foi um manjar para a sua gula incipiente por tudo que contivesse marcialidade. Vibrou, exaltou-se. Começou a percorrer o mundo com as legiões dos exércitos do Tibre, atento ao choque das armas e discrimi-

NÃO QUERO SER HERÓI

nando, para servi-las, os exemplos de bravura e de justiça da crónica dos Césares. Veio-lhe daqui o gosto pela inteireza moral do tribuno romano — não aquele que a devassidão conspurcava —, forjando o espírito em princípios insubornáveis a que submetia o julgamento dos seus pares. Influenciado por esta atmosfera, não desprezava nenhuma inventariação acerca das misérias e grandezas em que os seus contemporâneos dessem um testemunho pessoal. Extremava, neste ponto, os depoimentos do homem branco no levantamento da carta ético-política do Continente Negro. Não minguava em razões para tal. No magro conteúdo da sua bagagem, considerava *utensílio* indispensável o chamado Livro Amarelo da política militar do seu país (em tempos revolutos, mas de ensinamentos presentes). Ao mesmo tempo um requisitório e um romance de energia. Era ledíssimo. Andava de mão em mão como o *Borda d'Água*, passando de algibeira para algibeira dos cidadãos. Sem esquadrinhar muito, em qualquer página descobria ele em que abeberar o seu fito:

«De novo o meu orgulho humano se abateu e senti em mim próprio a algidez do meu esqueleto magro, com saliências enormes, do primata

NÃO QUERO SER HEROI

das estepes da terra. A visão dos fósseis delineava-se na minha retina petrificada e eu parecia ouvir, até, vindo do seio daquela massa amorfa de salteadores, um entrechocar selvagem de malares, uma luta de mandíbulas ecoando pela floresta como outrora!»

E mais adiante:

«Eles cismavam com a cabeça apertada entre as mãos esqueléticas. Junto de mim, não sei por que estranha atracção de sofrimento, estavam todos os meus desconsolados irmãos do cerco de N. — estavam pelo menos aqueles que tinham feito a guerra sob o meu olhar incansado. Sempre juntos como as tristezas no fundo dos nossos corações, tinham-me acompanhado ao longo de toda a retirada, na amarga reciprocidade dos nossos pensamentos, na obscura desordem de todas as decepções. Atrás de nós, gemendo de raiva, caminhavam os espectros dos nossos mortos, as sombras dos camaradas que não mais voltariam, sem que a grandeza do sacrifício valesse a irrecompensa do resultado.»

Antes de fechar o livro teve ainda um ranger-de-dentes, acutilado por esta legenda terrificante:

NÃO QUERO SER HERÓI

«Uma noite, nas bolorentas *quinandas* do hospital, entre fedentinas de febre e derramamentos de ácido fénico, o Gravacho, soldado indomável, atirou em regougo sobre a malta, que experimentava dormir, este gelante *mot d'ordre*:

— «Eh, *pazes?* toca a morrer!!...» — E encafuou a cabeça sob o lençol.

Da fila oposta, um barbaçanas da artilharia ripostou, filosofal:

— «Não t'incomodes, herói! Isto vai depressa. O estar aqui, salgado em unguentos, é já meio caminho andado p'ra calvura do areal...» — E encafuou-se também sob a treva gordurosa das mantas.

— Irra! — pensou consigo. Conhecia o autor da obra. Amava-o. Desejaria ser como ele — na palavra, na força, no exemplo!

Fez-se uma pausa no tropel das lembranças. Acendeu um cigarro e ficou a chupá-lo ao acaso, — sem sabor e sem propósito. Em breve voltou ao encadeamento dos temas constitutivos das ideias que o preocupavam. Começou mentalmente a elaborar um esquema.

— Nada é dado gratuitamente ao homem. Ele terá que adquirir tudo, conquistar tudo,

NÃO QUERO SER HERÓI

disputar tudo aos que de tudo se aprestam a esbulhá-lo. Luta legítima? Talvez não. Porém, nesta luta, ele terá que verter todos os recursos vitais que lhe são próprios. Gastos destes as primeiras camadas nobres (ou lógicas), resta ao lutador uma só alternativa: a do seu obscurcimento individual ou a utilização das escórias que formam a camada inferior daqueles recursos.

Inferia daqui, sobressaltado de desolação: que o homem é um mero agente físico entre a sua vontade e a capacidade dos seus recursos. Exacto ou não? De qualquer modo que fosse, por isso entendia agora melhor a série de sucessivos desencantamentos que o afastavam da espécie: sempre que, no homem, tinha procurado a grandeza, só encontrara decepções. E ele queria amar os homens!

Não odiava, não queria mesmo matar. Mas tudo bem misturado no saco da consciência, cristalino como a matéria dos sonhos infantis, nascia nele a revolta e vinha-lhe uma vontade acerada de dizer «não» a tudo — especialmente a tudo que restringisse, fora das medidas da justiça, as suas intenções fundamentais. Na China, em Hanói, em Moscovo, em Washington, organiza-se tràgicamente o «fim» do homem sem se cuidar de nenhuma das suas intenções. Certa

NÃO QUERO SER HERÓI

ocasião, num arrebatamento de cólera, quis sentir-se livre — livre, livre em todo o seu ser, dos pés à cabeça, e meteu os ombros à vidraça da janela, num movimento de fuga. Resultado: alguns cortes sangrentos e um remoque hilariante dos assistentes.

Retalhado nos seus sentimentos familiares, sentia que, fora deles, cada nova provação física era um fortalecimento para nova escalada no domínio das suas libertações interiores. O convívio com a dor endurecia-lhe o ânimo para os combates a travar com o futuro. Experimentava por vezes o que poderia chamar-se «uma alegria de ferocidades», vendo nos desastres do corpo a abertura luminosa para mais amplas perspectivas do seu campo de acção. Ele não se perderia — dizia para si. Decerto, a terra, o tempo, as energias promissoras estavam ali perto, à sua espera. Não lhes daria muito, mas dar-lhes-ia tudo em que soubesse raciocinar e colaborar. Numa sociedade cada vez mais desumanizada pelo aparecimento de imprevistas fontes de cultura e técnica, o homem terá que agir ou morrer — isto é, comprometer a fundo o seu humanismo ou abdicar da sua presença no caos.

Era este aproveitamento dos seus dotes que as experiências dos últimos meses de guerreiro lhe indicavam para uma intromissão pública a

NÃO QUERO SER HERÓI

serviço da Comunidade. Por outro lado, os aplausos que recebia acerca do efeito produzido pelas teses do seu manifesto, levavam-no a aceitar como não errados os propósitos dentro dos quais, uma vez depostas as armas, pensava realizar-se.

Quis banhar-se de sol. Assomou à porta da palhota onde agora se alojava e, embriagado dos aromas que o ar trazia da floresta, sentiu a terra estalar, abrasada, sob a força genésica das torrentes copulares da luz.

— Existir! — exclamou.

bibRIA

bibRIA

CAPÍTULO XIV

Houve batalha de palavras (e de palavras) na sessão secreta dos notáveis. Todos se exaltaram. Uns porque, no conceito mais democrático das *gens*, não hesitavam em acolher com um espírito novo as «rapaziadas» do Herói; outros porque, considerando-se ainda no desfrute de antigos direitos de pretoria, não consentiam que qualquer servidor da grandeza nacional pudesse mover-se fora das prescrições impostas pela orientação social do regime constituído e que eles, directa ou indirectamente, ali representavam. Havia, pois, que submeter com urgência a uma revisão a conduta do próximo homenageado. O trâmite executório foi rápido. Julgados «em mente» os actos acusatórios, elabora-

NÃO QUERO SER HERÓI

ram-se dois quesitos que foram postos à votação da Assembleia:

1.º — Deveriam ou não retirar-se-lhe as prerrogativas que o tinham habilitado à consagração popular?

2.º — Mantinha-se-lhe ou não o reconhecimento dos títulos que faziam jus à homenagem eminente?

Ao primeiro ponto, os votantes de lombos inchados pelos arções da fatuidade senatorial, responderam: — Sim.

Ao segundo ponto, os raquíticos, cheios de sede de justiça, responderam sem relutância e num sentido oposto: — Sim.

Como estes últimos estavam em maior número (a justiça não saciada é a que prevalece sempre!), a validade do Herói foi restabelecida, agora com o acréscimo das novas achegas ministradas pelo ruído levantado em todo o país. Neste caso, o programa da notável efeméride não sofreria modificações. Sòmente no que respeitava à fixação da data, esta, para eximir-se às crises anteriores, ficaria aguardando o acontecimento que inadiavelmente a determinasse. Até lá, as divindades políades velariam sobre a Cidade.

CAPÍTULO XV

Ele olhava-a num pasmo não realizado. Olhava-a outra vez — múltiplas vezes, após a chegada de ela.

— És tu!

A noiva:

— Que fiz para o não ser?

Ele:

— Isso: o de não o fazeres...

A noiva:

— Bem. Sou eu, inteira, total.

Ele:

— Gostaste de vir?

A noiva:

— Não me chamaste?

NÃO QUERO SER HERÓI

Ele:

— Poderia não ser o teu gosto...

A noiva:

— Já te esqueceste tanto?

Ele:

— O esquecimento muda a natureza das coisas?

A noiva:

— Penso que não muda. Mas elas, entretanto, podem mudar por elas mesmas.

Ele:

— E então quê?

A noiva, deitando-lhe um olhar limpo e responsável:

— As coisas não mudaram.

Ele:

— Foste sempre inteiriça como um bloco.

A noiva:

— Calada, queres tu dizer.

Ele:

— Isso, talvez.

A noiva:

— Não tinha nada que dizer aos outros...

Ele:

— A nenhum?

A noiva, recolhendo-se em si própria:

— Eu queria responder, não queria perguntar...

NÃO QUERO SER HERÓI

Ele:

— E agora?

— Mesmo agora, não falei. Vim!

Ele:

— É claro. Vieste. E é tão insólita esta realidade que ainda estou perguntando «se és tu!»

Um helicóptero militar tinha-a trazido da cidade mais próxima, nessa manhã, até à pista de aterragem do acampamento. Daqui iria ser transportada para junto das irmãs religiosas da missão católica do Rio Grande, onde ficaria aguardando os preparativos do acto nupcial católico.

Ele estava com o coração num sino. Em poucas horas tinha mudado anos de tirocínio em estados de espírito. Tudo se lhe afigurava mudado, com novas dimensões, novas formas, novas cores. Por seu lado, ela, reprimindo a efusão de sentimentos, limitava-se a soltar vivas exclamações perante a novidade da terra que a cercava.

A noiva, retomando o sentido das últimas palavras que ele lhe tinha dirigido:

— Estás assim tão surpreendido?

Ele:

— É uma acusação?

NÃO QUERO SER HERÓI

A noiva:

— Se queres que seja...

Ele:

— Explico-me melhor. Em primeiro lugar, talvez por isto, porque nunca convivemos muito. Vivemos demasiado em família e o uso desta intimidade gasta quase sempre os sentimentos sem os deixar atingir os seus fins. Em segundo lugar, devido à influência do meio. O homem vive aqui no desábito da vossa presença.

A noiva:

— Deve ser duro!

Ele:

— É a vida do soldado.

A noiva:

— Que tu sempre desejaste ter.

Ele:

— Para ser verdadeiramente homem.

A noiva:

— Verdadeiramente...?

Ele:

— A vida do soldado é a vida do homem na sua máxima *rentabilidade* física.

A noiva:

— Ah! Gosto do termo. Tem... capacidade.

Ele:

— A propósito...

NÃO QUERO SER HERÓI

E abriu uma conversação demorada acerca do que ela tinha feito até então, da sua posição cultural, da carreira que escolhera. Soube que o que ela tinha feito «era crescer»: que frequentava engenharia química (o terceiro ano) e que, como todas as raparigas de agora, desejava servir-se do seu curso para compreender o homem e colaborar com o homem (!).

A noiva:

— E agora mais que nunca.

Ele:

— Mais que nunca, porquê?

A noiva, baixando a cabeça:

— Tenho lido os jornais...

Ele:

— Decerto. E isso que tem?

A noiva:

— Foram eles que me decidiram a vir.

Ele:

— Não percebo.

A noiva:

— Li o que dizem de ti...

Ele:

— Ah!... E não te aborreceste de mim?

A noiva:

— Ao contrário. Senti-te muito como eu sou.

NÃO QUERO SER HERÓI

Ele, com certo alvoroço:

— É espantoso. Como mudaste tanto!

A noiva:

— Mudei. Já não sei bordar lírios, bordo *cálculos integrais*...

Ele, apertando-lhe os dois braços e olhando-a bem de frente:

— És maravilhosa! Gosto de ti, assim.

A noiva:

— Mais que da «menina romântica», quando eu vinha todos os dias à tua casa?

Ele, desprendendo-se e entristecendo de súbito:

— Mais de quando tu vinhas à minha casa...
— E passados momentos: — Ainda não falámos de Ele...

A noiva, alanceando-se também:

— Sim!...

Ele:

— Conta-me... E como foram os seus últimos instantes?

A noiva:

— Foi terrível. Todos pensávamos em ti e ninguém se atrevia a pronunciar o teu nome.

Ele:

— Porquê? Para ocultá-lo?

A noiva:

— Não. Por medo de que ele sofresse ao

NÃO QUERO SER HEROÍ

escutá-lo. Cada sílaba poderia ser-lhe uma amargura...

Ele:

— Eram as sílabas do seu nome.

A noiva:

— Que ele amava por ser também o teu —
— disse-o na doença.

Ele:

— Crês que ele terá pensado em mim quando os olhos se lhe fecharam?

A noiva:

— Estou certa disso. Todos estávamos certos disso. Quando compreendemos que a agonia tinha chegado, tua mãe pôs-se a dizer-lhe baixinho ao ouvido: «Ele voltará! Ele voltará!»

Ele:

— Querida mãe!

A noiva:

— Estava tão infeliz...!

Ele:

— Estavas lá?

A noiva:

— Estive sempre.

Ele, admirado:

— Sempre!

A noiva:

— Sim.

NÃO QUERO SER HERÓI

Ele:

— Todos os dias?

A noiva:

— Todos os dias.

Ele, a olhar para ela, rememorando a imagem do pai:

— Nunca mais poderei deixar de olhar para ti. Estás cheia da sua presença!

A noiva:

— Nos últimos dias começou a tratar-me por «sua filha»...

Ele, num salto, com júbilo:

— Isso é verdade?!

A noiva:

— E ainda mais. Uma noite em que eu fiquei sòzinha junto dele, deu-me um beijo pedindo-me para que to desse a ti... — E calou-se.

Ele:

— E que mais?

A noiva, com acanhamento:

— Que fosse... quando casássemos...

Ele, impressionado:

— Então ele previa...

A noiva:

— Os pais adivinham tudo.

Ele:

— Que homem tão grande!

A noiva:

NÃO QUERO SER HERÓI

— E que desejava que o fosses também.

Ele:

— Como sabes?

A noiva, perturbada:

— Não me emociones mais!

Ele, com uma forte curiosidade:

— Perdão. Mas diz-me...

A noiva, depois de um silêncio:

— Confiou-me umas palavras...

Ele, com uma forte curiosidade:

— Quais?

Ela, passando-lhe a mão pela cara com meiguice e admiração:

— Estas: «Diz-lhe que saiba ser grande!»

Encontravam-se sentados sobre uma moita tenra de juncos, ao fundo da qual dois caminhos bifurcavam abraçando uma pequena campina de aráceas amarelas.

Ele, estupefacto:

— E disse-to a ti!?

A noiva:

— A mim.

Ele, ficando extático, a olhar ao longe:

— Obrigado, meu pai!

A noiva, encostando-se muito a ele:

— Meu querido pai!— E mais baixo:— Nunca pensei que seria preciso vir tão longe para o tratar pelo mesmo nome que tu...

NÃO QUERO SER HERÓI

Ele fitou-a, estremecendo. Uma ternura imensa brotou dele.

— Eras já a minha alma. Passas agora a estar no meu sangue, no meu corpo!

Abraçaram-se os dois com força, com muita força. Afastaram as cabeças para se interrogarem nas pupilas. Dir-se-ia que ele tinha medo de a beijar. Ela era já sua mulher e não era ainda. Depois, os dois começaram a sentir as lágrimas correrem-lhe. E foi sob um gosto salgado de mágoa que as duas bocas se devoraram de volúpia.

Quando voltaram a cabeça tiveram um susto. Em frente deles, um enorme símio, pesadamente adiposo, de pálpebras maquilhadas de azul, estava parado a contemplá-los, numa expressão concentrada de quem medita. Sem lhes dar tempo a um grito, considerou-os ainda por um momento e retomou a marcha, cabisbaixo, solitário, como um velho filósofo paleontológico...

Ele:

— Sinto-te tão minha como nunca uma mulher foi de outro homem! A morte te trouxe à vida do meu grande amor.

A noiva:

— Ele queria que assim fosse.

Ele:

— Amo-te, amando-o. — Em seguida, como

NÃO QUERO SER HERÓI

se falasse para ele só: — Custa-me menos a ideia de o não ter visto que a ideia de ele não me ter podido ver...

A noiva:

— Ter-te-á visto em mim, quem sabe...?

Ele, bruscamente, levantando-se:

— Decerto. Temos que viver! Vamos.

A noiva, dando-lhe a mão:

— Nunca mais me esquecerei desta paisagem!

bibRIA

bibRIA

CAPÍTULO XVI

Era quase fim da tarde e o automóvel com o padre da Missão, que deveria conduzi-la, não se via chegar. Ele começou a preocupar-se. O caminho para o acampamento bordava uma zona pouco tranquila. Duas emboscadas recentes tinham deixado alguns mortos no mato.

A noiva nem tinha aberto a pequena mala onde acondicionara o imprescindível para a sua viagem-relâmpago. Saíria nesse mesmo dia com destino à comunidade das irmãs religiosas, em cuja capela o casamento canónico teria lugar no domingo que se aproximava. Enquanto ele regressaria depois à base, ela seguiria para a capital da província, alojando-se em casa do comandante militar, parente-próximo de sua

NÃO QUERO SER HERÓI

família. Ali ficaria aguardando que ele, no gozo de uma curta licença nupcial, fosse juntar-se-lhe.

Tudo lhe parecia tão triste na grandeza das dimensões que iam pisando, que ele perguntava a si próprio se qualquer sucesso infeliz não se preparava contra ele ou aquela que o acompanhava.

Lado a lado, enredando-se em lianas eriçantes, cheirosas, abeirando-se de precipícios escancarados em abismos verdes de tapeçaria, captados de arroubo perante o canto e as formas de aves e passarões rutilantes, lobrigando o desfilar de certas espécies ferozes, ele tinha-lhe feito sentir, em poucas horas, o assombroso mundo natural da terra africana.

Ele:

— Gostas do que vês?

A noiva:

— Tremo. Porque tudo me espanta. Até tu!

Ele:

— Essa é a força deste Continente.

A noiva:

— A do homem branco?

Ele:

— A do homem negro.

A noiva:

— Nesse caso, a vossa acção aqui é a de se impor ou de aniquilar?

NÃO QUERO SER HEROI

Ele:

— Só esta: a de nos integrarmos, a fim de criar uma nova força. Mas repara bem: uma força com a África e não contra a África.

A noiva:

— Mas não temos nós feito isso sempre?

Ele:

— Nós, a nossa Comunidade, sim. As outras comunidades, jamais. Nenhum outro homem mais que o negro precisa alimentar-se do que não proceda da materialidade, do que não seja nascido ou confeccionado. Ora, a nossa Comunidade trouxe-lhe uma alma; as outras, um balcão. — E olhando-a com a desconfiança de quem teme ter pronunciado um «fraseão» empolido: — Está certo o que disse?

A noiva, com um sorriso de encómio.

— Parece-me acertadíssimo. — Depois, dando uma outra direcção ao pensamento: — E pensa nisto: não seremos nós, os dois, com a nossa história, um «caso» dessa alma?

Ele:

— Tu crês? Se crês, é magnífico!

Ela estava singularmente atraente, mesmo *vamp*. Vestia um conjunto levíssimo, tom laranja, botas cinzentas, de cano até à curva do joelho, boné de pala, também cinzento, com fôrro de plástico e aglomerados de cortiça para

NÃO QUERO SER HERÓI

isolar a cabeça das flechas solares. Uma imagem *pin-up* das grandes capitais europeias exibindo-se nos cenários ferozes da selva. Se não fosse sua noiva, ele blasonaria de espanto — pelo ousado do requinte.

Detiveram-se um momento, sem palavras. E, demoradamente, beijaram-se. Para ele, a sensação foi estranha. Pareceu-lhe que a terra lhe comunicava uma vitalidade e um amargor que vinham directos do éden do primeiro homem.

Retomaram a marcha, enlaçados. A mão dele, dando-lhe volta à cinta, subiu sob a axila e sentiu o calor dos seios pequenos e redondos. Afigurou-se-lhe de repente que o ar da tarde tinha uma tepidez igual àquela que, naquele lugar, lhe polarizava os dedos hirtos. E absorvente, o instinto, tomando todos os avanços, instilou-lhe desvios: «E se a tornasse sua, ali mesmo, imediatamente, perante o testemunho da natureza em espectação?» E pensava que com a colaboração silenciosa e imponente de esta, o acto ganharia em intimismo e em pureza, visto que se libertaria, numa futura solenidade, dos convidados molestos que sempre, nas cerimónias nupciais, mimoseiam com o picaresco dos comentários mais descabelados a união de dois seres que em tais momentos só pensam na honestidade de se tornarem felizes.

NÃO QUERO SER HERÓI

Ela não se traía com a iniciativa de nenhum gesto, mas estava a sentir — por sua vez — nascer-lhe uma vontade irreprimível de experimentar ser mulher. E porque não, se ele, a despeito da situação singular em que se mantinha, era já seu marido? E era-o cabalmente, no teor e no direito irrecusável da lei civil.

Na mesma ocasião ouviu-se ao longe o ruído de uma viatura que circulava na pista de acesso ao acampamento. Aproximaram-se com pressa, mas sem resultado. Tratava-se de um carro que regressava do serviço rotineiro de vigiância.

Ficaram inquietos. Que estaria a passar-se, afinal, com o esperado transporte? O regresso à Missão representava umas três centenas de quilómetros que não poderiam já vencer-se nas primeiras horas da noite. E ali, nas rudes instalações militares de uma frente de combate, não haveria maneira de ela se acomodar, nem com conforto nem com dignidade.

Quiseram, porém, aproveitar as últimas clarezas do dia para se embeberem na finura do ar que, no afluír do crepúsculo, banha a terra africana como em nenhuma outra parte do orbe. Mistura-se nele uma luz de morte e de vida. E um odor selvático.

NÃO QUERO SER HERÓI

A noiva:

— Há pouco menos de quarenta e oito horas que deixei o convívio da minha família, das pessoas amigas, com outros contornos, com outros acessórios, e não podia imaginar-me que numa diferença de tão pouco tempo a diversidade fosse tão grande. Sinto-me como se fosse transportada a uma linha seccional entre dois mundos, olhando nesse horizonte longínquo o que a minha imaginação não tinha criado.

Ele:

— Nem a tua cultura...?

A noiva:

— Crê: a minha mente não estava preparada para isto.

Ele:

— E o coração?

A noiva:

— Muito menos ainda... — E tomou-lhe a mão, que apertou fortemente.

Ele:

— É a África!

A noiva:

— Tens razão. A palavra não vale, pouco diz. É preciso vir, estar aqui.

Ele, apressando-se:

— Vem. A ver se ainda temos tempo para levar-te ao morro das casuarinas. Fica perto.

NÃO QUERO SER HEROI

Poucos minutos andados, subindo por uma fresta entre cazonzonzos e acácias, estavam ali. Ele admirava-se da rapidez de adaptação ao ambiente local de que ela dava prova. Nem repulsa, nem cansaço. Uma serenidade e um à-vontade de filha gentílica, que só o vestuário e a cor da pele contradiziam. Por cima destas magnitudes, uma curiosidade febrênta de tudo conhecer depressa, de tudo saber.

O sítio era, efectivamente, de imponência. Dominando toda a orografia da região, de qualquer posição em que o observador estivesse, a vista mergulhava num prodígio de cadências cromáticas que se repetiam até à linha circular do infinito. Pintura e descomunalidade. Nos planos mais recuados, as copas espessas emergiam, representadas por manchas redondas de vapores cor de cobre. E tudo calado, medroso. A floresta, às portas da noite, preparava-se para a orgia sangrenta dos carniceiros. Junto deles, os ramos magros de duas altas palmeiras ensaiavam com o vento um lúgubre cantochão.

A noiva:

— Afinal, temos bem os pés no mundo ou fora do mundo?

Ele reparou nela, a qual, sob as projecções do poente que animavam os tons do conjunto que envergava, reproduzia um *technicolor* fantasmá-

NÃO QUERO SER HERÓI

tico. Em seguida, dando um caminho à imagem que escutara:

— Creio que no Primeiro Mundo do homem... E também onde estamos tão sós como os dois solitários do Éden! Só me resta perguntar-te:

— ... a ponto de o perder ou de o conquistar?

A noiva, encostando a testa a um tronco lenhoso, que cercou com o braço, responde, langorosa:

— Não sei. O homem és tu. Pertence-te a ti a resposta. — E abandonando a posição, caminha para ele. — Em todo o caso, parece-me oportuna uma sugestão: Não sentes que esse tal Mundo, neste momento, está unicamente impregnado de nós?

Ele, não podendo dissimular um sobressalto: — «Impregnado de nós»... dizes. — Calou-se, acendeu um cigarro e, tomando-lhe a mão, muito concentrado, desceu com ela alguns socalcos do morro e detiveram-se à beira do abismo verde que se desdobrava ante os dois. Foi ele que retomou a palavra.

— Lembras-te da carta que te escrevi quando cheguei aqui, há já mais de dois anos?

— Estava a pensar nela.

— O que ali te dizia era o reflexo do que começava sentindo no meu contacto meditativo com este estranho Continente. De dia, de noite,

NÃO QUERO SER HEROI

junto dos grandes rios ou na densidade dos bosques, um apelo genesiaco, misterioso, começou a entrar em mim, a trespassar-me, como se o ser humano fosse aqui captado por forças telúricas desconhecidas nos meios geográficos das populações brancas. Andava nesse tempo com o cérebro saturado do estudo dos mitos indiano-hebraicos referentes ao símbolo religioso da Terra como *mater* de fecundidades cósmicas. E no fundamento genetal deste símbolo, a África aparecia-me como reencarnando o mito da potência criadora feminina. Cheguei mesmo a definir a minha concepção, a estabelecer uma perspectiva. Recordas-te?

— Muito bem.

— Por conseguinte, tens presente que eu te falava então na hipótese de uma estrutura hierático-antropológica que terá condicionado até hoje a dimensão espiritual do Continente, o qual se vê marcado, ostensivamente, por uma cor característica e, secretamente, por um instinto característico. Quanto a este instinto, expressando-o com simplicidade, a sua natureza manifesta-se como polarizante e de sinal evanístico.

— Interrompo-te para te lisonjear. Só um momento. Sabes que depois de receber a tua carta estive em Paris, num curso das férias grandes, e ali conheci um professor, regente da

NÃO QUERO SER HERÓI

cadeira de Ciências Humanas na universidade de Grenoble, que te felicitou pela tua descoberta, embora «ousada mas merecedora de apreciação».

— Está bem, mas deixa-me continuar. Falando deste instinto, cheguei ao centro da minha teoria: a África-Mulher, cosmogonia indutiva e, logo, um foco absorvente e virilizante do homem — designadamente do homem branco, na sua missão de portador dos germes religiosos iniciais. É assim, pois, que a presença deste homem sobre o solo dos autóctones não poderá nunca considerar-se uma irregularidade demográfica ou migratória; bem ao contrário, deverá ser aceite, indivíduo por indivíduo, como complemento genético da matriz racial.

— Fantástico tudo o que estás dizendo!

— A que as circunstâncias dão um realismo tangível. Quando há pouco disseste «está impregnado de nós», aludiste, sem o saber, a *este mundo onde estamos*, incluindo inconscientemente nesta expressão uma outra ideia assim representada: «... está impregnado de mim».

— Estou quase persuadida de que pensava assim...

— Como vês, tu própria, em pessoa presente, revelaste a aliança Terra-Mulher, colocando-te desse modo dentro de uma função activa femi-

NÃO QUERO SER HEROÍ

nina que valoriza concretamente os meus pontos de vista.

Ela, num impulso maquinal, aproximando-se dele:

— Bonita defesa de tese. Conclusão?

— Que estão definidos todos os indícios de ser aqui que nós daremos ao mito a força inalienável da realidade. — E apertou-lhe as mãos, num estremecimento de meiguice.

Nisto, um grito de estranha ave cortou os ermos do entardecer; — um apelo lento, encantatório.

Cerraram-se muito, um contra o outro. Ela tremia, duplamente medrosa; ele lutava contra uma emoção que era embriaguez.

Ele, com a palavra afogada de sobressaltos:

— É já muito tarde. Teremos que correr.
— O crepúsculo caía rapidamente. Nas espessuras levantava-se a gritaria exaustiva dos cinocéfalos recolhendo aos refúgios.

A noiva, deixando-se levar por ele:

— Aqui é tudo tão rápido e tão patético...

Ele, mal a escutando, apressado em encontrar o caminho:

— Sim.

A noiva:

— Parece que não me ouves.

NÃO QUERO SER HERÓI

Ele:

— Querida, oiço tudo dentro de mim, mas temos que chegar depressa.

Cada vez mais, ela estava a tornar-se cúmplice de um instinto secreto que a entontecia, a queimava. Nos lábios tremiam-lhe ainda as últimas gotas do orvalho quente que o beijo dele ali tinha depositado, à maneira — pensava ela — daquele outro orvalho que, na noite dos trópicos, diziam escorrer das folhagens e que agora mesmo já fazia luzir as ramas dos arbustos. Na universidade, tinha escutado terríveis confidências, sofrido o assalto de aversivas realidades, as quais, se não lhe tinham aberto uma voz à cedência gratuita e impura, lhe tinham avivado os sentidos dentro das noções exactas do que ela desejava e esperava do consorte. A cultura e a sensibilidade apuraram aquelas noções. E se viera até ali, aceitando as dificuldades e os incómodos, fora mais para dar expansão às valorações imaginativas em que colocava a realização de um acto tão forte para a sua natureza de mulher, do que para a aceitação de fórmulas que, dentro dos mesmos compromissos, em qualquer outra parte poderiam ter igual validade. Para a violação do seu ser, ciosa de uma dádiva que considerava sem preço, tinha sonhado num grande espectáculo voluntário e sensual. A le-

NÃO QUERO SER HEROI

gendária paisagem de África, remota, excitante, proporcionava-lho. Por isso viera.

E agora?

Ele hesitava. Dentro de princípios que não queria derrogar e de que tirava a satisfação de uma auto e espontânea respeitabilidade masculina, persistia agarrado ao sentimento de considerá-la ainda sua noiva e não sua cónjuge, guardando-se para dar ao fruto a plena dignidade da colheita. Não pretendia desonrar o que ambicionava possuir com honra. Como uma falta tremenda, ele não cessava de imputar aos homens este crime voluntário e calculado: o de degradarem vilmente aquilo que eles mais amam.

Sempre caminhando, a noiva não deixou de retomar a palavra:

— A tudo que queremos, podemos chegar depressa.

Ele:

— Nem a tudo.

A noiva:

— Eu devia dizer, a tudo o que queremos fazer...

Ele, compreendendo-lhe a intenção:

— O homem não deve fazer aquilo que fazem os que o não são verdadeiramente.

A noiva:

— E isso não é difícil?

NÃO QUERO SER HERÓI

Ele:

— Sim, muito difícil.

A noiva:

— No entanto, todos os outros parecem fazer tudo facilmente.

Ele:

— É certo. Mas não é dessas facilidades que nós devemos tirar o exemplo da nossa vida. Temos que submeter esta a uma certa particularidade de viver.

A noiva:

— Mas afastar-nos-emos da generalidade dos outros...

Ele:

— E não achas que será isso uma obrigação de cada um?

A noiva, minimizando um sorriso:

— Acho um pouco implicativo e talvez insolente...

Ele:

— Talvez, sim. E até por uma razão em que poucas vezes se repara: de ser a insolência, desde que ordenada pelo espírito, uma luta contra a inanidade dos dias.

A noiva, elevando a ironia:

— Dos teus dias, em especial.

Ele, detendo-se a fitá-la com grande seriedade:

NÃO QUERO SER HEROI

— Dos meus, não; mas daqueles dias que quero dar-te. Deste modo, é melhor dizermos: «dos nossos dias»!

Quando chegaram apressados ao acampamento (este já sem relevo no lusco-fusco), uma notícia desconcertante os esperava ali. Havia chegado um estafeta com uma mensagem do posto militar mais próximo, informando que um «jeep» de serviço que passara por ali, deixara uma nota da Missão para que se comunicasse que o automóvel que estavam esperando não tinha podido avançar por se encontrar cortada a estrada do itinerário; que viria na manhã seguinte, escolhendo outro percurso.

Veio-lhe uma inquietação que se esforçou por dissimular. O que ocorria, tomava naquele momento um grave significado. Para já, o que mais lhe absorvia a imaginação era a maneira que encontraria para dar solução ao inesperado alojamento da sua companheira. Até então, a certeza do transporte, ou fosse a da sua retirada, era absoluta. Nada se tinha feito, por conseguinte, na previsão de que surgisse uma hipótese contrária. Como e onde poderia ela passar a noite? E pouco a pouco começou a tomar cons-

NÃO QUERO SER HERÓI

ciência da situação que se estava desenvolvendo. As malhas do senhor diabo estavam a ser lançadas com grandes possibilidades de êxito, parecendo-nos vê-lo assomar com um humorismo escarninho, à espera da explosão dos efeitos... Bem assente nos seus propósitos, ele fingia não aperceber-se, impondo às circunstâncias medidas que não pensava alterar.

Por seu lado, a noiva observava-o com ânimo de quem se divertia a considerar o fundo de uma questão que a sua pessoa tornava grave sem nada ter feito para tal. Ao mesmo tempo, essa questão envolvia um problema que era, naquele momento, o seu problema maior; que ela, secretamente, desejava resolver mas a que não ousava aludir. Perturbadíssima, uma inexplicável sensação atormentava-lhe o espírito. Como chamar-lhe?

— !?

De expectativa ou de desencanto?

CAPÍTULO XVII

De todas as armas tinham ocorrido os camaradas a quem o contacto permanente com a morte solidarizava até ao fim. A circunstância era, na verdade, singular. Perante a malta, deparava-se um espectáculo pouco comum naquelas paragens. Estavam ali — a noiva e o guerreiro. Vénias, palavras, abraços. Uma festa como na celebração de uma grande vitória, mas sem nenhuma batalha ganha. O inimigo dormia nos arredores sonhando com estratagemas sangrentos. Mas dormia. Ali, no entanto, só um tinha ganho uma grande batalha — a mais nobre, a mais humana, a mais justa —, a do amor. E esta, sejam quais forem as circunstâncias, pertence sempre a dois únicos contendores.

NÃO QUERO SER HERÓI

Por tal razão, terminada a ronda estrepitosa das felicitações e encómios, todos os amigos voltaram à solidão dos alojamentos.

A noite-velha, extinguindo-se, já começava a deixar branquear o céu e os dois, sem terem posto olho, continuavam a entreter os forçados ócios entregues ao paroxismo das palavras.

— Não tinha sido possível descortinar outro repouso mais conveniente fora do exíguo cubículo que ele ocupava na sua qualidade de graduado. Mesmo assim o rústico tegúrio fora transformado numa bizarra ante-câmara da felicidade, graças à prodigalidade de acessórios — os mais inesperados — com que cada um dos seus camaradas se afanou em concorrer para o adorno doméstico da pocilga.

Ele quis que ela se deitasse, a fim de tirar proveito das poucas horas de que disporia até à chegada do automóvel.

O coto de uma vela prestes a consumir-se, iluminava escassamente o aposento. Mergulhados numa semi-obscuridade, as palavras que pronunciavam readquiriam todo o seu valor original, tornavam-se pesadas como nos pratos de uma balança os pesos da justiça.

Ele:

— Não queres dormir um bocado?

NÃO QUERO SER HEROI

A noiva, meia sentada na cama, deitando sobre um prato tosco de alumínio a ponta do seu vigésimo cigarro:

— Será esta noite uma noite para dormir?

Ele:

— Tens razão. Mas tenho eu a culpa do que sucede?

A noiva:

— Temos os dois a culpa...

Ele:

— Não é bem assim. Nesse caso, sou eu que a tenho.

A noiva:

— Mas não sou eu já tua mulher para partilhar contigo tudo o que toque à nossa vida, à vida dos dois?

Ele:

— Ainda não.

A noiva:

— A cabeça rebenta-me com o teu repetido «ainda não!». Mas é como eu te digo. Pois é ou não é verdade que estou aqui como *tua* e não como *minha*?

Ele:

— Nada é nosso até ao instante em que o aceitemos.

A noiva:

— Mas tudo se dá quando se põe a nossa

NÃO QUERO SER HERÓI

vontade total em oferecê-lo. Tu sabes que tudo deixei para estar aqui contigo. Abandonei tudo o que me cercava, — a casa, as amizades, os livros, as viagens, e até os espectáculos.

Ele:

— Até os espectáculos?

A noiva:

— Sim.

Ele:

— Mesmo os do teu sucesso entre os homens?

A noiva, maliciosa:

— Mesmo esses...

Ele:

— Com uma finalidade...

A noiva:

— De trazer-me inteira para ti.

Ele, tendo estremecido com o que ela vinha de afirmar:

— Desejaste-me, então?

A noiva:

— «Guardei-me» para não me diminuir.

Ele:

— Totalmente?

A noiva:

— Totalmente. Quando me sentia «ameaçada» vaporizava-me com aquele perfume que, quando vieste para aqui, tu me mandaste de um porto africano por onde passaste. Recor-

NÃO QUERO SER HEROI

das-te? — E inclinando-se para ele e beijando-o com submissão: — ... *Chasse gardée!*

Ele, que a ouvia sentado numa cadeira, ao lado da cama, por sua vez inclinando-se muito para ela:

— Querida!

E com a mão acariciou-lhe os seios que, num movimento mais vivo do torso, a blusa do pijama, abrindo-se, tinha entremostrado. Pequenos, tersos, tinham a forma dos modelos de Rodin.

A noiva:

— Agora, sim... é melhor que durmamos.

Era quase manhã. A porta abriu-se, rangendo suavemente. Ela, abrindo os olhos e vendo-o de pé, a meio do quarto:

— Andaste lá por fora?

Ele:

— Fui afastar uma hiena impertinente que andava uivando perto de aqui. Receei que te despertasse e tivesses medo.

A noiva, sonolenta:

— Vê-se bem que já és meu marido.

Ele:

— Tudo está sossegado e maravilhoso. A noite está cheia da embriaguez do teu corpo...

MAO QUENO SEE HEROI

— O senhor é o mesmo? —
— Não, senhor. —
— Então quem é? —
— É o filho do senhor.

— Então quem é o senhor? —
— É o filho do senhor.

bibRIA

— Então quem é o senhor? —
— É o filho do senhor.

— Então quem é o senhor? —
— É o filho do senhor.

— Então quem é o senhor? —
— É o filho do senhor.

— Então quem é o senhor? —
— É o filho do senhor.

CAPÍTULO XVIII

O sol caía já para além do zénite. Toda a tropa amiga da véspera quisera estar ali, numa manifestação comunitária junto do camarada feliz. Era uma parada de honra, uma parada de corações, vibrante, comovente. Tinham vindo todos. Até o rabugento coronel que comandava a base tinha vindo também.

A noiva:

— Vocês são todos formidáveis! Precisávamos destes laços humanos lá longe, onde nascemos, entre os nossos políticos, os nossos intelectuais, e até entre os nossos amigos...

Uma voz:

— No entanto, somos da mesma cepa.

NÃO QUERO SER HERÓI

Outra voz:

— Do mesmo berço.

Outra voz:

— Da mesma língua.

Muitas vozes:

— O que precisamos é de uma ocasião, de um motivo. Você deu-nos esse motivo.

A noiva:

— Obrigada. Julguei que os militares tinham uma farda... até no coração. Agora vejo que são mais homens, mais sensíveis que os outros homens.

Todos:

— Viva a noiva!

Ela, com um sorriso de desvanecimento.

— Levarei comigo, para o «meu soldado», o vosso calor humano! Até breve.

De repente souu um hurrah!, depois ouviu-se uma voz de comando e todos dispararam as pistolas até que os carregadores ficassem vazios. Estava dada a descarga de honra, que era também o sinal da partida.

Em seguida, todos se afastaram um pouco formando uma linha de parada, em frente da qual, como um bicho mecânico, permanecia já, imóvel, o carro negro da Missão. Na direcção deste avançaram os festejados.

NÃO QUERO SER HEROI

Saindo da fila, o coronel adiantou-se e, dirigindo-se à noiva, beijou-a nas duas faces.

— São os parabéns da tropa!

O sacerdote que devia conduzi-la estava já ao volante.

No alto, o vento da selva, batendo no gume das ramas dos coqueiros, produzia um som cavo como de espadas chocalhando.

A noiva, junto da porta do automóvel:

— Devo sorrir ou chorar?

Ele, depois de a ter beijado, e enquanto ela se sentava na bancada de trás:

— São apenas três dias. Vai contente!

Uns instantes de silêncio. Bruscamente, como se fosse impelida por força oculta, precipitou-se para fora do carro e, agarrando-se-lhe ao pescoço, começou a gritar:

— Não me deixes partir! Não me deixes partir! Ficarei contigo até domingo...

Foi uma cena penosa. Com palavras, com muitas palavras, com gestos doces, ele fez com que ela entrasse de novo no automóvel. O negro pássaro pôs-se em movimento e em breve se engolfou na bocarra verde do matagal. Ele ficou hirto, a olhá-lo, algo turbado. Amarrado às suas rodas, ia com o negro pássaro o seu coração de soldado. Ia também com ele a morte.

Saindo da fila, o coronel adiantou-se e disse:
 — Ainda se a noiva, beijou-a nos dois lábios.
 — São os parabéns da tropa! —
 O sacerdote que havia conduzido estava já
 ao volante.
 — Não se esqueça de trazer os parabéns
 das famílias dos coponheiros presentes em seu carro,
 como de espaldas chocalhando.
 — A noiva, depois de dar o automóvel,
 — Não se esqueça de trazer os parabéns
 das famílias dos coponheiros presentes em seu carro,
 como de espaldas chocalhando.
 — A noiva, depois de dar o automóvel,
 — Não se esqueça de trazer os parabéns
 das famílias dos coponheiros presentes em seu carro,
 como de espaldas chocalhando.
 — A noiva, depois de dar o automóvel,
 — Não se esqueça de trazer os parabéns
 das famílias dos coponheiros presentes em seu carro,
 como de espaldas chocalhando.
 — A noiva, depois de dar o automóvel,
 — Não se esqueça de trazer os parabéns
 das famílias dos coponheiros presentes em seu carro,
 como de espaldas chocalhando.

bibRIA

TERCEIRA PARTE

bibRIA

CAPÍTULO I

Os primeiros dias depois do regresso caracterizavam-se pelo estado de despersonalização em que se encontrava. As modificações impostas pelos acontecimentos a que se ligara e de que recebera os benefícios e as feridas graves, preparavam-no agora a receber esta sensação de entrar num mundo novo — tanto pelas modificações do meio social com que deparava, como pelas próprias alterações do seu mundo interior. A cidade apresentava-se-lhe habitada por um espírito inquietante e progressivo, ou, mais bem visto — criador mas descontrolado. Era outra. Mas também ele era outro.

Refugiou-se em seguida, durante algumas semanas, num isolamento feroz. Não recebia

NÃO QUERO SER HERÓI

visitas, não respondia ao telefone, recusava as solicitações que lhe eram dirigidas pelo público que se ia formando, anónimo mas colaborante, em volta do seu «caso». Não de todo intratável, tinha endurecido muito de carácter e até nas maneiras pessoais. O homem só se engrandece no massacre — dizia ele, referindo-se aqui ao massacre de certas realidades morais e afectivas. E continuava: — É desolador que o homem só deixe de ser um bicho de sentimentos à custa de dizimar nele próprio a maior parte das suas aspirações humanas.

Do seu grande período de experiências lúcidas (e também de eficiências pessoais), tinha voltado saciado e apto para a desforra. Deixara África esmagado por um vendaval de espantos. Ali, últimamente, houve um desaire que se poderia ter evitado se, na sombra, não se desse a intromissão de certa convergência política; e, antes dele, o dramático acontecimento que o prostrou de todo.

Quanto a este, havia nele uma mulher, — a sua noiva. Acerca do que aconteceu, voltemos um pouco atrás a recordar os factos. Deixámo-los no momento em que o automóvel que devia conduzi-la à sede da Missão se embrenhava na opacidade da floresta, contando chegar ao destino com o aproximar da noite. Dois dias depois,

NÃO QUERO SER HEROI

quando ele ultimava os preparativos para a viagem do domingo, em que iria reunir-se com ela, a fim de celebrar o acto em que punha o seu sonho (o casamento religioso), um estafeta indígena que há quarenta horas caminhava, surgira com a patética notícia: um bando terrorista tinha interceptado a marcha do automóvel, o missionário que ia ao volante fora decepado e queimado, e a «menina» desaparecera. Desaparecida ou morta eram, em tais circunstâncias, actos equivalentes.

Quase que enlouquecera. E cogitava, alfine-tado de dor: porque não tinha cedido aos seus rogos quando ela, no último instante, saindo do carro e correndo freneticamente para ele, se lhe lançara ao pescoço gritando que não a deixasse partir?! Haveria porventura razões para que ele, contra os hábitos do seu espírito, permanecesse tão insensível? Entenebrecido de remorsos, o eco daquelas palavras, tão profundamente carinhosas e suplicantes, entrava-lhe agora no coração como uma falta sem escusa, acusando-se a si próprio da terrível tragédia que acabava de sobrevir e que ele, por uma breve condescendência, poderia ter evitado. Ao mesmo tempo, esmagavam-no e exaltavam-no duas ideias paralelas que, embora sem convergência, ateavam os tições da mesma angústia. Primei-

NÃO QUERO SER HERÓI

ramente, a possibilidade de que ela tivesse tido uma visão rápida do fim que se aproximava; em segundo lugar, a recusa da sua vida de mulher em desprender-se da vida do homem que era naquele momento — fosse marido ou não — o seu homem, na ideia de ser o duplo exclusivo do seu ser. E já sem remédio, a razão do seu amor tornava-se agora mais apaixonada.

Todas estas considerações o levavam a acicular o fundo da sua desgraça. E o valor desta palavra assumia nele uma dimensão muito pessoal, alheia a comparações. Não era ela o elemento novo em que, sem o confessar ostensivamente, fundamentava a fase imediata da sua vida? Decerto. Muitos projectos concebera, tecidos na ternura da sua natureza masculina e nos quais desejava apoiar o duro combate que iria travar com os homens da sociedade a que pertencia e a que se sentia oposto nas ideias, na moral e na acção. No contacto que tivera com ela naquele dia e noite em que passaram juntos, tendo-a como mais que noiva e ainda não sua esposa, um sentimento nascera nele que não tivera tempo para lho confiar. Tinha sido algo de subtil e de dominador que criava no recolhimento silencioso de duas almas uma espantosa dispersão vital sem sair do círculo homogéneo da paridade conjugal. Uma delícia

NÃO QUERO SER HERÓI

secreta, um paraíso à porta das batalhas. Pela primeira vez experimentara o desejo de se confessar a alguém, de escutar alguém, de entregar o seu espírito totalmente a alguém, — sem críticas, sem diminuições, sem aniquilamentos do que pretendia construir. Nesta espécie de sonho, ele integrava-se numa magnitude mais tensa que em qualquer outro homem. Encontrando-se até então sempre sòzinho no terreno dos desastres e dos êxitos, ela iria ser o apoio seguro do seu braço e da sua inteligência, refugiando-se no sacralismo doce de um lar em que não tinha vivido.

Seis meses alucinantes ele esperou ainda, na esperança de que ela reaparecesse, libertada pelos seus detentores em troca de qualquer grave exigência ou estratagema sórdido. Mas seria plausível a eventualidade de que a guardassem viva? Com certeza que, descontada a circunstância de nenhum vestígio pessoal, de nenhuma peça de vestuário terem sido encontrados, as possibilidades eram ténues como névoa a esgarçar-se. Não obstante, o esforço a que ele se entregou, apaixonado e feroz, com o objectivo de provocar o seu reencontro ou a descoberta do seu cadáver, de reapoderar-se daquilo que tinha perdido com tão grande significado para o seu destino, foi uma aventura sem descrição possível. A

NÃO QUERO SER HERÓI

raiva produzida por um sonho imolado a particularidades fortuitas—embora dentro do condicionalismo dramático em que ele empregava a sua sede de renovar-se e mesmo de afirmar-se para merecer esse sonho — queimava-o até à medula. Nos combates da unidade a que pertencia, sonho ou com a magra escolta de três camaradas fieis, irrompeu por todas as linhas, esquadriñhou todas as alfurjas da floresta, castigou, devastou, escutou centenas de depoentes, entre as tribos menos dispostas do inimigo. Resultado nulo. Um trágico definitivo. E preparou o regresso.

Tinha, pois, razão quando agora, com um amargo estoicismo, redarguia aos que algumas vezes enfrentavam a sua melancolia: — Ando a prestar provas ao Infortúnio...

Porém, desta espécie de tirocínio atroz, já com precedentes repetidos, ele pretendia fazer uma escola de dureza, de dureza vital e regeneradora. E fazia-o à maneira dos personagens rudes de Homero: com o orgulho de sofrer. Não com um orgulho de falácia, mas no exemplo da dor, pela qual, nos extremos, ele se considerava irmanado com todos os desgraçados que, nas

NÃO QUERO SER HEROI

vielas da terra, vivem sob os esgotos dos maiores.

Instalara-se num apartamento sossegado, no coração de um bairro popular com gerânios e pontas de sol fazendo a publicidade do seu tipismo nas horas luminosas do entardecer. O piso, muito branco, asseado, ficava mais próximo das estrelas que da terra, debruçado lânguidamente sobre um casario que se sobrepunha em planos de aguarela e geometria exótica. As traseiras abriam sobre a superfície de um terrapleno alto, roubando-lhe um naco de jardim que uma tília frondosa, ao centro, aromava e ensombrecia. Estava-se no pino da estiagem e, sob a sua copa amplíssima, tupida, o refrigerio era seguro e silencioso. O troço da antiga muralha da cidade que barrava o fundo do jardim, interceptava eficazmente o pandemônio das ruas circunjacentes. Era aqui que ele de preferência se refugiava para trabalhar; que, no requisitório dos argumentos que lhe encandesciam o cérebro, ele se esforçava por concertar com a razão e a lei a liberdade de se exprimir.

Desta submissão aos princípios implacáveis de um labor em que ele, esgotando-se, se regalava, ia saindo o negrume das laudas espessas, cáusticas, em que organizava o libelo que iria fazer imprimir, entregando-o ao país como uma

NÃO QUERO SER HERÓI

espécie de relatório público da sua aventura guerreira. Além do seu anterior manifesto, alguns excertos copiosos, aparecidos nas páginas dos jornais e revistas, tinham desatado os primeiros clamores — erguido as primeiras exaltações. Comentando-os, uma pena impenitente, sensível, abria regos em carne viva:

«Vamos lendo por aí fora, ora angustiados, ora comovidos, ora altivos, ora envergonhados, ora sorrindo, ora chorando, e vamos com o autor na caravana heróica, esgarçando a farda pelos espinheiros, uivando de sede, uivando de revolta, mas caminhando sempre, obedientes à voz do sangue, que nos manda obedecer, sacudindo de nós a toda a hora a tentação de espingardear, primeiro que o inimigo de lá, o inimigo que se infiltrou, o inimigo que está cá dentro a dirigir os nossos passos para a perdição!»

Outro menos dotado da firmeza moral herdada do cerne familiar, teria desandado para a espectacularidade social do cinismo pretensioso ou do revolucionarismo compensador, em moda nos salões onde se falava parvamente de Chardin ou dos sátrapas da Mongólia entre o esca-

NÃO QUERO SER HEROI

moteio pouco lícito de mímicas galantes e cheques bancários. Uma alta patente dos comandos navais do país dava, a seu respeito, um traço biográfico significativo:

«Louvado seja Deus! Não tem matrícula em nenhuma Internacional e, gritando — «Batalhões, em vigília de armas!», ergue o seu protesto contra as bruxas que, à laia de *ratos de hotel*, se introduziram no chamado corpo político da Nação».

Não lhe minguava o visco das seduções honoríficas. O aliciamento era constante, formal, imperioso. Trazia o selo de todas as origens, de grandes e pequenos, de chefes-de-fila e até de grupelhos sonhando com o dia do grande cataclismo universal, em que eles seriam os demiurgos regendo a condução das turbas e as flutuações da nova barca de Noé. Tudo lhe era prometido. Os postos de comando, as promoções imediatas, a regência de diversas filarmónicas departamentais — açodavam-no ininterruptamente de todos os lados, de todos os sectores do quadrante nacional. Honrá-lo, lisonjeá-lo, tapar-lhe a boca, manietá-lo, constituia a grande

NÃO QUERO SER HERÓI

arma secreta dos atingidos, cortêsmente dissimulada em requintes de apreço e estultícias deslumbradoras. Perante a cornucópia das ofertas e panegíricos deliberados, ele comentava, irritado: — «Como ao portal de uma rameira!»

Porém, um instinto profundo lhe recomendava de evitar o contacto desse vil mercadejar com o sacrifício dos seus trinta e quatro meses de acção nos parapeitos da morte e com o dos centenares de companheiros a quem aquela vencera.

Com o andar dos meses e a ruptura do caudal noticioso relatando os seus feitos e atitudes, a sua personalidade tomou pé nas águas move-diças e inconsistentes da opinião pública do burgo. Fora uma vitória precoce, impensada, onde ele aparecia a representar um papel que os adultos de maior peso e idade desejariam chamar a si. O aspecto vivo mas frágil da sua juventude irritava os homens e agradava às mulheres. Os que o liam, alinhavam em dois grupos diferentes, criados conforme a *visão* em que o detectavam. Elas, concebiam-no assim: «masculinidade exuberante, com duas gotas de sonho»; eles, mais sanhudos e precipitados: «um bruto, armado de varapau, e de tez sanguínea!». Sempre que era apresentado a algum

NÃO QUERO SER HERÓI

novo «adulto», tinha-se tornado proverbial o ricochete impressivo:

— Que surpresa! Julgava-o um homem de quarenta anos.

Ele, irritado, com uma ironia amável:

— Desculpe, já os terei um dia...

E não deixava de emitir um esgar quando mais tarde comentava esta ideia persistente «de ancianidade» que pretendiam adequar, como exclusiva, à valentia de certos actos. E marcava-os:

— Uns balofos!

Um episódio surgiu que, ligado à cena de retumbância que prefaciou, pôs em destaque a contumácia que o perseguia.

Preparava-se para sair (era hora do almoço) quando o rapazinho negro que tinha trazido com ele (irmão da «menina» do Songui) veio anunciar:

— *Sinhor*, está ali branco para falar.

Respondeu que o fizesse entrar para a sala e, um pouco contrariado, desprendendo-se das coisas que levava consigo, apressou-se a ir receber o desconhecido. Deparou com um homem de meia-idade, envergando um uniforme vistoso. Este, ao contemplá-lo, não pôde sustentar a estupefação:

— Ah! mas o senhor é uma criança...!

NÃO QUERO SER HERÓI

— Como?

O visitante, retomando-se:

— Não é nada. — E embaraçado, a meia voz: — Desculpe, mas...

Ele, não se mostrando molestado:

— Diga, diga...

O visitante, hesitando:

— Sabe.....

Ele, pondo-o à vontade:

— Sei, sei o que quer dizer-me. Não se apure.

Era isto: que tem diante de si inteiramente o oposto do trinca-fortes espadaúdo que esperava encontrar. Não é verdade?

O visitante, desanuviado:

— Como adivinhou?

— Quer sentar-se? — E retomando o tom da resposta: — Eu não adivinho. É, simplesmente, a experiência dos meus ouvidos. Os vaticinadores de destinos parece que actuam valendo-se do mesmo sistema...

Entraram a seguir num diálogo coberto pela confiança que o visitante queria impor-lhe sem contar com o desastre a que o assunto já de antemão estava votado.

O desfecho foi rápido. O desconhecido ligou o fim da sua estadia ali ao sucesso que os escritos da autoria da pessoa que visitava, tinham obtido na opinião pública do país, e, relacionado

NÃO QUERO SER HERÓI

com aqueles, citou o nome de uma alta patente de quem era o enviado e que muito de perto se considerava visada nos mesmos, receando que o seu nome, em escritos posteriores, pudesse vir a lume. Neste sentido...

Neste sentido, ouviu-se de súbito a voz dele troar, num repelão:

— É uma proposta...

Houve um silêncio entre os dois. O visitante, exprimindo uma certa dificuldade:

— É uma proposta...

Levantou-se quase de um salto. O interlocutor imitou-o, seguindo-lhe os gestos com um olhar vivo.

Ele, vibrante de dignidade:

— A nossa entrevista terminou. Faz o obséquio... — E indicando-lhe a saída: — A porta está ali!

O visitante, muito pálido:

— Perdão, deixe-me explicar-lhe.

Ele, num repto cheio de gravidade:

— Veste um uniforme...! — E aponta-lhe a farda.

O visitante, cabisbaixo:

— Sim.

Ele:

— E acha coerente...

NÃO QUERO SER HERÓI

O visitante, levantando a cabeça:
— Não diga mais. — E mudando de tom,
(tendo mudado de propósitos): — Permite-me
que o abrace?

Ele:

— Nesse caso, está de acordo comigo?
— abre-lhe os braços.

O visitante, abraçando-o:

— Entrei aqui com vergonha e saio daqui
com o coração mais ativo!

Ele, despedindo-o:

— O senhor é um grande soldado!

Voltou para dentro e foi sentar-se numa
cadeira onde ficou a meditar, com os cotovelos
sobre os joelhos e as mãos enterradas nos
cabelos.

Por fim levantou-se, murmurando:

— Uff! Querer viver com honra é um pesado
dia de trabalho...

talvez explicava-se por duas razões que se apresentavam à vista. A primeira, por permitir que se salvasse, finalmente, da impiedade vexatória em que os honrados representantes da turba se encontravam; quanto à segunda, era evidente que a longa viagem, que se efectuava a cargo dos meios próprios do Estado, desobrigava a Comissão de desembolsos de numerário para as respectivas despesas.

CAPÍTULO II

O «acontecimento» esperado havia meses, acabava de ter lugar. Longamente noticiado pela imprensa o regresso do Herói ao solo natal, a comissão directiva da homenagem projectada pelos Maiorais pôs-se imediatamente em campo, a fim de acertar com o homenageado o dia em que, indefectivelmente, o grande acto se realizaria.

Na reunião efectuada para tal efeito com um número reduzido de membros — só os imprescindíveis para tomar determinações —, acolheu-se com júbilo a informação do tão ansiado regresso. Um êxito! — exclamavam, jubilosos. (E, para eles, todos pensavam: «Já cá o temos. Agora não nos escapa!»). Este regozijo exube-

NÃO QUERO SER HERÓI

rante explicava-se por duas razões que estavam bem à vista. A primeira, por permitir que se saísse, finalmente, da *impasse* vexatória em que os honrados representantes da urbe se encontravam; quanto à segunda, era evidente que a longa viagem, que se efectuaria a cargo dos meios próprios do Estado, desobrigava a Comissão do desembolso de numerário para as respectivas despesas.

Por conseguinte, arrumado o assunto da sessão, foi ordenado que alguns dos mais espertos galopins, adstritos a certos serviços especiais, se pusessem imediatamente em campo com o fim de o localizar e estabelecerem com ele compromissos formais de dia e hora para o Grande Dia!

CAPÍTULO III

Cruzava a sala a passos fortes, bem marcados, num ímpeto visível de nervosidade. Tinha uma testemunha interessada: o *Furor*. Ele adorava os cães de grande porte. Era um «berger» contábrico, elástico, de olhos cor de azeite, que, meio deitado, a cabeça erguida entre as patas estendidas, lhe seguia os movimentos com um olhar de doçura espantada.

O aposento tinha sido a sede de uma Academia de Amadores de Música do bairro, sendo por isso excepcionalmente amplo, ocupando toda a frente do andar que dava para a rua, afora um apertado átrio com janela, onde terminava a serventia da escada do prédio. Ele transformara-o num fascinante *living*. Dera-lhe um

NÃO QUERO SER HERÓI

arranjo a seu modo, tirando das suas dimensões um efeito que ia de par com os seus gostos pelos vastos espaços. Fugiu, pois, à disposição rotineira dos ambientes domésticos sem imaginação para se confinar num carácter intelectual e artístico, adaptado à sua sensibilidade. Sobressaíam as peles vistosas de felinos, os livros, estatuetas, os nus; alguns exemplares de arte negra em ébanos eróticos e animais estilizados; reproduções coloridas de Van Dongen e Max Weber; muitas flores e uma réplica em granito de um torso ciclópico, da autoria do russo Zardkine. Em frente deste, no lado oposto da sala, uma altíssima figura de Moisés, aguda, ilógica, talhada em cedro do Líbano por um surrealista hebreu. Adquirira-a numa exposição da Embaixada de Israel. Delirara. Fizera economias para a sua posse. Ele admirava com exaltação o vigoroso Condutor bíblico. Designava-o assim: «Uma tempestade em missão de Deus». E apesar do modernismo acutilante da estátua, passava minutos e minutos a penetrar-lhe os segredos fisiológicos, a querer absorver em si próprio a emanção viva do pensamento primitivo que lhe parecia agitar ainda aquela forma da cabeça do velho Legislador. Era tal a sugestão que sobre ele exercia o exemplo de fortaleza deífica do homem que comandou o movimento das pri-

NÃO QUERO SER HEROI

meiras massas religiosas e recebeu o verbo do Decálogo, que, um dia em cada semana, dedicava-lhe uma disciplina especial, a qual ia da reflexão votiva a um regime sóbrio de água e pão.

Em certa ocasião, numa visita de improviso, um grupo de amigos entrou-lhe de roldão em casa e deteve-se, interlocado, ao deparar com ele entregue à deglutição daquelas frugalidades. Sem se desconcertar, respondeu ao embaraço dos visitantes com a maior naturalidade do mundo:

— Sois uns materialões! Ignorais ou fazeis por ignorar as receitas mais subteis do «existir».

Com efeito, é um regalo que só poucos experimentam, esta capacidade de saborear a água cristalina e a farinha do pão branco, nos quais permanecem, incorruptíveis, três elementos vivificadores: pureza, saúde e o gosto sacral do primórdio das coisas.

E sorrindo, concluiu em tom de axioma:

— Não sabeis a força que isto dá aos argumentos!

Cada passada acompanhava o ritmo intercalar da meditação. Entre outras resoluções menos seguras, um ponto ficou então bem definido, uma posição firmemente tomada. Vinha do combate e para o combate iria de novo. As facções nacionais, políticas ou apolíticas, não

NÃO QUERO SER HERÓI

lhes pareciam condicionadas para a obra ingente que se impunha realizar de ponta a ponta das estruturas da Comunidade. O amanhã do homem estava já a integrar-se no presente do dia solar. E em cada dia o Universo informava — valendo-se dos meios apocalípticos de que dispõe para a aceleração noticiosa — que um mundo novo estava a nascer.

Todos procuravam saber onde colocar-se dentro desse mundo. Também havia os que não procuram saber nada, esperando sempre o empurrão ou o aceno dos outros — ou o dilúvio. Quanto a ele, sabia bem o lugar que ocupava e que iria ocupar. A despeito das hostilidades que surgiam a embaraçar-lhe o caminho, o seu propósito continuava firme em não renunciar. Cada vida tem uma atitude a orientá-la, acima das tarefas gerais. A sua, havia muito tempo que se encontrava marcada pelo inconformismo e a necessidade de o resolver. Daqui a sua necessidade de batalhar. Era a sua tarefa — inclemente mas saudável, ditada pelo impulso de uma natureza mais própria a criar do que a servir.

A noite ia já avançada. Bateram à porta. O *Furor* levantou-se rosnando e pôs os olhos no seu mestre como a interrogá-lo se havia necessidade de intervir. Ele respondeu-lhe com a cabeça «que não» e, saindo para o interior da

NÃO QUERO SER HEROI

casa, foi deixá-lo no jardim. Quando voltou, a sala tinha sido invadida por um grupo de antigos camaradas já de volta ao país e agora interessados na formação das novas equipas que deveriam intervir na direcção política da Comunidade.

Ao recebê-los, não deixou de notar, intrigado, certo ar grave que em todos retinha a vivacidade expansiva do costume. Descobriu mais tarde que uma atitude interrogativa os unia a todos a seu respeito, reparando que era observado com insistência.

Fingindo não se aperceber:

— Não os esperava. Então que há de novo pelos «antros»?

Todos, à uma:

— O que há de novo?!

Ele, como distraído:

— Sim, o que há de novo? Há já muito tempo que os não vejo juntos e em tão grande número... Pareceis enérgicos!

— Ah! sim, enérgicos... — E numa mudança rápida de tom: — Então não sabes?

— Não sei o quê?

Todos se consultaram, entreolhando-se. Depois, fazendo um círculo em volta dele, segredaram a meia-voz:

— É para esta noite!

NÃO QUERO SER HERÓI

Ele, num ar de sincera ignorância:

— Para esta noite? Não percebo.

Todos:

— Eh *pá*, não percebes... O «movimento»!

Num repelão:

— Estais loucos?

Uma voz:

— Lucidíssimos. Surgiu uma oportunidade. O partido X. logrou convencer os generais do perigo iminente para as instituições com a aceitação por parte do Governo desse arremedo de «lista civil» que as grandes empresas teimam em fazer aprovar a favor dos beneficiários do crédito industrial.

Ele, interrompendo:

— Uma revolução?

A mesma voz:

— «A» revolução!

Ele:

— Isso não é connosco.

A voz:

— Sim, é connosco!

Ele, com certa solenidade:

— Sabem já o que eu penso e o que esperamos perante o país. Pois bem, nesta emergência não vejo que o Governo esteja disposto a ceder, nem tão pouco aceito uma solução dos proble-

NÃO QUERO SER HEROI

mas dentro de um plano subversivo e com únicas vantagens para os profissionais da subversão.

A voz:

— Perdão, mas nós não queremos intervir para fazer uma revolução, mas sim para a evitar.

Ele:

— A abertura da luta levará aos mesmos fins.

A voz:

— Que são os fins dos interesses do país — daqueles por que fomos lutar lá fora, não é verdade?

Ele, imprimindo uma inflexão forte às palavras:

— Entendamo-nos bem: eu não luto pelos interesses do país, eu luto pela revolução do homem — a «nossa» revolução. Os interesses do país são sempre interesses de um conjunto de particularidades, enquanto que os da revolução são os dos homens obedecendo ao destino do seu espírito. É só com este fim que o recurso às armas se justifica. Todos os que estamos aqui o sabemos. Por tirocínio e na prática. Por isso mesmo o esforço fundamental do nosso programa visará a adaptar as ideias à razão experimental e não a experiências ao rumo das teorias, pois se estas forem falsas, o acto que lhes

NÃO QUERO SER HERÓI

corresponde condenar-se-á à falência. E nós queremos vencer. Estamos de acordo?

Todas as vozes, numa exaltação:

— Todos morreremos por ti!

Ele, com um sorriso de bom humor:

— Mesmo sem armas...?

Uma voz:

— Mesmo sem armas... Mas com a força da nossa coesão.

Ele:

— Que é o coeficiente da nossa união — ou melhor, das nossas recordações, do que fizemos no nosso «ontem». Quando nos pomos a recordar, somos fortes.

A voz:

— É exacto. Somos fortes. E se o somos, teremos que empregar a nossa força por alguém e contra alguém. Tu sabes dirigir-nos. Queremos que aproveites a nossa energia. Porque não te moves esta noite?

Ele, impondo-se a si próprio uma calma que parece fugir-lhe:

— Ide-vos. A nossa hora não demorará...

A voz:

— E que responderemos à Junta do «movimento?» Dissera-nos que estava a apoiar-se na nossa colaboração.

NÃO QUERO SER HERÓI

Ele, acompanhando-os à porta da escada:

— Que lhe daremos toda a nossa simpatia... — na derrota! E que continuemos a esperar, se até lá não nos fuzilem...

Sairam todos, descendo a escada em tropel.

Poucos minutos depois, vindas do lado do mar, precedidas de um estampido cavo, as primeiras granadas começaram a passar sobre a cidade, visando o campo da Aviação.

A revolução estava na rua.

bibRIA

VIAJEROS DEL MUNDO

El mundo es un libro que los que no viajan no leen.
— Que los viajeros todos en todas partes
de... — en general el que viaja es un
que se aleja de su hogar.
Viajar es una aventura que nos lleva
Porque viajar es una aventura que nos lleva
mas, precedida de un sentimiento de
estas grandes cosas que nos llevan a
A la aventura de la vida.

bibRIA

— El mundo es un libro que los que no viajan no leen.
Viajar es una aventura que nos lleva
Porque viajar es una aventura que nos lleva
mas, precedida de un sentimiento de
estas grandes cosas que nos llevan a
A la aventura de la vida.

CAPÍTULO IV

Foi uma noite de massacre mental. A visita inopinada dos amigos com propostas descabidas de aliciamento; a sessão de bombardeamento que perturbou o final dos jantares abundantes e depressa se iria extinguir, fechando as suas portas ao susto dos que já não contavam com a liberdade ou a vida para assistirem à sessão seguinte; o analisar das razões ou não-razões que assistem ao indivíduo para que ele pretenda travar o movimento ascensional da colectividade, em nome desta ou em seu próprio nome — que quer dizer do seu próprio interesse; o direito de intervir ou de se deixar triturar ante a inércia dos que mais são atingidos e menos resistem; a passividade da vítima, o odioso do

NÃO QUERO SER HERÓI

suborno, o menosprezo pela inteligência; e, sobre este intrincado assomar de problemas sem deslinde fácil, a consciência de se reconhecer nulo como força viva chapinhando entre a lama lacustre e a morte, — fizeram das suas horas de repouso uma vigília violenta. Fatigado mas não esgotado, fechando todas as certezas e deduções que vinham à superfície, puxadas pelo fio longo e catalítico da reflexão, uma escapatória se lhe apresentava, em que ele não deixava de insistir. E batendo as passadas, a sincronizar o pensamento, martelava repetidas vezes a frase:

— Há qualquer coisa de *diferente* que é preciso que eu faça! Há qualquer coisa de *diferente* que eu devo fazer...

Fumando cigarro sobre cigarro, o cérebro parecia tomar-lhe dos lábios queimados novos alentos com que reacendia o braseiro dos raciocínios, abrindo-se a sugerir-lhe tudo o que ele até ali tinha pensado, concebido, deduzido.

Ajudava-o no complexo labor das suas elucubrações, a descida às profundidades do coração, onde todos os produtos da sua vocação espiritual, junto aos avisos da experiência quotidiana, se acumulavam a favor de uma revisão permanente dos seus excessos. Não queria deixar-se cair facilmente no perigo dos Condutores, afastando para longe de si o papel ultrapas-

NÃO QUERO SER HEROI

sado do Caudilho — tipo marcado de ansiosos que em todas as crises procuram impor às massas o seu predomínio pessoal. O seu ideal combativo (e inconformista) consistia, sim, em criar outros homens como ele, em levantar tipos humanos devastadores do comum: revolucionários sem praticarem a revolução, políticos sem estarem inscritos em nenhum partido, audazes sem fazerem da audácia um espectáculo público a grande preço. Teria isto uma validade aceitável nos compartimentos do mundo biológico a que pertencia? Voltava atrás a recordar a natureza dos elos em que tinha encadeado a sua doutrina, revia mentalmente alguns capítulos do seu «programa de acção» que mais tinham impressionado o espírito aguerrido dos que o seguiam, e por vezes um desânimo atroz lhe secava o entusiasmo nas suas origens. Mas os acontecimentos que naquela mesma noite se estavam desenvolvendo na cidade, faziam-lhe levantar a cabeça e empurravam-no de novo para a fornalha:

— «Há qualquer coisa de *diferente* que é preciso que eu faça! Há qualquer coisa de *diferente* que eu devo fazer...»

De súbito, interrompeu as passadas. Na rua, um rebentar de fuzilaria alarmou o bairro. Sem mais reflectir, abriu uma janela e pendurou-se. Lá em baixo, uma metralhadora, montada sobre

NÃO QUERO SER HERÓI

um camião que se encontrava pejado de civis, vomitava fogo. Do lado oposto da rua, onde sobressaía a esquina de um edifício que armazenava material de guerra, uma fila de guardas a cavalo barrava o caminho ripostando com descargas cerradas. Outros grupos de civis irromperam das artérias transversais. Houve um tiroteio duro.

Num apelo instintivo, deixou a janela e foi procurar o bernal de pronto-socorro, que ainda guardava das suas horas na frente africana. Chegou às escadas num furacão e desceu-as de quatro a quatro. Entretanto, todos os ruídos se tinham extinto. Quando se viu na rua, não encontrou viva alma. No ar, um cheiro a pólvora e, no solo, dois corpos abandonados, ainda chorreando sangue. Eram já cadáveres. Limitou-se a fechar-lhes os olhos, e, durante alguns minutos, ficou de joelhos junto deles, pensativo.

Voltou a subir a escada, entristecido. Ouviase algumas bombas a estoirarem ainda nos bairros distantes da cidade.

Antes de meter-se na cama — e a madrugada começava já a aproximar-se! —, não pôde furtar-se a decompor os pensamentos que mais o atormentavam. A morte daqueles dois homens era o símbolo do que naquela noite se estava a passar; e o que se estava a passar mereceria por-

NÃO QUERO SER HERÓI

ventura o sacrifício mesmo que fosse somente de duas vidas? Este era o problema que se levantava na sua consciência, como em circunstâncias menos justificativas se tinha levantado algumas vezes nos transe da sua vida de combatente. Submetidos a um exame profundo, a situação dos contendores era bem frágil. Levados ao dissidio pela paixão partidarista (discutível em todos os seus pontos) de impôr um sistema doutrinário a outro sistema doutrinário, cujo prevalecimento ninguém poderia garantir que contivesse nele o padrão de soluções em que se integrasse a fórmula de qualquer poder político, em que aceitáveis proporções de justiça se poderia arriscar a perda de uma vida só que fosse para salvar o valor «ocasional» do sistema? Estava-se, por isso, sempre que o acontecimento se declarava, diante de uma pugna terrificante de monstros ou de loucos, para os quais importava menos o destino social da colectividade que a entrega dos proveitos públicos à exploração exclusiva do partido. Aqueles homens, lá em baixo estendidos no chão, tinham com certeza recebido o dom altíssimo das suas vidas para delas fazerem uma obra de ciência, uma obra de beleza, uma obra de amor e, contradizendo os privilégios desta finalidade, os erros de uma falsa noção humana fechavam-lhe para sempre os

NÃO QUERO SER HERÓI

olhos nos abismos de uma noite de desastre. Que aquisição valiosa para o mundo tinha compensado o seu fim?

Agarrado de novo aos seus raciocínios, temperados por um coração afável, começou a exclamar para si, acossado pela indignação que lhe vinha de dentro:

— Não, não! Não pode ser!

Volta a cogitar nos dois mortos. Sentiu ainda nos dedos a tepidez do sangue, de quando os tocou, e onde a vida estava ainda arrefecendo, e imaginou, no momento em que a perdiam, os desesperos que os afligiriam perguntando a si próprios, na última lucidez, se os outros homens que lhes tiravam a vida teriam razões para o fazer. E era esta interrogação que ele sentia agora ir direita contra todas as estruturas jurídicas ou não jurídicas, dialéctico-económico-sectaristas que possam servir de suporte à organização dos Estados e neles fazem fraquejar os princípios da sua validez. Para ele, um regime político era mais uma filosofia que uma economia ou um código constitucional. Os homens deviam entender-se (isto é, administrar-se) por noções paralelas de cordialidade e de sabedoria, e não por sentimentos forçados de obediência ao que eles pudessem menosprezar ou não entender.

NÃO QUERO SER HEROI

Como se quisesse acertar as suas agulhas pelas razões do crítico que o julgava, isolado num compartimento de certo bairro típico da cidade, — o movimento revolucionário parecia haver-se detido no seu programa furioso de devastação pública. Nenhum ruído subversivo se erguia para o céu esbranquiçado do alvorecer. Tudo entrava de novo no silêncio de uma urbe feliz e na «ordem estabelecida».

De nervos esgotados, meteu-se na cama e em breve imergiu num sono opioento como o de um toxicómano.

Quando abriu os olhos, o espaço amplo do quarto rendia-se à luz que os chaparrões do sol já alto enviavam através do cortinado das janelas sem gelsias, feito de um tecido estampado de dragões ferozes, que ele trouxera no saco das suas curiosidades raras de viajante.

Bocejou um pouco, olhou o relógio e, com uma mímica de surpresa, levantou-se a correr para ir mergulhar-se num banho frio. Enxugou-se lípido, foi passar a vista pelos jornais da manhã que o seu fiel *songui* havia disposto há muito tempo sobre a mesa do pequeno-almoço e, depois de engolir uma chávena de café espesso, acompanhado de duas bananas *flambées* em conha-

NÃO QUERO SER HERÓI

que, vestiu-se à pressa para sair para a rua. Sabendo que a revolução tinha abortado, ardia de interesse por conhecer a situação dos companheiros, visto desconhecer as consequências em que as suas atitudes os teriam colocado. Tinha já tentado estabelecer comunicação com eles, mas verificou que as linhas telefónicas haviam sido cortadas. Por sua vez, pensando bem, não se considerava com a liberdade assegurada, sentindo-se mesmo comprometido, uma vez que tinha dado a sua adesão a uma renovação do programa político, embora não se servindo daqueles meios nem com os mesmos objectivos.

Estas reflexões foram interrompidas pela chamada de alguém que batia à porta. Não ficou satisfeito. Entretanto o criado foi ver quem era e voltou com esta mensagem inquietante: «Está ali *sinhor* com farda de militar...» Não se perturbou, decidido a aceitar todas as circunstâncias com o sangue-frio de sempre. Pensou: «É uma detenção à vista». E rapidamente, com um crispamento de melancolia, deitou um olhar a todas as coisas que o cercavam e que ele decerto iria em poucos minutos abandonar; em seguida, dirigiu-se ao criado: «Diz-lhe que entre.» Firme a meio da sala, aguardou o visitante.

— É o senhor X.? — A uma resposta de confirmação, o visitante, estendendo a mão, apre-

NÃO QUERO SER HERÓI

sentou-se: — Sou o ajudante-de-campo de Sua Excelência o Presidente da Comunidade.

Visivelmente desconcertado, titubeou:

— Ah! sim. Muito prazer! — E por sua vez estendeu-lhe a mão. Era um homem de meia-idade, alto, moreno, fino de maneiras — que o porte do uniforme (de major de infantaria) tornava mais dignas. Media-o de alto a baixo com a perturbação colérica de estar já a considerar-se «sua vítima», ao mesmo tempo que não atinava com as razões de que qualquer medida a aplicar-lhe pela sua aparente ligação com a intontona da noite, tivesse que vir lá tão de cima! Chamou-lhe depois a atenção o olhar investigador com que o recém-chegado percorria todos os ângulos da sala, todos os objectos que o rodeavam, o que, em tais condições, se lhe afigurava de um interesse um pouco irónico, se não mesmo absurdo pela insolência que representava aquela demasiada penetração na intimidade do seu ambiente. Sem embargo, não querendo negar-lhe cortesia, convidou-o a sentar-se. A resposta veio em imediato, num acento seguro de afabilidade:

— Muito obrigado, mas o motivo que aqui me trouxe faz-me demorar pouco tempo.

— Como quiser. Faça então o obséquio de dizer...

— O Senhor Presidente encarregou-me de vir

NÃO QUERO SER HERÓI

perguntar-lhe se aceitaria um convite para uma visita.

Num abalo que lhe embargou a voz:

— Como?... Para uma visita?...! (Ele não queria acreditar no que estava ouvindo).

O Oficial, forçando um sorriso:

— Exactamente.

Ficou como sufocado. No cérebro, riscaram-se-lhe estas interrogações: Cilada? Brincadeira? Ainda pensou em retorquir-lhe: — «Fora! O senhor é um impostor. Veio aqui para divertir-se...!» Mas reteve-se. Pensou rapidamente na novidade desta experiência. E sentiu-se atraído como para um passo perigoso. Mudou, por conseguinte, de atitude e, dando ao tom da voz a maior naturalidade, respondeu, fixando-o duramente.

— Bom... com muito prazer.

— Então aceita?

— Sem dúvida nenhuma...

— Nesse caso, o Senhor Presidente esperá-lo-á na sua residência de verão, no próximo sábado, às cinco da tarde. — Despediu-se com algumas palavras protocolares e dirigiu-se para a saída.

O visado por este acto de obscuras razões de cortesia voltou para dentro, julgando-se vítima de um estratagema hilariante.

CAPÍTULO V

O sábado chegara depressa. Enquanto ia procurando o vestuário mais próprio para o encontro que em breve teria lugar, o pensamento não se eximia a procurar as razões que lhe explicassem o insólito daquele convite. Descartado qualquer motivo de responsabilidade política relacionado com a revolução falhada (cujo programa visava, com efeito, a mudança do regime de que o Presidente era o fiel mandatário constitucional), só um outro motivo lhe parecia com *força* suficiente para justificar a aventura de que se julgava ser objecto. E chamava-lhe «aventura» sem nenhum intento de recorrer a qualquer imagem de ficção romanesca, visto que o nível limitado em que a sua actividade se desenvolvia,

NÃO QUERO SER HERÓI

estava bem longe de qualquer contacto social com as altas esferas da representação nacional. Logo, o que se estava passando com ele não poderia ter outra origem que a dum pretexto inominável para fins fantasiosos.

O outro motivo admissível não era de teor tão vago. Representava até, dentro de um certo modo, um impacto directo com a realidade dos seus actos e, reversivamente, com a sua pessoa. Ali, a responsabilidade permanecia ostensivamente estabelecida, — com gravidade ou sem ela. Por duas vezes, no contexto dos seus manifestos doutrinários, ao elaborar o processo crítico dos poderes públicos, tinha inserido o nome do então titular de uma pasta, ligando-o a uma conivência que, por descuido, tinha dado ocasião a alguns desastres irreparáveis. Portanto, a ideia de que ele, à vontade nas suas prerrogativas, quisesse chamá-lo agora à sua presença para o censurar às escondidas, tomava vulto no seu espírito, embora lhe repugnasse aceitar que um processo tão pouco digno fosse utilizado por tão alto magistrado. Mas nem sempre Séneca é lido pelos chefes de Estado... — pensava ele.

Olhou para o relógio e notou que estava na hora em que era necessário partir. Meteu no bolso as folhas dos manifestos com as passagens que mais se aproximavam do *corpo de delicto*

NÃO QUERO SER HERÓI

e desceu à rua. Meteu-se no carro, que estacionava à porta, e atravessou a cidade em correria veloz, em direcção à residência privada do Presidente.

Num salão arranjado com um visível bom gosto — onde sobressaíam as loiças e os móveis das grandes épocas nacionais, e a presença de alguns pintores espanhóis (um Ribera e dois Zurbarans), — ele observava com interesse, havia já momentos, um grande retrato a óleo do homem cujas fotografias as lutas políticas tinham divulgado no país ao longo das últimas gerações quando de súbito uma figura núbil de rapariga, solene e airosa, surgiu de uma porta que dava para o interior e se dirigiu para ele:

— Meu pai, impedido por um assunto urgente, pede-lhe para o esperar uns minutos.

A primeira surpresa fora agradável. Respondeu com vivacidade:

— Todo o tempo que quiser! — Apresentou-se e cumprimentaram-se. Ele começou a olhá-la com verdadeira satisfação. Ela era uma boneca atraente, morena, elegante, os cabelos castanhos caindo sobre um lado do rosto, os olhos muito negros, expressivos, gritando com calor inteligência e candura.

NÃO QUERO SER HERÓI

Sem preâmbulos, ela interveio directamente:

— Sabe que não é para mim um desconhecido! Creio ter lido tudo o que tem escrito.

— Que paciência! — E dominou o efeito da surpresa que recebia.

— Paciência não, mas antes prazer, gosto, estudo. Tenho uma pecha comigo, a de querer formar o retrato dos escritores através das palavras de que eles se servem. Por isso lhe disse que já o conhecia.

— Lisonjeia-me imenso! E pensa conhecer um autor só através das palavras?

Ela, depois de o convidar a sentar-se:

— Bom... através das ideias, do carácter, das intenções. E das palavras, sim: da qualidade, do significado... e até da maneira como estão agrupadas.

— Que sabedoria! É pasmoso. Sabe que só tenho ouvido falar assim a pessoas... — E detém-se.

— Diga, diga: aborrecidas?

— De maneira nenhuma.

— Então... mais velhas do que eu, não é isso?

— Assim mesmo.

Com um sorriso malicioso:

— Talvez eu não seja tão nova como pareço...

Nem o que pareço...

NÃO QUERO SER HERÓI

- Quer uma resposta que a envaideça?
- Quereria uma resposta para me definir...
- Perdão, há apenas minutos que estou em sua casa, e isso é uma dificuldade que eu não tomo a liberdade de vencer.
- Pois é essa mesma dificuldade que eu lhe peço para resolver...
- Porquê?
- Ah! Então ainda não deu por isso?... Pois para o conhecer melhor fora dos seus livros. Valeu?

Ele, metido de repente dentro do seu mundo de ideias, de especulações intelectuais, tinha-se deixado arrastar para fora da realidade e esquecido, por momentos, das razões por que estava ali. A sua jovem interlocutora apresentava-se demasiado viva, demasiado inquiridora, para que ele se recusasse a concentrar nela toda a sua atenção. Ignorava tudo dela, não sabia mesmo que ela existisse no ambiente familiar de um homem de quem toda a nação falava com respeito e, através das suas batalhas e dos seus discursos flamígeros, elevado às dimensões políticas de Causídico sem o devassar de alusões à sua vida doméstica. Sabia-se, sim, que tinha casado tardiamente e modificado o seu laicismo sob o adjuvante do matrimónio. Fazia-lhe por isso impressão a novidade deste brote humano tão ornado

NÃO QUERO SER HERÓI

de frescas graças e procedente de um tronco hercúleo, tão batido dos furacões.

Respondendo à afirmação dela:

— O que vale decerto mais é o prazer que eu tenho em escutá-la. Analisa como uma alquimista...

— Não gracieje... No colégio que frequentei, em Inglaterra, o ensino era forte em psicologia. Depois foi o pai que me deu o gosto da literatura. Sempre o temeram como político, ignorando que poderiam vencê-lo com uma frase bonita. É insensato, não lhe parece?

— Decerto, que me parece... — Aquela elocução do nome de «pai» tinha-o chamado de novo à realidade. Teve um sobressalto que ocupou o silêncio em que ambos ficaram por instantes. Abrindo outra vez a conversação:

— Estranha-me um pouco que se tenha interessado pelos meus escritos. São poucos e só falam do homem, das suas intenções e dos seus desesperos. Enfim, são mais libelos do que livros.

— Vai surpreender-se, — mas é isso mesmo do que eu gosto. O resto dá-me um travor a coisa doméstica. É uma herança de família. Não se esqueça que tenho em casa o exemplo de um grande lutador.

NÃO QUERO SER HERÓI

— É inesperada nas suas respostas. Logo, mais que surpreendente. Que dom maravilhoso!

— Não vejo em quê. E se me deixa falar, acrescentarei ainda mais alguma coisa. Como mulher, sinto que é o estudo do homem o que mais me deve interessar. Saber o que ele é, o que ele pensa, como reacciona ante o perigo, a mentira e a paixão; a sua capacidade de ser bom e de ser mau, de perdoar, de compreender e de sonhar; a sua sensibilidade ao carinho, à inteligência e à honra, etc., etc.. Em resumo, creio que devõ estudar a sua valia para poder valorizar o que, como rapariga, poderei entregar-lhe. E agora, para meu governo naquilo que penso, responda-me francamente como homem: — Gostaria de uma mulher assim?

— É espantoso: parece que estou a ouvir-me a mim próprio!

Ela, com um grande sorriso:

— Bom, isso já é alguma coisa.

Ele, numa posição de defesa:

— Alguma coisa, porquê?...

— Porque já estou a conhecê-lo melhor.

— Neste caso, o mesmo que eu poderei dizer a seu respeito...

— De acordo. Mas responda-me, volto a pedir-lhe.

NÃO QUERO SER HERÓI

Ele repete para si a pergunta:
— «Se eu gostaria de uma mulher assim»...?
— Fica hesitante a procurar a resposta... No mesmo momento alguém surgiu à entrada do salão, marchando com dificuldade, mas de porte imponente.

Levantaram-se os dois e ela correu para a figura veneranda que se adiantava e foi tomar-lhe o braço, ajudando-a a deslocar-se.

— Desculpe eu ter demorado um pouco. — Parou, muito aprumado, a cabeça erguida, a observar o visitante. Alto, forte, a tez pálida, sob a famosa cabeleira leonina, ainda farta e grisalha, a protuberância de uma fronte ampla dominando os olhos recuados, muito negros, um pouco dolentes como cansados de sonhar, fazia pensar num tribuno da república grega de Platão. A gota tinha-lhe imobilizado a mão esquerda e dificultava-lhe o andar. Porém, tudo nele exprimia uma atracção irradiante, espiritualidade, e não sei que poderoso sortilégio pessoal.

Continuou, falando vagarosamente:

— Deverá tê-lo surpreendido o desejo que pus nesta visita...

Ele, emocionado:

— A surpresa de uma honra que não se espera, senhor Presidente.

Este estendeu a mão ao visitante e, depois

NÃO QUERO SER HERÓI

de se cumprimentarem, pediu à filha para aproximar mais do sofá um cadeirão de rodas que ali se encontrava. Sentaram-se.

Apesar da simpatia envolvente em que tinha decorrido o primeiro quarto de hora da sua presença naquela casa, chegara o momento em que tudo o que poderia haver de grave para ele em tal visita se iria, finalmente, precisar. A situação era das mais difíceis em que se tinha visto. Não a criara. Não a procurara. Mas ela estava ali; despedaçando circunstâncias e tempo, tinha-se aproximado, tinha entrado no seu tempo. Ali, num lugar que se tinha tornado já solicitante, entre a formalidade respeitosa de um veterano e o sorriso aliciador de uma criatura adorável. Como iria manifestar-se? Num trovão de exprobações ou com a bonomia sarcástica de quem se sentia dispor de todos os foros para castigar o impertinente que ousara brincar com o seu nome? Por uma dualidade de hipóteses, o seu temperamento reagia e cegava-o o impulso de se levantar imediatamente e, numa prévia defesa, impugnar a abusiva utilização dos direitos que lhe tinham feito aceitar aquele encontro. E concluía para si que, se eram legítimas as obrigações de cortesia que devia à alta personalidade que o hospedava, também não era menos legítimo o respeito que devia à sua própria digni-

NÃO QUERO SER HERÓI

dade pessoal. Em suma, sufocado de impaciência, pôs-se a aguardar o veredicto com os ouvidos e olhos atentíssimos; a espiar o seu interlocutor.

O Presidente, ajeitando-se bem no cadeirão:

— Queria dizer-lhe algumas coisas. Vejo que é amável e isso facilitará a nossa conversa.

— Pelo amor de Deus, senhor Presidente...

Dando esta réplica, que não queria ser cordial mas simplesmente neutra, ele pensava que a ambiguidade da posição não se tinha esclarecido com as primeiras palavras que acabava de escutar. A alusão inculcava já um anúncio de rispidez; — ou estaria ele, enganado por uma prevenção precipitada, a tomar com desacerto o tom de uma linguagem cujos percucientes próprios desconhecia?

O diálogo não foi longo. Entre outros pormenores circunstanciais, concentrou-se principalmente na análise das ordens governamentais que tinham dado lugar, na condução das operações militares fora do Continente, a consequências de certa gravidade, corajosamente verberadas nos manifestos já referidos. Fosse como fosse, um indício surpreendente irradiava da fisionomia do visitante: ele escutava e respondia com um sorriso de inesperada satisfação.

NÃO QUERO SER HERÓI

Já todos de pé, a meio do salão, o Presidente retomou a palavra:

— Repito-lhe o que lhe disse: nunca devemos ter vergonha de emendar um erro que se cometeu de boa fé. Não se esqueça disto!

— Já fazia parte da minha moral privada; passarei agora a obedecer-lhe como a um aforismo particularmente respeitável.

Depois de perguntar-lhe a idade que tinha, a carreira universitária que seguia, as relações com os departamentos do Estado, exclamou, dando solenidade às palavras:

— Tenho uma filha, como vê. Se tivesse um filho, desejaria que ele fosse como o senhor: com o mesmo carácter independente, com o mesmo fervor, com a mesma coragem! Deixe que o abrace... — E dizendo isto, aproximou-se do visitante e, com o braço que não estava doente, apertou-o contra o coração.

Ao retirar-se, ele apresentava-se como vidíssimo e, sem poder pronunciar palavra, ficou a olhar o chão. Ao mesmo tempo, a filha aproximava-se do pai e beijava-o ternamente na face.

O Presidente, reparando no prolongado silêncio dele:

— Pensa em alguma coisa?

— Penso em meu pai. Já o não tenho. Penso que só ele me poderia dirigir as palavras que

NÃO QUERO SER HERÓI

acabo de escutar, e desejaria que fosse ele o único homem que as ouvisse.

O Presidente, olhando-o com afeição:

— Esta casa pertence-lhe. O senhor é um verdadeiro homem. Venha aqui sempre que queira.

Ele, baixando a cabeça, a agradecer:

— É uma honra que me comove e que culminará com o prazer de aprender as lições de um civismo que admiro...

— Sei que a cidade vai homenageá-lo. É justo. O povo precisa de si. — Estendeu-lhe a mão, a despedir-se, e pediu à filha para o acompanhar.

bibRIA

Enquanto se afastavam, ela interrogava-o:

— Contente da visita...?

— Muito mais do que isso: emocionadíssimo.

Atravessando uma ante-sala cujas paredes estavam forradas de velhas bandeiras e cartazes de propaganda política com a efígie do pai, chegaram devagar ao átrio da saída. Este dava para os talhões verdejantes de um amplo jardim que isolava da rua a soledade da vivenda, sombreada de árvores umbrosas.

Ela, um pouco enleada:

— Tenho agora a impressão de o conhecer há

NÃO QUERO SER HEROI

já muito tempo... Desde que li o seu primeiro livro.

— É verdade?

— É verdade.

Ele, fitando-a muito:

— Sabe que tenho vontade de a apertar contra o coração?

— Aperte-me!

Não passava ninguém na rua. Os dois davam-se, no entanto, um espectáculo «irreverente» ou «conjugal» permanecendo muito enlaçados, não pronunciando uma palavra, imponderabilizados...

Ela, separando-se, e como sufocada:

— Esteve a dar-me o abraço que recebei do pai, não é isso?

— É isso, — e talvez mais!

Ela, descendo com ele para o jardim e acompanhando-o até à saída:

— Mesmo sem «mais»... já me basta.

— Que quer dizer?

— Que estou muito contente! — E sorrindo, com um ar muito feliz, pôs-se nas pontas dos pés e, infantilmente, deu-lhe um beijo furtivo.

Ele, abrindo muito os olhos:

— Aaah!

Ela, distanciando-se, a correr para casa:

— Volte!

ja nicht so, wie die Welt es sieht, sondern wie sie ist.
Nur —

— Die Welt ist ein großer, dunkler Raum.

bibRIA

CAPÍTULO VI

Levantou-se no dia seguinte considerando-se o homem mais dotado da terra. Tinha aquela noite como a sua melhor noite — calma e profunda, sem o vil pesadelo dos fracassos, cobrindo de culminações excitantes as depressões mais vulneráveis de todas as suas faculdades. Uma sorte de ebriedade, de plenitude feliz, decorria do vibrante estado de confiança em si próprio que havia readquirido na véspera; no transcurso daquela singular visita que não sabia ainda bem como explicar, como tinha surgido e dos termos inesperados em que se tinha desenvolvido. Tudo se passara ao inverso do previsto. De boamente fora àquela casa mas com a suspeição justificada de ir penetrar num pre-

NÃO QUERO SER HERÓI

tório, e, de ouvidos não convencidos, escutara o «juiz» estabelecer em rasgados acentos a laudabilidade do presumido acusado. Ainda havia homens! Guerreando contra eles, contra a sua perda de grandeza, embora crente da autenticidade do seu destino, lisonjeava-se nas suas convicções sempre que encontrava «um». E agora mesmo tinha encontrado Um — e com privilégios insuperáveis. Guardava ainda as suas palavras ouvindo-o discretear, criticar, biografar-se a si próprio historiando os combates e as decepções do seu passado em prol da ideia (democrática) da pátria, marcados de irreverência mas também de aprumo moral. Uma das suas observações: «O homem tem que ser livre não só quanto à sua unicidade social, mas principalmente quanto ao funcionamento das suas opiniões».

Não o poderia esquecer, não o esqueceria, — pensava. Seria para ele um mestre da ideia moral da revolução. Tinha necessidade de ouvi-lo. Voltaria a sua casa. — A sua casa? E ecoavam nele algumas frases; ecoava nele, principalmente, a última palavra que lhe tinha sido dirigida na despedida, junto do portão do solar: «Volte!»

Meditou um pouco. — Porque lhe surgia nos azares da sua vida tranquila esta chamada cati-

NÃO QUERO SER HEROI

vante, — voz fresca como água no manancial, a querer dessedentar um viajante ressequido? — «Volte!» Preso a este eco, sentia como que uma brisa familiar a envolvê-lo num certo afago que lhe era consolador.

Saiu de casa e empregou todo o dinheiro que naquele dia tinha na carteira, na compra de um ramo de cravos monstro, que mandou entregar com um cartão, onde escreveu duas palavras simples, na residência particular do Presidente.

Em seguida, tomado por uma inusitada sensação de euforia, vadiou pela capital, subiu aos esconderijos pitorescos que o seu espírito e as suas recordações amavam, foi até ao oceano beber a sua água salgada, beijou uma criança num bairro pobre e acabou a digressão exaltante regalando-se com um almoço de sardinhas assadas, regado de um saboroso vinho tinto «dos cocheiros», num restaurante ribeirinho. Passou por uma livraria, onde adquiriu as últimas novidades psicadélicas (retrato de um futuro sem futuro), e entrou num café, que a sua presença encheu de um vivo rumorejo de mesa para mesa. Que mais fazer num dia assinalado por um desencadear de eventos onde a sua natureza se sentia unida a todos os impulsos que lhe vieram do berço? Correu para casa — abrigo sonhador

NÃO QUERO SER HERÓI

das suas tempestades. Ali, esperava-o uma surpresa. Mas antes, desde que entrou, chegou à janela e, olhando o espaço, naquela ocasião radioso da luz que pulsava sobre os telhados, exclamou com um sorriso de troça e de paixão: — A vida? Ah! ah! ah! Ela é bem isto, bem o fundo disto, no seu charco de estrelas e de mixórdias: esta beleza, este desprezo e esta audácia com que a encaramos!

E a surpresa anunciou-se. Logo que abandonou a janela, ouviu-se o telefone tocar. Pôs o auscultador:

— Sim...

Do outro lado da linha:

— Então não me reconhece?

— Perdão, quem fala?

— Já se esqueceu da minha voz...?

— Um momento. Deixe-me pensar...

— Não pense. É só para dizer-lhe: os seus cravos são maravilhosos!

Ele, surpreendido:

— Ah!...

Ela, continuando:

— Pedi ao pai para os levar para o meu quarto. Bom, pedi-lhe porque entendi que aquela homenagem era para ele... Homenagem de um lutador para outro lutador. É assim?

— Não é inteiramente assim. Primeiramente,

NÃO QUERO SER HEROI

porque as medidas do meu combate não podem comparar-se com as de um combatente sem igual. Depois, porque, *sentidas* bem as coisas (oiça: receba em sublinhado estas *sentidas*), os meus cravos levavam secretamente o seu endereço.

— Posso responder-lhe?

— Sim.

— Então respondo-lhe igualmente por separação dos «teores» — ou quesitos, como se diz nos tribunais. Oiça bem o primeiro. — Que o pai gosta particularmente de você, o que não é de uso nas suas simpatias. A ilustrar o que lhe digo, saiba que, precisamente esta manhã, estive aqui um grupo dos Notáveis da cidade, expondo a questão da homenagem que lhe vão fazer e a protestar contra a sua negativa em aceitá-la; acusaram-no com palavras fortes, tais como orgulho, intransigência, invencibilidade... E sabe o que o pai respondeu? «É isso que faz a sua força. Não é como os outros são. Guardem-no bem para o serviço da Comunidade».

Ele, impressionado:

— Quero-lhe já como a um pai!

Ela, depois de um silêncio:

— Deixa-me continuar?

— Peço-lhe...

— Nesse caso aqui vai o segundo quesito,

NÃO QUERO SER HERÓI

em resposta ao seu segundo parágrafo. Para o formular tenho que o envolver numa pergunta, reduzindo-o a essa só pergunta: — Gosta de mim?

Ele, procurando tempo para a resposta:

— Para responder-lhe, precisava de olhar para si, de vê-la nos olhos. Dirigiu-me ontem uma pergunta com outras palavras mas com o mesmo sentido, não é verdade?

— Talvez. Mas a que não respondeu.

— Compreende, já não tive oportunidade...

— É certo. Agora sim, que a tem. Estou à escuta...

— E será útil escutar?

— Porque não?

— Continuo sem oportunidade. Este é o óbice. E não imagina como eu desejaria tê-la, como eu desejaria possibilitá-la!

— Perdão. Mas não o compreendo bem. Então não é isso que estamos a fazer? — o que, pelo meu lado, eu estou a fazer?

— Você não é uma rapariga como as outras. Eu talvez não seja também um homem como os outros. E, decerto por isso, acontece o que talvez não devia acontecer: em breve partirei outra vez para a minha linha de combate. Quero ainda experimentar as possibilidades de que me sinto capaz.

NÃO QUERO SER HEROI

Do outro lado do fio houve uma grande surpresa.

— Ah!... Não o podia prever! E não creê que ainda poderá mudar de propósitos?

— Não creio. A vida tem mais valor onde se corre o risco de perdê-la. Não quero ser um profissional da audácia mas desejo tornar-me solidário de todos os homens que a empregam para modificar os outros homens. Caminhamos para um mundo cada vez mais trágico. Cada um de nós deve preparar nervos de aço. Ando preparando os meus... Quero envelhecer homem e não um adolescente. Depois, no fundo, sou um homem triste. Não conhece nada da minha vida.

— Tenho um frémito ao ouvi-lo.

— É muito igual a mim. Talvez por isso. Uma circunstância.

— E porque não um augúrio? — Um silêncio interrogativo entre os dois. Depois: — Voltarei a vê-lo aqui?

— É um pedido?

— Gostava que fosse?

— Decerto.

— Então... — sim, é um pedido!

— Nesse caso... ver-me-á.

NÃO QUERO SER HERÓI

A porta abriu-se e, em massa, o grupo dos amigos do costume entrou na sala.

— Que bomba! Já toda a gente sabe da tua estada de ontem na residência do Presidente. Há um reboliço no «vilório», aventando-se os projectos mais extraordinários relacionados com a tua pessoa e a nossa falange. Sabemos que os jornais da tarde vão publicar largos comentários, e por parte dos ocupantes dos pontos-chave da política local começa-se a ligar o imprevisito desta visita a um compromisso do grupo com o fracassado movimento. Fala-se já do patrocínio, embora velado, que nos poderá advir da alta magistratura da Comunidade. Começamos a estar no rol do dia. Um êxito. Como os imbecis nos vão odiar!

— Calma, calma, calma! — Todos o olhavam, embevecidos. Ele pediu-lhes que se sentassem. Retomou a palavra: — Peço muita atenção para o que vou dizer-lhes. Por notícias secretas que acabo de receber, o assunto das outras raças no território africano está a causar dificuldades às nossas posições. Teme-se para breve um conluio de interesses extra-europeus que poderá acarretar-nos riscos graves. O tempo não corre tão depressa como desejaríamos para que todas as verificações bélico-sociais resultem a nosso favor. Por conseguinte, aqui está o meu pro-

NÃO QUERO SER HERÓI

grama: regresso imediato de todos os da nossa falange aos lugares de combate; e, ou ficaremos lá todos ou voltaremos aqui para dizer à Nação que chegou a hora de fazer correr sangue novo nas artérias do Estado. Desejo o vosso voto...

Todos se tinham calado, recolhidos. Passados instantes, numa atitude grave de compromisso:

— Todos estamos contigo!

— Ótimo. Sei que se preparam dois barcos com a saída de reforços. Um deles foi posto à nossa disposição. Partiremos em breve. Preparem-se.

Algumas vozes:

— E a homenagem da cidade?

— Talvez para breve.

— Finalmente!

— Finalmente.

— Lá estaremos.

... e a sua obra é uma obra de arte, e não de ciência. ...

bibRIA

... e a sua obra é uma obra de arte, e não de ciência. ...

CAPÍTULO VII

Depois de alguns adiamentos e contrariedades de vulto, ia finalmente—poderá repetir-se—efectuar-se a grande sessão oficial de homenagem ao Herói. O edificio revestiu-se de todas as suas galas sumptuárias e protocolares há muito previstas num programa que os acontecimentos, como possuídos de um sarcasmo iconoclástico desarmante, não tinham deixado cumprir até então. O senhor diabo não perde uma ocasião para meter-se com as coisas dos homens. E estes, por descuido ou experimentando-se a si mesmos, caem fàcilmente na armadilha, acusando-se em seguida uns aos outros da «sua pouca sorte»...

Singulares manifestações de contentamento culminavam assim a longa espera tantas vezes

NÃO QUERO SER HERÓI

malograda. Chegava o Grande Dia, agora já sem receios de se frustrar de novo a sua fixação nos anais dos registos fastuosos. Aceitando a sua presença naquela magna reunião, ele tinha posto como condição prévia a dispensa, quanto possível, de todo o formulário de gala inerente à recepção. Consequências: nem embandeiramentos exteriores, nem guarda-de-honra com o pelotão a cavalo. A Comissão vingou-se dispondo que tanto as representações obrigatórias como os assistentes ao acto elevassem para o máximo o estilo dos indumentos. Proveio daqui uma proliferação quase incómoda de medalhas rutilantes, de insígnias e «crachats», de fitas e bandas multicolors sobre a gravidade dos uniformes e casacas e a nitidez dos peitilhos lustrosos. Uma parada de luzimentos. Compreensível, solene, concreta. Ajustados nos seus lugares, cada um era um outro — o *outro* que ele sonhava ser. À parte o clero, as autoridades, os tribunais de identidade reconhecida e respeitada, uma multidão não referida enchia as bancadas, desde o magnate ao pelintra, do grande génio ao cretino, do chefe de empresa ao trabalhador honesto, do simplório ao impertinente.

Contudo, neste vistoso ornamento de categorias sociais, uma nota de destom se assinalava, marcando frigidez e desencanto. Num pro-

NÃO QUERO SER HEROI

pósito que merecera ácidos comentários, a presença das senhoras fora excluída. Explicaram a razão desta medida pelo elevado número de autarquias que desejavam trazer à sala, e também devido a uma manifestação de forte masculinidade — que era a faceta humana que naquela reunião se pretendia exaltar. (O apropriado deste ponto de vista parecia querer corrigir a morna compleição dos estadistas e burocratas coevos).

Tudo a postos, o Mordomo anunciou:

— Vai ser aberta a sessão!

bibRIA

Duas horas tinham decorrido, gastas nas saudações e esclarecimentos preambulares, a que se seguiu um torneio de eloquência — «oficiosa» e charra por um lado e altaneira e de fortes impugnações pelo outro.

Os últimos argumentos, as últimas frases ricocheteavam como sob o malho de uma bigorna.

O orador oficial:

— De qualquer maneira, é a nós, a esta Assembleia, que pertence a iniciativa de tomar decisões.

NÃO QUERO SER HERÓI

O Herói:

— Isso será aceitável quando tais decisões não impliquem um compromisso com a vontade individual de cada um.

— Reconhecemos em si o valor dos elementos que enaltecera os seus dotes até ao ponto de os tornar objecto desta celebração; mas não podemos aceitar o princípio de que, neste caso, a sua vontade individual possa entrar em linha de conta.

— Protesto! A minha vida não é mais importante que uma outra.

— Não lhe cabe a si de julgá-lo.

— Mas cabe-me a mim de sabê-lo!

— Perdão. Ainda que o não queira, o que em si constitui motivos excedentes da sua personalidade comum, já não lhe pertence a si, mas sim ao foro público.

— Em nome de que princípio ético ou moral?

— Dos vigentes!

— Em que sociedade?

— Naquela a que pertencemos.

— É o que eu queria ouvir. Os senhores estão empenhados na apropriação do homem. O homem será vosso — será uma coisa a adquirir e a usar. Mas eu e os que me acompanham queremos que o homem seja antes de tudo uma ideia, uma consciência, uma realidade invendá-

NÃO QUERO SER HERÓI

e não alienável pela vontade de outrem. Não o queremos destruir, queremos recriá-lo!

O grupo de camaradas que se encontrava na sala, irrompeu em aclamações:

— Apoiado, apoiado! É exacto!

O orador oficial:

— O homem está bem onde está, na sociedade em que estamos. Quanto às ideias, — estas nem sempre são úteis.

O Herói:

— Quando são falsas. Vejamos. Nós desejamos viver e estamos a matar. Nós devemos amar e vivemos a odiar. Nós queremos a nossa liberdade e estamos a impor-nos à vontade dos outros, e os outros a todo o momento se esforçam por impor-nos a sua vontade. Está isto certo? Esta própria Assembleia, que já aqui proclamou alguns princípios adjacentes à liberdade humana, tem-se ocupado e está a ocupar-se de interferir violentamente na minha vontade pessoal.

— Mas não para o destruir!

— Para destruir o que em mim mais me pertence, — o que não é melhor.

— É um sofisma...

O Herói, num tom enérgico:

— Se há sofisma, são os senhores que desde o primeiro acto a meu respeito estão agindo à sombra da sua dissimulação. Em resumo: o que

NÃO QUERO SER HERÓI

é que quer esta Assembleia de mim? Eu lhe respondo. É simples. Pois apenas isto: criar um valor acima da tabela dos valores colectivos para, à sua sombra, à sombra do seu significado social, e participando dele, cometerem «gloriosamente» todas as exacções contra o homem!

Uma torrente de aplausos desabou do grupo de camaradas e doutros grupos:

— Apoiado! Bravíssimo! Muito bem!

O orador oficial, voltando-se para o presidente da Assembleia:

— Senhor Presidente, creio não se adaptarem ao acto que estamos celebrando as palavras que acabamos de escutar. — E voltando-se de novo para o Herói: — É uma opinião bem pessoal, não é verdade?

— Partilhada por todos os jovens que lá longe, nos limites da nacionalidade, não esperam envelhecer para verem a morte próxima e entre os quais imediatamente de novo me encontrarei. Todos estamos ali a lutar para valorizar o homem comum e não para criar o homem *excepcional*. É com este homem *comum* que desejamos formar a Comunidade imediata.

Outra torrente de aplausos:

— Apoiado! Bravo! Bem-hajam!

E outra, discordante:

— Não pode ser!

NÃO QUERO SER HERÓI

— Interrompa-se a sessão!

— Ao contrário, que prossiga a sessão!

— Interrompa-se! Houve insulto às «formalidades»!...

— Que prossiga! Aos Imortais não se aplica qualquer sanção.

— E ele é Um, o Único, o Autêntico!

— O nosso, o que esperávamos!

Uma vaga de vozes precipita-se de todos os lados:

— Apoiado, apoiado!

— O nosso Maior!

— O que nós representa a todos nós!

— Viva, viva o Herói!

O Presidente, fazendo um gesto largo, de braços abertos:

— Meus Senhores, pedir-vos-emos alguns momentos de atenção! Vamos proceder à cerimónia.

Entretanto o Mordomo-mor surgia junto da mesa de honra, apresentando uma bandeja de ouro (privilégio histórico dos foros municipais) sobre a qual brilhavam os esmaltes do grande colar da Ordem Militar mais insigne do país.

A um sinal do Presidente, o hino nacional entorpeceu o ar com a respeitabilidade cívica das suas notas. Todos se levantaram, perfilando-se. Postos de novo à vontade, a mesma enti-

NÃO QUERO SER HERÓI

dade, rebuscando uma atitude solene, dirigiu-se polidamente ao homenageado:

— Quer dar-nos a honra de se aproximar...?

— E voltando-se para o lado do Mordomo-mor, começou a retirar da bandeja a cadeia preciosíssima do colar.

Ante o pasmo da Assembleia, assistiu-se então a um acto sem precedentes. Grave e sem dizer palavra, o homenageado, abandonando o cadeirão em que o tinham colocado, havia-se aproximado da mesa e começara a desprender do uniforme que envergava, as medalhas e emblemas correspondentes às múltiplas condecorações que possuía, depondo peça por peça ante os olhos desorbitados do Presidente. Este suspendeu o gesto que iniciara e, com o colar pendendo da mão imobilizada, ficou a contemplar a cena como fulminado!

Passados alguns instantes, com o peito já limpo de qualquer ostentação honorífica, o homenageado desceu com passo vivo as escadas da tribuna e, ao encontrar-se no espaço livre do hemiciclo, deteve-se de súbito. Voltou-se então para o público, percorreu com a vista as filas das bancadas onde, boquiabertos, paralisados de estupor, se alinhavam os altos dignatários, representações oficiais, autarquias, notáveis, profissões liberais, sindicatos, e ficou a considerá-

NÃO QUERO SER HEROI

-los em silêncio. Momentos de uma espera dramática. Depois, surgiu um novo motivo de assombro. Abrindo os braços, arrebatado por um repto violento onde todas as suas forças pareciam reunir-se para bem afirmarem uma exprobação condenatória, gritou para o público, — firme, desmesurado, imenso:

— É assim mesmo! Que todos me ouçam! Mesmo aqueles que vieram aqui com a pedra escondida para me aplaudir... (*Uma pausa*).

— Depois, resumindo-se:

— Meus senhores: Mas eu, porquê?... Estou, pelo que já viram, do outro lado da barreira do convencionalismo do Estado. Quanto àquele outro homem que a armadilha do vosso errado senso-comum quis trazer até aqui para o coroar de ludíbrios, de compromissos e de veneráveis chantagens, ouvi-me bem: — Eu não o serei! Não o quero ser! Não o sou!

E com uma vivacidade significativa:

— Sou simplesmente o Homem Comum. Talvez só isto: as possibilidades do Homem Comum!

— E retira-se.

Uma vozearia atroadora:

— Ele não quer ser!...

— O quê...?

— Ouviram bem? O Herói!!

NÃO QUERO SER HERÓI

De bancada em bancada:

— Não quer ser o Herói!...

— Uma monstruosidade!

— Uma deslealdade!

— Não será Nosso!

— Perderemos um grande Símbolo!

— Um grande Argumento!

O Presidente, esforçando-se por assumir um ar descontraído, faz um gesto a pedir silêncio.

Depois, simulando ainda certa gravidade:

— Meus Senhores, com efeito, perdemos uma grande razão para aquilo em que... não teríamos razão!— E mudando de tom:— Visto os acontecimentos, declaro, pois, encerrada a sessão desta Assembleia!

Entretanto, tendo-se aproximado já do portão da saída, o Herói deteve-se de repente e fitou a assistência como se fosse de novo falar. Em consequência deste movimento inesperado, todos se calaram, acicatados de ansiedade, na esperança de que uma reviravolta viesse ainda modificar o desaire da situação criada.

Com efeito, duas palavras soaram na sala como tiros de bazuca.

NÃO QUERO SER HERÓI

— Senhor Presidente?

Este, pressuroso, debruçou-se da tribuna e ficou a olhar o Herói numa atitude de extrema atenção. Os dois ficaram a olhar-se — ou melhor, a medir-se — durante uma breve pausa em que todas as respirações tinham sido contidas. Coube a este último promover o desfecho de um lance que tanto tinha de ambíguo como de dramático e cuja tensão ele dirigia a seu modo com certa dose de voluptuosidade. Logo, parecendo querer resumir num humorismo cáustico o seu comentário à derrocada de um sistema de formalismos já ultrapassados, irrompeu, sem que ninguém o esperasse, numa explosão das mais demolidoras gargalhadas:

— Ah! ah! ah!... Ah! ah ah!...

Primeiramente aturdida e em seguida contagiada, a insigne Assembeia caiu num automatismo hilariante e desatou também a rir, a gargalhar, sem se aperceber que estava funcionando contra a sua própria dignidade:

— Ah! ah! ah! ah!...

NÃO QUERO SER HERÓI

Saindo apressado, dominado pelo sentimento de que acabava de ganhar a primeira grande batalha a favor do futuro, surgiu-lhe pela frente o imprevisto. Alguém o esperava. Era a filha do homem que, na alta magistratura política, regia os destinos daquele bravo povo.

— Colossal! Singularíssimo! Parabéns. Sabia-o extraordinário mas não tão surpreendente! — E deitou-se-lhe ao pescoço.

Ele, ainda com as feições alteradas:

— Surpreendente é eu vê-la aqui... Que faz?

A boneca morena:

— Respondo-lhe com outra pergunta: — Para onde vai?

Ele, após ter buscado uma resposta:

— Quase que lhe poderia dizer que vou daqui direitinho para um outro Continente...

— África?

— África. Pátria da nossa pátria!

— É certo. Mas esqueceu-se da última palavra do nosso telefonema?

— Está muito empenhada nisso?

Ela, com um acento intencional e demorado de meiguice:

— To-tal-men-te...

Ele, não escondendo certo júbilo:

— Bem, aceito. Voltarei a sua casa. Mas,

NÃO QUERO SER HEROÍ

antes, vou a correr para o Norte, pisar de novo a minha terra natal, ressentir o cheiro dos lírios e das giestas...

— Porquê?

Ele, não escondendo certa exaltação: —

— Tenho uma palavra a dizer sobre a sepultura dalguém...

— E esse alguém...?

Ele, pondo os olhos nos olhos dela, demora-se a observá-la. Depois, com custo: —

— Era meu pai...!

— Ah!... — E após alguns momentos de reflexão: — Nesses casos, também eu tenho uma palavra a pronunciar ali. Quer levar-me consigo?

Ele, num deslumbramento:

— Sabe o que isso quer dizer?

Ela, com uma ternura súbitamente manifestada:

— Sei... que o saberei em ti!

— Em *ti*... disse! Não exagera?

— Não estou a confessar-te tudo?!

Ele, estupefacto:

— Estás a falar-me assim!... — Depois, emocionado, leva-lhe a mão aos lábios: — Queridíssima! — Conserva-lhe a mão apertada na sua e, já correndo, grita-lhe:

— Vamos, então!

NÃO QUERO SER HERÓI

E ante os olhares interrogativos da multidão, os dois abalaram à procura de uma felicidade que eles esperavam merecer e encontrar.

Ela, já a meio da fuga:

— ...E depois?

Ele, com entusiasmo:

— Iremos preparar a Nova revolução!

— Que revolução?

Ele, batendo bem as sílabas:

— A do homem pelo homem!

bibRIA

F I M

Sesimbra (Hotel do Mar),

Praia Grande.

Junho de 1967

— Janeiro de 1968.

Acabado de imprimir em 9 de
Abril de 1970, na Tipografia
Antunes & Amílcar, Lda. para
a Parceria A. M. Pereira, Lda.,
Rua Augusta, 44-54 - LISBOA

biblioteca

Depois do êxito das obras recentes — ESCANDALOSA-MENTE PURA (2.^a edição), NONO, NÃO DESEJAR A MULHER DO PRÓXIMO e SOLDADO VOLTA! (1.^o milhar esg.) — António de Cértima abre com o presente romance um novo sulco literário, talvez mais amplo e mais profundo.

NÃO QUERO SER HEROI é um livro que, a despeito do seu título, responderá às inquietações de uma geração polarizada nas equipas da acção militante e que no sacrifício e na reflexão experimentais forja o direito de guiar e robustecer a linhagem do Homem Civil. O protagonista, praticando a vida, lutando,

bibRIA



pensando, agindo; submetendo-se a todas as provas de endurecimento do carácter e deixando entrar no coração uma nesga de sonho e de dúvidas, aplica todos os recursos da sua energia indómita na persecução de um ideal combativo e inconformista: o de criar «tipos humanos, devastadores do comum» — como ele próprio se explicava.

Uma crítica lúcida dos nossos dias ou um programa para o Futuro?

De qualquer maneira, um clima novo no romance português. E um tema apaixonante para o militar, o político e o cidadão.

... e para o coração das mulheres!